

EDITORA



UnB

EDITORA
PLANO

**A repetição
em narrativas
de adolescentes:
do oral ao escrito**

Denize Elena Garcia da Silva

**Outros lançamentos da
Oficina Editorial do Instituto de
Letras da UnB**

*A garganta das coisas –
movimentos de Avalovara de
Osman Lins*

Regina Dalcastagné

*Teoria e prática de leitura, apreensão e
produção de texto*

João Batista Cardoso

Outros lançamentos da Editora UnB

A casa de Bernarda Alba

Federico Garcia Lorca

Linguagem e mente

Noam Chomsky

*Memórias do cárcere, literatura e
testemunho*

Hermenegildo José de Meneses Bastos

*A cultura popular na Idade Média
e no Renascimento*

Mikhail Bakhtin

Outros lançamentos da Plano Editora

Relação Família/Escola

Desafios e Perspectivas

Heloisa Szymanski

Decisão Liminar

A Judicialização da Política no Brasil

Ariosto Teixeira

Política e Mídia no Brasil

Epsódios da História Recente

Luís Felipe Miguel

A repetição em narrativas de
adolescentes:
do oral ao escrito

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor

Lauro Morhy

Vice Reitor

Timothy Martin Mulholland

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor

Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Lima, Airton Lugarinho de Lima Camara, Emanuel
Oliveira Araújo, Hermes Zaneti, José Maria G. de Almeida
Júnior, Moema Malheiros Pontes

OFICINA EDITORIAL DO INSTITUTO DE LETRAS

CONSELHO EDITORIAL

Almir Bruneti, Danilo Lôbo, Mark Ridd,
Henryk Siewierski, Hilda Orquídea Hartman Lontra,
Lucia Maria Pinheiro Lobato

Denize Elena Garcia da Silva

A repetição em narrativas de
adolescentes:
do oral ao escrito ^{OK}


Edunb


EDITORA
PLANO


OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

EQUIPE EDITORIAL: João Francisco Mondadori de Oliveira (Editoração eletrônica); Patrícia Campos (Capa); Wania de Aragão Costa (Revisão)

Copyright © 2001 by Denize Elena Garcia da Silva

Impresso no Brasil

Editora Universidade de Brasília
SCS Q. 02 Bloco C N° 78 Ed. OK 2° andar
70300-500 Brasília - DF Tel: (0xx61) 226-6874
Fax: (0xx61) 225-5611
editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Plano Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

S586 Silva, Denize Elena Garcia da
A repetição em narrativas de adolescentes : do oral ao escrito / Denize Elena Garcia da Silva. — Brasília : Editora Universidade de Brasília : Plano Editora : Oficina Editorial / Instituto de Letras-UnB, 2001.
214p.

ISBN 85-230-0644-3

1. Lingüística. 2. Linguagem oral. 3. Linguagem escrita. I. Título

CDU 800.855
800.852

Plano Editora Ltda.
SIA Trecho 4, Lote 2000, Sala 201 - Telefax: (0xx61) 361-1384
71.200-040 Brasília - DF
e-mail: planoeditora@terra.com.br

*Antes, ao meu Roberto.
Depois, à Roberta, à Rita e ao Lindemberg.
Agora, ao Pepê que logo, logo vai entrar na adolescência...
e também ao pequeno Paulo Augusto.*

Sumário

Apresentação 13

Introdução 17

Capítulo 1

A oralidade da linguagem frente à cultura escrita

1.1 As concepções acerca da oralidade 24

1.2 Oralidade – escrituralidade: uma equação possível 27

1.3 A fórmula oral de Homero 29

1.4 Dos valores sociais da fala e da escrita a uma ancoragem no
letramento 30

1.5 A oralidade na escrita: o fenômeno lingüístico da repetição 35

1.6 Um caminho frente a posições teóricas divergentes 39

1.7 Por que estudar a repetição? 43

Capítulo 2

A repetição

2.1 A repetição no discurso dos jovens 46

2.2 A repetição na aquisição da linguagem 48

2.3 No espaço conversacional do adulto 51

2.4 A força das motivações interacionais 54

2.5 Os estudos em português 59

2.6 A repetição no discurso escrito 64

2.7 Caracterizando a repetição 70

Capítulo 3

Um estudo qualitativo com narrativas de adolescentes

3.1 Os dados em foco 77

3.2 O discurso narrativo e o modelo de Labov 84

3.4 As unidades da estrutura de informação e os procedimentos analíticos	90
--	----

Capítulo 4

Os dois enfoques: forma e função

4.1 Os traços básicos da repetição	97
4.2 O domínio da produção	100
4.3 O domínio da segmentação	103
4.4 O domínio da distribuição	105
4.5 O domínio da configuração	109
4.6 Delimitação dos tipos formais de repetição	114

Capítulo 5

Os domínios funcionais

5.1 Uma tipologia funcional da repetição	133
5.2 Apresentação dos domínios funcionais	134
5.3 Os domínios selecionados e as funções da linguagem	138
5.4 O domínio da conexão e suas funções	141
5.5 O domínio da interação e suas funções	156
5.6 O domínio do processamento e suas funções	171
5.7 Levantamento quantitativo das funções	181
5.8 Algumas tendências na combinação das funções	187
5.9 Registros a partir da análise funcional da repetição	195
Considerações finais	199
Bibliografia	204

Quadros e tabelas

Capítulo 2

Quadro II – 1: Relação geral dos fatores tipológicos segundo Marcuschi.. 61

Capítulo 3

Quadro III – 1: As estruturas dentro de um par de narrativas em português.. 92

Quadro III – 2: As estruturas dentro de um par de narrativas em espanhol ... 94

Capítulo 4

Quadro IV – 1: Traços básicos da repetição 99

Quadro IV – 2: Tipos formais de repetição 115

Capítulo 5

Quadro V – 1: As funções da **R** de acordo com os três domínios 136

Tabela V – 1: Perfil geral das macro e microfunções da repetição nos dados em português 183

Tabela V – 2: Perfil geral das macro e microfunções da repetição nos dados em espanhol 186

Convenções de transcrição dos dados orais

Símbolos	Descrição
:	alongamento de vogal
::	alongamento maior de vogal
/	parada brusca
(())	comentários do analista
“ ”	discurso direto
...	pausa
MAIÚSCULA	ênfase na voz
<i>itálico</i>	expressões próprias da fala
,	(vírgula) entonação média
!	entonação ascendente de exclamação
?	entonação ascendente de interrogação
.	entonação descendente
/ /	transcrição parcial ou parte suprimida

Apresentação

O tema central desta obra é o fenômeno discursivo da *repetição* observado em produções de narrativas orais e escritas de pré-adolescentes e adolescentes brasileiros e mexicanos. Contudo, muito mais do que um acurado estudo textual-discursivo da repetição, este trabalho de Denize Elena Garcia da Silva, professora de Língua Portuguesa e Lingüística da Universidade de Brasília, é uma tomada de posição crítica diante de uma série de questões que permeiam o tratamento da oralidade e da escrita e das relações sócio-comunicativas na conturbada sociedade contemporânea.

Partindo de uma visão segura das relações entre oralidade e escrita como práticas sociais imbricadas e correlacionadas e não como representações concorrentes, Denize Elena distancia-se saudavelmente do paradigma dicotômico e preconceituoso ainda hoje presente em muitos manuais a respeito da questão. Assim, situada na perspectiva da Análise Crítica do Discurso, a Autora não centra sua abordagem no código nem nas estruturas ou formas lingüísticas, mas nas funções, nos processos e nas (inter)ações. É, pois, nesse contexto teórico que a repetição é considerada nos seus papéis fundamentais na produção discursiva oral e escrita, tais como o envolvimento interpessoal, a cooperação temática, a demonstração de compreensão mútua, o encadeamento

de enunciados e os processos coesivos.

Este livro mostra com clareza porque se admite hoje como fato normal a repetição de sons, itens lexicais, estruturas sintáticas e enunciados no discurso oral e derruba o equívoco das gramáticas de nosso ensino escolar que insistem em resistir à presença da repetição na escrita. Uma resistência comprovadamente infundada, já que também a escrita serve-se da repetição como estratégia de textualização em grau próximo ao da oralidade. Nas palavras da Autora, “embora o ato de repetir tenha suas raízes mergulhadas na oralidade”, as análises qualitativas e quantitativas evidenciaram que tanto para o português como para o espanhol falado e escrito, pode-se “colocar em julgamento a afirmação corrente na literatura lingüística de que a repetição é um traço central da oralidade”.

Este livro mostra, sob o aspecto funcional, que quando alguém repete a si mesmo ou o seu interlocutor isto significa que ele pode estar reforçando o já dito, ou dando uma nova acepção ao conteúdo ao situá-lo em novos contextos: a repetição não é gratuita. Central é a idéia de que repetir não é sintoma de pobreza lingüística, mas uma forma de manifestar a criatividade, já que esse ato está vinculado aos processos de produção, compreensão e conexão discursiva na atividade interacional. Esse caráter multifuncional da repetição manifesta-se não só na sua contribuição para a formatação lingüística do discurso e dos temas nele tratados, mas também na organização das relações entre os interlocutores.

Se você, ao falar com alguém, nunca repete (retoma) nada do que seu interlocutor diz, ele terá a sensação de que você não se interessa pelo que ele está dizendo. Repetir é, portanto, também uma das muitas formas de dar atenção ao outro. Com base nessas e outras posições a Autora desta obra valoriza o discurso oral de nossos jovens ao afirmar que eles, longe de evidenciarem “escassez de recursos” ao repetirem com tanta freqüência, atestam “um procedimento lingüístico fecundo na produção discursiva”. A tese defendida é a de que *repetir* não é o mesmo que “ser repetitivo”, ou seja, a *repetição* é vista como uma atividade positiva e significativa nas ações discursivas orais e escritas.

Mesmo fazendo um recorte nítido em seus materiais de análise, ao se restringir a textos narrativos e, dentro destes, focar em especial o caso dos enunciados avaliativos, as observações e análises realizadas são riquíssimas e estimulantes a todos os interessados no funcionamento do discurso oral e escrito. Principalmente hoje quando se busca valorizar o tratamento da oralidade no ensino de língua e, em especial pelo fato de se estar observando aqui aspectos dinâmicos tanto da organização textual como da organização discursiva.

Diante disso, atualidade e relevância são dois entre os muitos predicados que se podem atribuir a esta obra de Denize Elena. Atualidade do tema cujo estudo se inicia entre nós nos anos 90, sendo no entanto este o primeiro trabalho abrangente em língua portuguesa publicado sobre o assunto, embora outros tenham sido produzidos antes no mundo acadêmico. Relevância em função de seu enorme potencial aplicativo e pela maneira como a Autora soube desenvolver a questão, situando-a no contexto das práticas discursivas cotidianas. Isto sem falar no potencial que este estudo oferece para o tratamento do português e do espanhol como segunda língua, podendo-se usar estes resultados e materiais como ponto de apoio.

Mas há ainda outros aspectos singulares nesta obra. Primeiro, o fato de o tema tratar materiais coletados em contextos bem desenhados e delimitados, de difícil acesso e pouco contemplados: narrativas orais e escritas de pré-adolescentes e adolescentes na faixa etária dos 11 aos 19 anos. Segundo, a presença de um elemento peculiar e novo nos estudos lingüísticos brasileiros ao comparar narrativas de jovens de duas línguas em dois países: mexicanos e brasileiros. A circunstância feliz para esse tipo de tratamento deveu-se ao fato de Denize Elena ter-se doutorado com este trabalho na *Universidad Nacional Autónoma de México*. Uma vantagem que não pode ser aqui ignorada e que traz para a obra um componente de extraordinária significação pelo fator intercultural de grande atualidade.

Esses dois últimos aspectos tornam este estudo ímpar e meritório para além do tema que trata por ser uma das primeiras obras publicadas em língua portuguesa na área da interação verbal com materiais orais e escritos, incluindo o Brasil e outro país de fala espanhola,

no caso, o México. Para tanto, foi necessária uma metodologia específica (que vem claramente descrita na obra) e um domínio muito grande de situações interculturais. O interessante é que os resultados, seja em termos quantitativos, avaliativos e funcionais, não diferem significativamente para as duas línguas, o que comprova a universalidade do fenômeno *repetição* como estratégia de formulação textual.

A partir das poucas observações aqui trazidas, não me restam dúvidas de que esta obra deverá servir de estímulo e inspiração a professores, pesquisadores e estudantes em suas atividades no tratamento de questões da língua, cumprindo-se assim um dos propósitos de Denize Elena quando lembra que “o objetivo central deste livro terá sido alcançado se o que foi discutido aqui contribuir para uma nova postura, sobretudo no trabalho da escola com a língua materna”.

Luiz Antônio Marcuschi
Recife, julho de 2000

Introdução

Este livro está dedicado essencialmente ao estudo do fenômeno lingüístico da repetição, associando forma e função com ênfase na perspectiva funcional da linguagem. Trata-se, em princípio, da reintegração e ampliação de um dos aspectos que constatei em estudos anteriores a respeito de traços de oralidade, que se projetam com funções relevantes, no discurso narrativo escrito de adolescentes brasileiros (Silva, 1991) e que, posteriormente, tive a oportunidade de investigar dentro do espanhol, com adolescentes mexicanos (Silva, 1996).

De modo geral, o termo repetição encontra-se, aqui, associado à reaparição de um ou mais elementos lingüísticos depois de sua primeira ocorrência dentro de um mesmo texto, seja este de natureza oral ou escrita. Considera-se conveniente esclarecer também que o vocábulo “repetição” caracteriza um fenômeno cuja realização, através de formas lingüísticas iguais ou semelhantes, permite ao falante ou escritor expressar alguma coisa outra vez com o fim de que algo de novo possa ser acrescentado à informação. Enfocar tal manifestação lingüístico-discursiva nas duas modalidades da língua implica, desde o início, a necessidade de correlacioná-la com os parâmetros relativos

à questão oralidade/ língua escrita. Esta é a razão da existência dos dois temas no livro que tem como objetivos específicos, por um lado, demonstrar que a repetição cumpre funções significativas no discurso oral e no discurso escrito e, por outro, corroborar a tese de que se trata de um fenômeno que constitui um recurso básico no desenvolvimento das habilidades discursivas e gramaticais, não só no que tange à língua falada, mas também à escrita.

Independente dos valores sociais atribuídos à linguagem falada e à escrita, existem várias dimensões que sustentam uma escala de contraposições entre o oral e o escrito. A acepção mais comum que marca o contraste entre as duas modalidades refere-se ao meio de produção: os enunciados orais manifestam-se em cadeias sonoras, enquanto os enunciados escritos são representados graficamente. Outro sentido consiste na oposição entre duas circunstâncias de enunciação: enquanto os enunciados orais pressupõem proximidade e apoio contextual, os enunciados escritos implicam uma independência relativa do contexto. Em razão desses dois parâmetros, existem estudiosos que afirmam que os procedimentos utilizados para lograr o efeito máximo nos dois meios devem ser diferentes e supõem que a transposição de recursos do oral para o escrito não será funcional, ou seja, implicará falhas ou lacunas no enunciado e, conseqüentemente, na comunicação. Não obstante, existem múltiplas razões para as possibilidades de transposição de procedimentos de um meio ao outro, entre elas o caráter interativo da linguagem. Desde essa perspectiva, encontra-se uma terceira posição que, embora reconheça a distinção entre estilo falado e estilo escrito, permite destacar a possibilidade da presença de recursos de um meio em outro. É precisamente dentro desta última dimensão que se buscará discutir o fenômeno da repetição, o qual será enfocado como um procedimento constante do discurso oral que pode cumprir funções dentro do discurso escrito.

Uma meta essencial neste estudo é mostrar que a repetição é fundamental nos processos de produção e compreensão dos discursos oral e escrito. Configura-se como um recurso por meio do qual o falante ou escritor executa operações diversas no interior do seu discurso, ora para favorecer a construção textual, ora a fim de estabelecer vínculos

que contribuem para a organização do discurso e para apoiar as redes de interação. Abordar sua presença no texto escrito desde um ângulo positivo constitui outra contribuição deste trabalho. No horizonte, está a intenção de desestigmatizar o uso desse recurso lingüístico, principalmente no contexto escolar. Cabe aqui advertir que não se trata de sustentar o emprego obstinado de um procedimento lingüístico, tampouco de incentivar a aquiescência de seu uso desordenado nas práticas discursivas. O interesse é chamar a atenção para o perfil genuíno de um fenômeno, cuja ocorrência há encontrado barreiras difusas e estendidas baseadas nas tradições da gramática normativa, embora cumpra funções representativas nas duas modalidades da linguagem.

Além disso, a literatura lingüística tem indicado um interesse crescente pelo tema da repetição. No Brasil, trabalhos como os de Bessa Neto (1991), Luis A. Marcuschi (1992), Ingedore Koch (1993), Ataliba de Castilho (1998) e Mariangela de Oliveira (1998) comprovam a importância do fenômeno, desde o ponto de vista funcional discursivo.

O estudo que se propõe discutir, aqui, constitui o primeiro acercamento à caracterização das formas e funções da repetição na linguagem dos adolescentes, tanto no espanhol mexicano quanto no português brasileiro. O acesso ao fenômeno se deu a partir de textos orais e escritos produzidos por jovens que conformam dois grupos de idade: pré-adolescentes de 11 a 14 anos e adolescentes de 15 a 19 anos. De acordo com os estudos de W. Labov (1972,1984), os pré-adolescentes e os adolescentes conformam um grupo social que se encontra em plena aquisição e desenvolvimento da variedade vernácula. Para obter amostras dessa variedade de linguagem, buscou-se suscitar narrativas de experiências pessoais. Isso porque a narração constitui um gênero ubíquo relacionado a uma atividade socialmente inerente a qualquer indivíduo, já que contar histórias faz parte de um comportamento humano característico e universal em termos antropológicos. Ademais, já se há comprovado que ao narrar experiências de caráter pessoal os indivíduos não se preocupam com o modo de falar, pondo de manifesto um estilo de fala bastante casual e espontâneo.

Os dados do espanhol e do português foram colhidos em situações similares, embora em contextos diferentes. No México, buscou-se

duas escolas da rede de educação básica (uma particular e a outra pública) e uma da rede pública de ensino médio. No Brasil, os dados foram coletados em três escolas de ensino médio: duas da rede pública e a outra particular. A alusão ao contexto escolar implica aproximar o fenômeno da repetição a um espaço microssocial representativo de uma comunidade, enquanto a referência ao fator idade permite estabelecer a relação do referido fenômeno ao indivíduo e, ao mesmo tempo, vincular o mesmo à sua condição de integrante de um grupo social, no caso: o grupo dos adolescentes. Trata-se de perspectivas que permitem examinar a repetição dentro de um contexto mais amplo, já que ultrapassam e compreendem a um tempo as instâncias mais imediatas de sua realização, ou seja, o discurso oral e o discurso escrito.

O livro está estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo envolve questões a respeito da oralidade e do letramento. Apresenta-se também três perguntas que constituem guias operacionais do microtema em estudo: (a) quais são os tipos e funções da repetição no discurso oral e no discurso escrito?; (b) compartilham o oral e o escrito procedimentos que evidenciam funções análogas no que diz respeito à repetição?; (c) se diminuem as repetições na escrita, desaparecem as funções ou estas se cumprem com outros procedimentos?. Para responder a essas perguntas, os capítulos subsequentes são desenvolvidos do seguinte modo.

No segundo capítulo, busca-se examinar os estudos que enfocam a repetição no discurso oral e no discurso escrito. A revisão dos trabalhos que têm investigado as formas e funções do referido fenômeno nas duas modalidades da linguagem, além de contribuir para a delimitação do marco teórico, permite caracterizar a posição do presente estudo.

No terceiro capítulo, são discutidos os procedimentos teórico-metodológicos mediante os quais foram recolhidos os dados para estudo. O processo de coleta de dados, assim como sua descrição e interpretação caracterizam a natureza da investigação. Trata-se de uma pesquisa fundamentalmente qualitativa.

No quarto capítulo, discute-se as categorias analíticas concernentes à forma e função da repetição. Embora o enfoque seja funcional, privilegia-se também a forma, já que esta viabiliza o caminho

para chegar-se à função. Em seguida apresenta-se uma série de componentes ou traços estruturais da repetição, cuja descrição explicita a metodologia para delimitação e identificação empírica dos segmentos repetidos nos textos narrativos orais e escritos, em espanhol e em português.

O quinto capítulo está dedicado à apresentação de uma tipologia funcional da repetição, a qual se busca associar com as funções da linguagem. A meta é explicar a plurifuncionalidade dos segmentos repetidos, delimitados empiricamente nas narrativas orais e escritas, tanto em português como em espanhol, baixo a lupa de uma rede tipológica que resulta, por sua vez, de componentes funcionais pertinentes a três domínios de natureza semântico-pragmática.

Como considerações finais, conclui-se o estudo com as implicações e relevâncias do fenômeno da repetição, apontando algumas observações que podem ser vistas como uma forma de contribuição para as práticas reflexivas dos professores de redação.

Capítulo 1

A oralidade da linguagem frente à cultura escrita

A oralidade é, em princípio, um processo natural de comunicação lingüística que antecede ao processo de educação formal direcionado à lectoescritura ou, de maneira geral, ao letramento. Por um lado, a oralidade pode ser caracterizada como origem e berço da cultura popular que, por sua vez, tem sustento, conservação e retorno basicamente na comunicação oral. Por outro, o termo ‘oralidade’ tem sido utilizado para distinguir sociedades essencialmente orais ou, ainda, para caracterizar as formas de falar que se encontram tanto em culturas que desconhecem como nas que fazem uso da escrita. As expressões *oralidade e oralismo*, conforme registra Erick Havelock (1995:17), referem-se a sociedades inteiras que se valem da comunicação oral, dispensando a escrita.

A lectoescritura, por sua vez, envolve não só as questões

de leitura e escrita, mas também as práticas sociais de uso da linguagem. Nesse sentido, pode ser associada ao letramento, termo que remete à magnitude da expressão *cultura escrita* (Havelock, 1995). É oportuno mencionar que a literatura lingüística recente aponta o letramento (*literacy*) como um fenômeno cultural mais amplo (Barton, 1994), que permite reconhecer a continuidade entre as modalidades oral e escrita da linguagem (Street, 1984; Garnton & Pratt, 1989; Kleiman, 1995).

1.1 As concepções acerca da oralidade

Discutir a oralidade exige um acercamento inicial às idéias de antropólogos e sociólogos, os quais muito têm registrado sobre suas pesquisas de campo sobretudo em sociedades ágrafas. Cabe mencionar que se trata de estudos que lograram mergulhar na história das culturas orais antes que a forma verbal fosse plasmada por escrito naquelas sociedades.

Há quarenta anos atrás aproximadamente, surgiu uma dimensão moderna de considerar-se o discurso oral. Na realidade, tratava-se do enfoque proveniente de incursões novas de investigadores culturais no campo da oralidade, os quais encontraram uma resistência manifesta entre os antigos lingüistas, principalmente quanto à idéia de comparar as modalidades oral e escrita da linguagem. Isto, porque a escrita era concebida apenas como uma espécie de complemento da palavra falada. A esse respeito, a concepção de que a escrita simplesmente representa de forma visível a língua falada refletia, então, não só a opinião de Saussure, mas também a de Sapir, Hocket e Bloomfield (cf. Ong, 1987:25). Ao lado disso, apesar do afã estruturalista e da dedicação no que diz respeito à análise minuciosa e exaustiva da palavra, em seus aspectos de significante e significado, os lingüistas não haviam examinado ainda a fala de uma tradição intensamente oral em contraste com a palavra escrita, produzida obviamente por pessoas com conhecimento das formas de expressão utilizadas na escritura.

Assim é que, entre os anos sessenta e setenta, a oportunidade de conhecer os modos de pensamento e sua expressão verbal, herdada

tão somente de uma sociedade prístina oral, motivou o desenvolvimento de estudos comparativos entre culturas orais (sem conhecimento algum da palavra escrita) e culturas com entendimento e uso da escritura. Não obstante, a importância dos contrastes lingüísticos, os quais se evidenciam mediante as diferenças de sociedades distanciadas culturalmente, mais que gerar teorias e fomentar reflexões voltadas para a variedade de aspectos pertinentes à comunicação humana, implicou o aparecimento de uma questão polêmica: a oralidade em oposição à cultura escrita.

As implicações das novas descobertas, ou seja, de uma maneira de expressar verbalmente o pensamento de modo diferente e alheio às formas de expressão de uma sociedade com cultura escrita, deu origem a uma linha de estudos contestável, ainda que muito forte, inspirada em trabalhos procedentes da antropologia social, como os de Jack Goody e Ian Watt (1963) e Goody (1977); da filosofia clássica, como o de Eric Havelock (1963) e de Walter Ong (1977) e, ao mesmo tempo, da psicologia com seu representante David Olson (1977). Surgiu, naquela época, a denominada hipótese da “grande divisão”, debilitada anos depois justamente pela inclusão da diferença – *letrados/não-letrados* – entre os grupos sociais e os indivíduos. Tal diferença tem constituído, de fato, o reflexo da hipótese da cultura escrita/oralidade (*orality/literacy*) que, em poucas palavras, se apóia na suposição de que a escrita favoreceria a memória *verbatim* e abstrata e, conseqüentemente, o pensamento lógico, enquanto a memória situacional e concreta estaria associada à tradição oral e ao pensamento “rapsódico”.¹ Desde essa perspectiva, o discurso escrito é caracterizado como descontextualizado e autônomo, enquanto o discurso oral é dependente do contexto (*cf.* Chafe e Tannen, 1987: 391-2).

Em comparação com outros estudiosos, os antropólogos são

¹ O termo “rapsódico” – (do grego *rhapsoiden*, ‘*coser um canto*’ – *rhapten*, coser; *oide* canto) – é sugerido por Ong (1977, 1982), para quem a tradição oral é elaborada basicamente por um tecido ou costura de expressões formulaicas da língua. Ver também Ong (1987: 22).

os que têm aprofundado e discutido mais diretamente a matéria oralidade em oposição à escrita. Como uma reação crítica contra o modelo dualístico – evidenciado na coexistência do ‘primitivo’ e ‘moderno’, do ‘mitológico’ e científico’, do ‘pré-lógico’ e ‘lógico’ – proposto por antropólogos sociais de sua época, Goody (1977) enfoca a escrita, acreditando que sua presença tornaria possível a distinção entre uma cultura oral e uma cultura letrada, esta caracterizada como moderna e científica em oposição à primeira, considerada primitiva e mitológica. Para o referido antropólogo, a relação entre a palavra e seu referente seria mais geral e abstrata na escrita, sendo esta última menos relativa às especificações de tempo e lugar, que dizer, menos concreta se comparada às formas da comunicação oral. Com efeito, aqui, o parâmetro da abstração estaria diretamente dependente da escrita. Esta concepção, ainda que pese a fundamentação teórica de Goody, quem se baseia não só em Parry, Lord e Havelok, mas também na obra de outros clássicos, conforme lembra Ong (1987: 36), também tem sido alvo de críticas.

É conveniente registrar que, de acordo com Brian Street (1984:44), a escrita, desde o ponto de vista de Goody, estaria relacionada essencialmente com o pensamento lógico ao fomentar e até mesmo impor seu desenvolvimento; seria responsável pela criação da burocracia e pela transformação de comunidades pequenas em culturas complexas; faria emergir o pensamento científico e as instituições inclusive os processos políticos e democráticos. Desde essa perspectiva, a capacidade de abstração, adverte Street de modo contundente, estaria ausente dos grupos iletrados que seriam, portanto, privados do pensamento lógico e científico.

Pode-se sustentar as observações críticas de Street, evocando as palavras de Claude Lévi-Strauss (1976:19) quem, ao referir-se a línguas que não possuem termos para expressar conceitos mais genéricos como “árvore” e “animal”, afirma o seguinte: “...invocando casos em favor de uma suposta inaptidão dos ‘primitivos’ ao pensamento abstrato, omitiríamos outros exemplos que atestam que a riqueza em palavras abstratas não é só apanágio das línguas civilizadas”.

O referido antropólogo estruturalista deixa implícita sua crença

de que o pensamento abstrato supera a dicotomia clássica primitivos/civilizados. A propósito, para Lévi-Strauss, o pensamento concreto de grupos não-letrados se distingue do pensamento científico porque, ao usar a natureza como símbolo, aproxima-se da percepção sensorial e estética do mundo. A ciência, ao contrário, procura afastar-se do tipo de conhecimento relacionado diretamente e de modo exclusivo às sensações.

Enquanto os adeptos e mesmo os críticos da hipótese da ‘grande divisão’ se empenham em investigar a matéria cultura escrita/oralidade em termos de estruturas bipolares, outros estudiosos têm buscado descrever a mudança da oralidade à escritura. Deve-se, aqui, destacar o trabalho posterior de Ong, cujas idéias constituem uma fonte inesgotável de referência para todos aqueles que elegem a interface oralidade/cultura escrita como linha de estudo.

1.2 Oralidade – escrituralidade: uma equação possível

Em seu livro *Oralidade e escritura* (1982), Ong afirma que é das culturas orais “primárias” que se originam as representações verbais de grande valor artístico e humano, o que pode ser ameaçado pela palavra escrita, uma vez que esta se apossa da *psique*. E nesse sentido, adverte o autor que o conhecimento da escrita, embora seja absolutamente necessário para o desenvolvimento da sociedade, das ciências e para esclarecer a própria língua, constitui um perigo se não é utilizado dentro dos princípios éticos, distantes do rechaço aos antecedentes orais. Por outro lado, observa, ainda, que a oralidade não constitui um ideal e nunca o foi. Além disso, sempre segundo Ong, examinar de maneira positiva a tradição oral não significa defendê-la como um estado permanente para toda cultura. O domínio da palavra escrita, com efeito, abre possibilidades para o enriquecimento do discurso oral e, ao mesmo tempo, para a ampliação do conhecimento e da compreensão desde o ponto de vista sócio-cultural. Vale a pena registrar a seguinte argumentação do autor:

As culturas orais hoje em dia estimam suas tradições orais e se

atormentam pela perda das mesmas, mas nunca encontrei nem tenho ouvido falar de uma cultura oral que não quisesse alcançar o mais rápido possível o conhecimento da escrita. (...) Do mesmo modo, a oralidade nunca pode eliminar-se por completo: ao lermos um texto o “oralizamos”. Tanto a oralidade como o surgimento da escrita a partir da oralidade são necessários para a evolução da consciência.

(Ong, 1987:169)

Ong enfatiza que o vínculo que se estabelece entre o caminhar da oralidade à escritura não é uma questão de reducionismo mas, sim, de correlação. Os parâmetros propostos pelo autor servem como orientação para compreender não só as mudanças sociais e a evolução do pensamento no processo contínuo e solidário do oral ao escrito, mas também para lançar luz ao enfoque da linguagem em termos de sua natureza dialógica e seu caráter interativo. Ong observa, por exemplo, que o falar pressupõe a necessidade de dirigir-se a outro(s). Ainda que em situações de solilóquio, quando alguém fala consigo mesmo, é necessário simular a presença do outro, posto que “o que digo depende da realidade ou fantasia da que creio estar falando, quer dizer, das possíveis reações que posso antecipar” (Ong, *op cit.* p.170). Nessa perspectiva, o autor comenta que as pessoas, ao formularem qualquer mensagem, já devem ter em mente o outro, ou outras pessoas, o que implica reconhecer que a comunicação humana se caracteriza por uma subjetividade recíproca.

Esse procedimento dialógico interior a que se refere Ong parece basear-se não só na presença do outro (interlocutor virtual), mas também nas evocações que se constrói ou que já se tem prontas na mente. Trata-se de evocações que, formuladas como mensagens, podem configurar-se na imaginação como *vozes escritas* ou como *signos falados*.² Isso permite conjecturar, ainda, que as motivações cognitivas costumam emergir impregnadas do processo inerente à oralidade,

² As expressões *vozes escritas* e *signos falados* foram colhidas no livro de Egbert Baker & Ahuvia Kahane (eds.) : *Written voices, spoken signs: tradition, performance, and the epic text*. Cambridge, Mass.: Harvard UP (1996).

o qual vai ser conjugado ao uníssonos com uma espécie de 'escrituralidade' assimilada no interior da mente, esta obviamente conhecedora da escritura.

Cabe, aqui, registrar com referência ao mencionado anteriormente, a seguinte explicação de Wulf Oesterreicher (1996:6): "o campo contínuo entre a oralidade e a escrituralidade é de natureza conceptual, quer dizer, é independente da realização fônica ou gráfica do discurso". Neste sentido, pode-se conjecturar que, no âmbito dos domínios cognitivos, o aspecto fônico relativo ao oral e o aspecto gráfico pertinente ao escrito coexistem em harmonia, ou seja, não parecem motivar forças internas em competição. Quanto ao termo 'escrituralidade', ainda que pese seu caráter de neologismo, considera-se oportuno empregá-lo, principalmente por sua pertinência às conjecturas aqui apresentadas dentro de uma perspectiva lingüístico-discursiva, qual seja, semântica e pragmática ao mesmo tempo.

1.3 A fórmula oral de Homero

O interesse pela compreensão da trajetória da oralidade e suas marcas tem encontrado terreno fértil também entre os estudiosos literários, principalmente a partir da tese de doutorado de Milman Parry (1928) publicada sob o título: *O epíteto tradicional em Homero*. Enfocando a construção do verso e as formas das palavras nos poemas que conformam a *Ilíada* e a *Odisséia*, Parry conseguiu demonstrar que Homero usava fórmulas pré-fabricadas, expressões fixas e epítetos que se concentravam em torno dos mesmos temas, os quais também eram apresentados de modo análogo. Conforme registra Ong (1987:29), estudos posteriores à grande descoberta de Parry permitem destacar, por exemplo, que os epítetos homéricos empregados para o vinho apresentavam-se metricamente distintos. Além disso, a eleição de um epíteto não estava diretamente vinculada a seu significado, mas, sim, às necessidades métricas do fragmento de que fazia parte.

Em poucas palavras, a descoberta de Parry fez emergir a base da expressão do poeta mais famoso da herança ocidental, qual seja,

os métodos orais de composição. Tal constatação, na época, implicou um princípio paradoxal, uma vez que os letrados haviam aprendido a desconsiderar os textos em que figuravam as frases feitas, as expressões formulaicas, enfim, tudo o que envolvia lugar comum, trivialidades. Não obstante, estudos posteriores realizados por Albert Lord (1960) e Erick Havelock (1963), os quais deram continuidade às idéias de Parry, confirmaram definitivamente que os poemas de Homero evidenciam, em sua maioria, fórmulas pré-fabricadas mediante as quais o bardo conseguia armazenar a informação, cumprindo, deste modo, um dos propósitos do poema épico. A esse respeito, Havelock comenta que a importância da contribuição de Parry repousa no conceito de armazenamento de material na memória oral.

A concepção de Parry pôde ser ampliada e, com base nela, o próprio Havelock conseguiu verificar que os poemas homéricos equivalem a grandes depósitos de informação cultural sobre os costumes, a lei, a propriedade social que também haviam sido registradas. Resulta que, sempre de acordo com Havelock, tanto os mecanismos da memória oral, baseados na repetição e no uso de fórmulas fixas, quanto a função didática da palavra poética enquanto veículo rítmico e depósito de informação, foram paulatinamente substituídos, embora dentro de um espaço de vários séculos, por outras técnicas pertinentes à escrita. Técnicas estas surgidas, obviamente, dentro de um contexto social de letramento ou de cultura escrita.

1.4 Dos valores sociais da fala e da escrita a uma ancoragem no letramento

Na maioria das comunidades letradas, a língua escrita tem uma prioridade social sobre a língua falada em decorrência de seu prestígio e reconhecimento oficial freqüentes. Todavia, pode-se afirmar que a tradição literária não suplanta a oral. Conforme registra Deborah Tannen (1982b: 3), “quando o letramento é introduzido em uma cultura, há uma sobreposição e entrelaçamento entre as duas modalidades da língua”. Pode-se entender por letramento não só a prática, mas

também os eventos relacionados ao uso, função e impacto da escrita na sociedade (Kleiman, 1990). Nessa perspectiva, o letramento perpassa frequentemente as formas da oralidade no cotidiano.

Com o objetivo de entender porque se atribuiu tanta importância ao letramento, Suzzane Romaine (1984) realizou um estudo minucioso, buscando contextos históricos nos quais vários tipos de letramento se desenvolveram. A pesquisadora britânica chegou a um fator relevante, qual seja, o letramento é sempre associado ao poder, embora o uso da língua para exercê-lo não se restrinja apenas a comunidades letradas. Tal constatação aproxima-se do pensamento de Bourdieu (1983:160), para quem a língua “não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas instrumento de poder”.

Em uma de suas conclusões, Romaine sugere que as chamadas culturas orais e culturas letradas não podem ser explicadas pela referência às dicotomias cognitivas ou em termos evolucionários simplistas, mas em termos de organização social. Enfatiza que, em decorrência do avanço da tecnologia da informação e comunicação, convenções do discurso e usos da língua têm crescido, demandando a necessidade de serem aprendidas mediante uma escolarização especial. Além disso, como bem observa a autora: “as sociedades distribuem seus recursos comunicativos de maneira diferente e os indivíduos desenvolvem suas habilidades no contexto das riquezas a que têm acesso” (*ibid.*:201). Nessa perspectiva, pode-se inferir que o uso social da língua falada e da língua escrita guarda relação, de um lado, com o modo pelo qual a transmissão de recursos comunicativos é controlada e, de outro, com a estratificação das classes sociais.

Deve-se lembrar que, mesmo nas sociedades mais desenvolvidas e democráticas, a escola é efetivamente uma das instituições de controle e distribuição desses recursos comunicativos. E nos países emergentes e com uma cultura de democracia, como o Brasil e o México (Peón, 1992), por exemplo, o sistema educacional ainda se encontra defasado com relação a um aparato teórico-metodológico que possibilite aos alunos desenvolverem suas habilidades orais. E o mais agravante é que a escola, ao ignorar a variedade não-padrão do repertório

lingüístico do aluno, exigindo registros voltados para formas letradas de expressão, muitas vezes perpetua desigualdades e preconceitos sociais, a começar, por exemplo, pelo ensino da língua materna quando permite que traços da oralidade sejam rejeitados no discurso escrito dos alunos. Isso porque, como enfatiza Magalhães (1991a:9):

“É a língua escrita que tem prestígio social. Tal prestígio se mostra de forma contundente em nosso sistema educacional e na organização jurídica da sociedade. É a língua escrita, freqüentemente a língua literária, que se ensina nas escolas. Não existe entre nós uma tradição de estudo da língua oral. Todo o ensino de português, no Brasil, restringe-se ao português escrito. Por outro lado, são as formas escritas que têm peso no direito. Determinadas decisões devem ser tomadas por escrito e assinadas. Pode-se pronunciar um nome próprio de várias maneiras, mas sua grafia não pode ser alterada. Dessa forma, a escrita é pública e oficial, enquanto a fala não”.

Observa-se, assim, que a língua escrita mantém o seu prestígio sobre a língua oral porque representa padrões sociais e culturais que têm na escola um de seus instrumentos de manutenção e, em condições propícias, de reprodução. No entanto, sabe-se que a superioridade da escrita é puramente funcional, uma vez que decorre de fatores políticos, econômicos e sociais.

Por outro lado, existem duas questões que podem ser relacionadas com as dificuldades que envolvem o processo de ensino/aprendizagem da língua materna na escola: trata-se da desvalorização das práticas discursivas orais na sala de aula, assim como da ausência de uma dinâmica pedagógica que permita aos alunos verbalizar sua experiência de vida e exercer, conseqüentemente, seu direito à palavra. Considera-se que dar oportunidade ao aluno de expressar-se oralmente, incentivá-lo a compartilhar dentro da sala de aula sua ‘leitura do mundo’, como sugeria Paulo Freire (1978), implica abrir caminhos que, em lugar de favorecer a passividade cognitiva, possibilita a ampliação da competência pragmático-discursiva e, o mais importante, o desenvolvimento harmônico da linguagem escrita.

Eis algumas razões pelas quais se aponta também o valor da modalidade oral. Sabe-se que toda língua se concretiza em uma realização

oral e que, além disso, a fala é historicamente anterior à escrita. Mesmo agora, no século XXI, há línguas no mundo que só existem na modalidade oral, embora possam pertencer a comunidades que tenham conhecimento da existência da escrita em outras línguas (Stubbs, 1980: 25-8). Este é o caso da maioria das comunidades indígenas do Brasil.

A modalidade oral é ainda tomada como básica por ser um instrumento social constante na expressão do pensamento e na interação comunicativa. No Brasil, de um ponto vista quantitativo, há o predomínio do oral sobre o escrito. Isso porque a nação passou de uma oralidade baseada no contato pessoal para a oralidade eletrônica dos meios de informação, sem firmar uma tradição de escrita menos formal que a imposta pela norma culta. Além do mais, como discute Basílio (1987), deve-se lembrar que as alternativas de transmissão de mensagem (gravação, banco de dados) e a difusão dos meios de comunicação (rádio, televisão) restringem cada vez mais a utilização da escrita ao necessariamente formal.

Desse modo, embora mantenha o seu valor de prestígio em muitos setores da sociedade, como veículo de informação científica e tecnológica, é fato que a escrita é um código restrito de formas e recursos lingüísticos em comparação com a fala (Kress, 1979). Uma prova recente disso é a linguagem dos *chats* (bate-papos) na internet, que se caracteriza como um discurso híbrido por mesclar o estilo oral com o escrito. Os “internautas” criam, a cada dia, novos usos de recursos gráficos convencionais, e até mesmo símbolos icônicos, numa tentativa de suprir em seus ‘bate-papos’ os recursos lingüísticos e paralingüísticos próprios da fala.

Os julgamentos feitos com relação à superioridade de uma modalidade sobre a outra decorrem não da funcionalidade, mas dos valores sociais atribuídos a cada uma. Kress (1979) aponta duas razões para a avaliação de superioridade da escrita: o efeito do sistema educacional e o efeito reforçador do sistema social. Quanto à primeira razão, argumenta o lingüista britânico que a escola reforça a superioridade da escrita sobre a fala mediante um ‘processo invisível’, ainda que sistemático, decorrente da imposição que pais e professores fazem às crianças quanto ao uso apropriado da língua escrita. O efeito

reforçador do sistema social pode ser evidenciado no seguinte exemplo: qualquer indivíduo que deseja identificar-se com um grupo social de prestígio, e mais, que espera ser aceito, adapta seus hábitos lingüísticos ao desse grupo.

Em geral, os estudos comparativos entre a língua oral e a língua escrita ainda enfatizam muito as diferenças em detrimento das similaridades. Esta parece ser também a visão de Mary Kato (1987a:30), quem afirma o seguinte:

“...a língua escrita não pode ser definida como um conjunto de propriedades formais, invariantes e distintas da língua falada. As modalidades oral e escrita da linguagem apresentam uma isomorfia parcial, porque fazem a seleção a partir do mesmo sistema gramatical e podem expressar as mesmas intenções”.

De acordo com a referida lingüista, as diferenças entre as duas modalidades vão ser determinadas pelas condições de produção, desde o grau de dependência do contexto situacional (maior na língua oral que na escrita), passando pelo grau de planejamento responsável pelo nível de formalidade (do informal ao formal gramaticalizado) até a sujeição da escrita a convenções de ordem prescritiva. Kato sugere que, em se tratando do mesmo gênero – e este é o caso dos dados aqui trabalhados, quais sejam, narrativas orais e escritas em português e em espanhol – a possibilidade de similaridades formais será maior dentro da escala casual/formal, guardadas as possibilidades do grau de tensão estilístico-gramatical para a modalidade escrita.

Dentro do ponto de vista que norteia as reflexões aqui apresentadas, pondera-se que a fala e a escrita constituem dois sistemas discursivos que, apesar dos diferentes valores sociais, complementam-se, sendo este o motivo pelo qual se deve considerá-los como formas de comunicação igualmente importantes. Além do mais, concorda-se com Magalhães (1991a) quanto à necessidade de se valorizar o desenvolvimento da oralidade para a garantia do amadurecimento na escrita ou, em outras palavras, para uma ancoragem segura no letramento.

1.5 A oralidade na escrita: o fenômeno lingüístico da repetição

Em princípio, cabe recordar que, na obra de Vygotsky (1940), já se encontram algumas observações que refletem a diferença que existe entre o ensino da língua escrita e a língua falada no contexto escolar. O psicólogo soviético, em seu livro *O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*, afirma que o ensino da língua escrita se há estabelecido em termos pouco práticos; enfatiza que a linguagem escrita se baseia em uma instrução artificial, o que demanda muita atenção e esforço não só do professores, mas também dos alunos. Como consequência, a construção da escrita resulta em um processo enclausurado em si mesmo, além de confinar a segundo termo a 'linguagem escrita viva'. Conforme argumenta o autor, "em lugar de basear-se nas necessidades das crianças à medida que se vão desenvolvendo e em suas atividades, a escritura se lhes é apresentada desde fora, ou seja, desde as mãos do professor" (tradução do espanhol, 1988:160).

Ressalte-se que, ainda em nossos dias, esse é o modo como em geral o ensino da escrita mantém-se distante das experiências cotidianas com a linguagem. Na verdade, embora já tenha passado mais de cinquenta anos desde as asseverações de Vygotsky, ainda predomina hoje uma situação artificial no ensino da escrita. Em outras palavras, não se dá oportunidade ao aluno de expressar-se numa 'linguagem escrita viva'. Considera-se como linguagem escrita viva a variedade da língua através da qual não só as crianças como também os adolescentes podem expressar suas idéias, refletindo suas experiências com a linguagem falada.

Deve-se levar em conta que, em comparação com as crianças, os adolescentes têm mais desenvolvidas as estratégias de produção da língua oral, embora se encontrem ainda, como aquelas, em plena etapa de transição de letramento ou, em termos mais amplos, no começo de uma rota de acesso à cultura escrita. Esta é a razão pela qual geralmente organizam suas idéias na escrita de acordo com sua experiência na fala. Obviamente, nesse processo, os recursos lingüísticos que servem à modalidade oral aparecem em sua produção escrita. Entre estes recursos está a repetição.

A presença do fenômeno lingüístico da repetição no discurso oral e escrito, tanto de adolescentes brasileiros quanto de adolescentes mexicanos, deve ser examinada, inicialmente, à luz de alguns estudos que envolvem a questão da oralidade na escrita. É oportuno buscar as idéias de Ong, cujo trabalho representa, como já foi mencionado anteriormente, uma linha de investigações surgida há anos atrás sobre o tema da oralidade da linguagem nas culturas escritas.

Ao focar a relação entre a fala e a escrita, Ong (1987:20) nos permite constatar que o fenômeno lingüístico da repetição, tomado como um dos meios de articulação do pensamento e expressão, encontra raízes profundas e antigas surgidas na oralidade. Com base nessa relação, o autor sugere a distinção entre culturas orais ‘primárias’ e ‘secundárias’, denominando ‘primária’ a oralidade de uma cultura que carece de todo conhecimento da escritura (ou da impressão), em contraste com a oralidade secundária, cuja existência resulta de uma cultura de alta tecnologia, que faz uso intenso da escrita, embora mantenha a oralidade de maneira decisiva.

Cabe, aqui, destacar que é nessa cultura de oralidade ‘secundária’ – onde perpassam de maneira sutil e dissimulada, mas decisiva, as formas orais de expressão – que vivem os jovens adolescentes cujos textos orais e escritos constituem os parâmetros do nosso objeto de análise, qual seja, a repetição. Para compreender o fenômeno da repetição dentro de uma cultura de oralidade secundária, é interessante registrar, ainda que de maneira sucinta, o estudo que demonstra sua origem na oralidade ‘primária’. Ao caracterizar os traços básicos da oralidade ‘primária’, Ong (1987:41) faz a distinção entre *recursos mnemotécnicos* e *fórmulas* que implicam dois modelos determinantes com relação não só aos modos de expressão, mas também aos processos de pensamento. No primeiro modelo – o mnemônico – o pensamento articular-se-ia por meio de expressões com ritmos, repetições ou antíteses, aliteraões ou assonâncias e epítetos, enquanto no segundo modelo – o formulaico – o pensamento seria expresso por meio de marcos temáticos comuns, provérbios e fórmulas consagradas entre outros, o que permitiria seu reconhecimento, memorização e transmissão

por parte de todas as pessoas de uma dada cultura.

Por um lado, tanto o modelo mnemônico quanto o formulaico compreendem procedimentos de repetição que operam desde o plano de expressão até o plano de conteúdo da linguagem, onde se encontram as “lexias memorizadas do discurso”.³ Por outro lado, os traços básicos da oralidade sugeridos por Ong permitem evocar as considerações de Tannen (1989) com relação às estratégias de envolvimento baseadas na repetição. Os termos ‘estratégias’ e ‘envolvimento’ serão discutidos mais adiante. Por hora, é oportuno registrar que Tannen, ao levar em conta uma série de mecanismos – identificados com frequência no discurso oral por aqueles que se dedicam a estudos na área de análise da conversação, e reconhecidos como significativos no discurso escrito de gênero literário – também enfoca os dois planos da linguagem ao sugerir a seguinte classificação de estratégias de envolvimento:

1. estratégias que operam basicamente no som (mas não exclusivamente): ritmo, padrões baseados na repetição e variação de fonemas; morfemas; palavras; disposição de palavras; largas seqüências do discurso; e figuras de estilo de fala (algumas das quais são também figuras de repetição);
2. estratégias que operam basicamente no significado (embora nunca de maneira exclusiva): obliquidades ou desviações; eclipse; tropos; diálogo; imagem e detalhe; e narrativa.

(*Ibid.*: 17)

A exemplo de Tannen, os teóricos da literatura consideram fundamentais os padrões recorrentes de sons, palavras, frases, orações e segmentos mais amplos do discurso, conforme destacado acima. Além disso, há muitos anos os estudiosos de retórica ou estilística distinguem uma grande quantidade de formas de repetição as quais, enquanto procedimento retórico geral, implicam uma série de *figuras de elocução* ou de *construção do discurso*. Entre as figuras mais

³ As “lexias memorizadas” do discurso equivalem a unidades lingüístico-discursivas que foram cristalizadas pelo uso na memória coletiva como, por exemplo, as frases volitivas. Ver também Flavia Carone (1986:16).

comuns que se produzem por repetição de palavras e estruturas, Helena Beristáin (1985: 419) destaca as seguintes: a *reduplicação* e a *anadiplose*, que consistem na reiteração de palavras idênticas, enquanto a *epanadiplose* e o *paralelismo* compreendem a repetição de estruturas.

É relevante comentar que as formas de repetição citadas anteriormente, embora via de regra sejam apontadas em contextos literários, aparecem também na fala espontânea. Também cabe, aqui, mencionar que nos textos narrativos escritos, produzidos por adolescentes brasileiros e por adolescentes mexicanos, encontra-se com relativa frequência tipos de repetição que se aproximam das figuras de linguagem como, por exemplo, o paralelismo. Trata-se de repetições de estruturas cuja presença, além de favorecer a organização textual, revela um procedimento lingüístico bastante produtivo da parte dos jovens.

Outro aspecto que tem relação com a questão da oralidade na escrita é a idéia levantada por Tannen (1982a), sobre a existência de um *continuum* entre a linguagem oral e a linguagem literária. De acordo com a autora, uma das razões desse *continuum* é a seguinte: o escritor criativo utiliza traços da língua oral para alcançar o sentido de identificação, seja entre leitor e personagem, seja entre leitor e escritor. Em estudos posteriores, Tannen (1985), ainda dentro da noção do *continuum* oral/literário, enfatiza que os traços caracterizados como básicos da oralidade ou da língua falada, na realidade resultam do “foco relativo no envolvimento pessoal” e esclarece, por outro lado, que as denominadas estratégias literárias, ou traços da cultura escrita, resultam do “foco relativamente menor no envolvimento interpessoal”, mais dirigidos, conseqüentemente, para a informação transmitida. Desde essa perspectiva, a autora sugere que “os traços que refletem o foco relativo no envolvimento parecem ser a base da produção e compreensão bem-sucedidas do discurso oral e do discurso escrito” (ibid.: 125).

As considerações apresentadas anteriormente, de um lado, têm como macrotema a questão da oralidade na escrita, o que sugere a interpenetrabilidade de uma modalidade na outra. De outro, apresenta-se, como microtema, a repetição como um fenômeno lingüístico que

pode ser encontrado tanto no discurso oral como no discurso escrito. Investigar um fenômeno nas duas modalidades da língua implica a necessidade de considerá-lo baixo a lupa de estudiosos que enfocaram aspectos pertinentes à questão cultura oral/cultura escrita. Esta é a razão da conjugação desses dois temas neste livro que tem como propósitos específicos demonstrar que a repetição cumpre funções significativas no discurso oral e escrito. Além disso, busca-se corroborar a tese de que se trata de um recurso que faz parte do desenvolvimento das habilidades textuais e discursivas dos adolescentes.

1.6 Um caminho frente a posições teóricas divergentes

A finalidade desta seção é expor uma hipótese principal de estudo, bem como algumas questões baseadas em indagações e inferências que foram surgindo ao largo de vários anos de experiência no ensino de língua materna junto a adolescentes. Não obstante, antes de introduzi-las, é necessário discutir, ainda que brevemente, algumas implicações teóricas a respeito do tema que constitui o ponto central das indagações, qual seja, a repetição no discurso oral e sua presença no discurso escrito de adolescentes.

De maneira geral, os estudos que abordam a repetição de palavras ou estruturas no discurso oral e escrito permitem confrontar, em princípio, duas posições teóricas divergentes no que se refere ao assunto. De um lado estão aqueles autores que, considerando o ponto de vista da quantidade da informação comunicada, têm julgado as repetições como supérfluas (Blanche-Benveniste, 1984). Tal posição pertence a uma tradição lingüística que, possivelmente baseada no postulado pela retórica clássica, admite o uso da repetição (fundamentalmente da repetição léxica) somente como um recurso estilístico moderado e consciente, como um ornamento do discurso que deve ser usado com prudência. Nessa perspectiva, o fenômeno da repetição, fora de contextos estético-literários, tem recebido sanções, sendo considerado inclusive como um mecanismo que, além de restringir o conteúdo comunicativo, contribui para o empobrecimento léxico da expressão popular (e ainda

culta oral), como registra Lope Blanch (1983:164) com relação ao espanhol. De fato, se levamos em conta a disponibilidade e variedade de expressões lingüísticas que podem ser utilizadas pelo falante ou escritor, isso parece ser incontestável.

Na verdade, quando existem mais recursos lingüísticos e tempo disponível para planejar e produzir as idéias, as repetições normalmente são guardadas dentro dos limites. Ademais, como afirmam Beaugrande e Dressler (1986:54), se a recorrência aparece excessivamente, o grau de *informatividade* é mais baixo. Sem embargo, contrariamente às restrições quanto a seu uso, seja em nível lexical ou no estrutural, o ato de repetir segue instaurado de maneira sutil e estendida no discurso oral e no escrito. Usa-se a repetição para asseverar e/ou defender um ponto de vista, para argumentar, para expressar assombro ou ainda para mitigar a torpeza das palavras em momentos de tensão comunicativa ou de emoção.

Nas palavras de Barbarah Johnstone (1987:206): “está claro que a repetição é um fenômeno ubíquo, e sua onipresença sugere que pode ser um fenômeno necessário”. A esse respeito, encontram-se focos de estudos ajustados a uma posição teórica que tem permitido rastrear tal recurso lingüístico a partir de uma perspectiva mais eficaz e, ao mesmo tempo, menos restritiva. Trata-se de estudos que têm levado em conta os aspectos formal e funcional da linguagem a qual, por sua vez, é investigada não só como código, mas principalmente como fenômeno social.

As posições teóricas divergentes, quanto à presença da repetição no discurso, parecem ter suas raízes no paradigma *formalista* ou *estrutural*, de um lado, e no paradigma *funcionalista*, de outro, ambos com visões bastante diferentes da natureza da linguagem, conforme registra Deborah Schiffrin (1994:21). Não obstante a divergência de complexão teórica entre o estrutural e o funcional, hoje se pode vislumbrar uma espécie de linha de vanguarda em trabalhos que, procedentes de diferentes tendências dentro da análise do discurso, têm buscado criar uma ponte para associar as duas perspectivas analíticas: forma e função. É oportuno mencionar que o rumo deste trabalho está orientado em direção a uma meta que implica a congruência, sobretudo

em termos analíticos, das formas e funções da repetição no discurso oral e escrito.

Na realidade, estudos provenientes de diversas áreas da lingüística têm mostrado que a repetição constitui uma constante na interação cotidiana. Eis que se há constatado a presença deste fenômeno lingüístico tanto nos processos dialógicos que se estabelecem entre mãe e filho na interação infantil, como nos eventos de fala mais formais que envolvem a palavra escrita como, por exemplo, as palestras em congressos e os juramentos nos tribunais. A esse respeito, Dressler (1973) cita, entre outras possibilidades de instância da repetição, as fórmulas de cumprimento e as expressões consagradas pelas leis e pelo uso nos rituais.

A propósito, a lingüística textual tem atribuído bastante importância ao estudo da repetição. De um lado, Enrique Bernardez (1982) informa que se trata de um fenômeno que logo despertou a atenção dos lingüistas sobre a necessidade de transcender os limites da frase. Nessa perspectiva, o autor esclarece o seguinte: o que faz a lingüística, que toma o texto como ponto de partida, é delimitar com maior precisão a forma em que se realizam os diversos processos de repetição e substituição, integrando tais processos no esquema geral de estruturação do texto (*op.cit.*: 102).

Por outro lado, Michael Hoey (1991), cujo trabalho de investigação concerne à congruência das redes de repetição léxica em textos escritos, chama a atenção para um ponto que se pode tomar como crucial na lectoescritura, principalmente quanto à questão que envolve o processo de aprendizagem de composição de textos na escola. Nas palavras de Hoey, *“uma coisa parece certa: o conselho tradicional que se dá de evitar a repetição deve ser dado com cautela, se não desejamos que o mesmo interfira de maneira ativa no desenvolvimento da escrita”* (*op. cit.*: 243).

Obviamente não se selecionou as afirmações acima como argumentos favoráveis à presença recalcitrante da repetição e, tampouco, como incentivo à aprovação de seu uso desordenado no discurso oral e escrito. A finalidade é chamar a atenção para o aspecto legítimo de realização de um fenômeno que constitui um dos recursos mais

proeminentes na compreensão e produção do discurso, assim como nos processos de interação, conforme demonstram os estudos organizados por Jonhstone (1994). Trata-se de trabalhos cujos autores têm enfocado o ato de repetir na conversação, na aquisição da linguagem ou no ensino e aprendizagem de línguas, além daqueles que examinam, entre outros aspectos, como a repetição na literatura reflete a visão mundial pós-modernista e, inclusive, como os padrões de repetição podem caracterizar uma cultura, ou um estilo em vários tipos de discurso. Entre esses estudos destaca-se o de Susan Shepherd (1994), que investiga as relações entre os usos da repetição como um processo discursivo e como um processo gramatical.

Com base nas observações mencionadas anteriormente e com o propósito de investigar o fenômeno da repetição, com vistas a rastrear e demonstrar sua presença na linguagem dos jovens, não só na fala como também na escrita, formulou-se as perguntas anunciadas na introdução geral deste livro, as quais se registram abaixo:

- I Quais são os tipos e funções da repetição no discurso oral e no discurso escrito?
- II Compartem o oral e o escrito procedimentos que evidenciam funções análogas no que diz respeito à repetição?
- III Se diminuem as repetições na escrita, desaparecem as funções ou estas se cumprem com outros procedimentos?

Além de significar um acercamento às formas e funções da repetição nas modalidades oral e escrita do português e do espanhol, este estudo procura aproximar uma resposta às perguntas acima mediante a análise do discurso narrativo de jovens brasileiros e mexicanos. As questões formuladas constituem guias operacionais que auxiliam a investigação de uma hipótese geral, qual seja: a repetição cumpre funções relevantes no discurso e constitui um recurso lingüístico que contribui nos processos de organização textual e interação.

Cabe, aqui, destacar que o termo 'discurso' remete a duas significações distintas, mas não excludentes. De um lado, faz referência aos aspectos de significação da linguagem que operam mais acima do

nível gramatical, tanto no texto oral quanto no escrito (Hoey, 1991). Trata-se, obviamente, de uma acepção formalista relacionada à parte de análise estrutural, abordada no estudo que se propõe neste livro. De outro lado, dentro de um sentido plenamente compatível com o enfoque funcionalista da linguagem – parte essencial que se apresenta – o termo remete a um nível relacionado com o aspecto pragmático: a linguagem em uso. Neste sentido, enfoca-se o discurso, buscando identificar as funções que se realizam nas formas lingüísticas de repetição, utilizadas de acordo com os propósitos e intenções do falante ou escritor em sua produção comunicativa (Stubbs, 1987).

Por outro lado, cabe destacar que o texto é enfocado como uma unidade de análise do discurso e, como tal, compreende um conjunto de enunciados orais, ou escritos, resultante de uma produção comunicativa completa quanto ao sentido. A expressão produção comunicativa, por sua vez, implica tanto uma situação de interação face a face, em que surgem os relatos orais, como um contexto solitário em que são produzidos, em geral, os textos escritos.

Um silogismo vai sustentar ainda a seguinte reflexão a respeito do tema: a oralidade envolve procedimentos de repetição; os procedimentos de repetição também aparecem na escrita; portanto o oral e o escrito compartilham procedimentos. Como será detalhado mais adiante, estudos recentes têm demonstrado que a repetição desempenha um papel fundamental nos processos lingüísticos que vão desde a interação até a gramaticalização, além de ser reconhecida como um ato social. Nessa perspectiva, parece que alguns dos tipos e funções de repetição que existem no discurso oral podem ser encontrados no discurso escrito, não obstante a existência das oposições entre discurso informal e discurso formal, vinculadas respectivamente a textos espontâneos, de um lado, e textos planejados de outro.

1.7 Por que estudar a repetição?

O estudo se justifica, em primeiro lugar, pela possibilidade de constituir uma alternativa que leve a compreender-se de uma maneira

mais positiva e, talvez, menos circunstancial, o fenômeno da repetição na linguagem dos jovens, tanto na fala quanto na escrita. Na verdade, o ato de repetir tem-se manifestado como um procedimento, cuja presença insistente ao longo dos textos produzidos pelas crianças e adolescentes nos contextos escolares tem exigido, há muito tempo, uma investigação detalhada, principalmente pelas interpretações (e inclusive sanções) que costuma receber. Parece tratar-se de um dos recursos lingüísticos que mais há demandado a busca do equilíbrio entre as restrições provenientes da tradição gramatical quanto ao seu emprego, principalmente na escrita, e as realizações funcionais que emergem de seu uso efetivo no discurso.

Em segundo lugar, os parâmetros subjacentes aos propósitos do estudo apresentado permitem mostrar de maneira sistemática as formas e funções da repetição dentro do português e do espanhol, mediante a análise que se propõe do discurso narrativo oral e escrito de jovens brasileiros e de jovens mexicanos.

Busca-se, enfim, aproximar os resultados da análise formal e funcional da repetição a uma maneira de contribuir, principalmente em termos de reflexão, junto ao trabalho de todos aqueles que se dedicam ao ensino da língua materna, ou mesmo de uma segunda língua, especialmente os professores de redação que interagem com textos de pré-adolescentes e adolescentes. Considera-se que investigar a repetição como fenômeno lingüístico significa, ao mesmo tempo, a possibilidade de lograr distinguir um caminho a mais que leve à compreensão do *continuum* oral/escrito. Antes, porém, de discutir as formas da repetição e apontar suas funções no discurso oral e escrito dos jovens, é necessário registrar os estudos que têm focado a matéria.

O capítulo seguinte põe em perfil o tema central do estudo. Ao mesmo tempo em que se apresenta uma revisão da literatura e uma caracterização precisa da noção de repetição, propõe-se uma delimitação dos parâmetros formais e funcionais que constituirão as categorias analíticas do fenômeno investigado, em textos narrativos orais e escritos.

Capítulo 2

A repetição

O capítulo apresenta, inicialmente, as razões do estudo da repetição no discurso dos jovens e discute os trabalhos que, de modo particular, enfocam o fenômeno dentro da literatura da lingüística. Em seguida, propõe-se aclarar a noção de repetição como fenômeno lingüístico baixo a luz de considerações teóricas com respeito à matéria, o que permitirá chegar aos seus componentes formais e funcionais, que podem ser identificados tanto em textos orais como em textos escritos. A aproximação sistemática aos domínios da forma e das funções, principalmente a partir de dois modelos de estudo, permite delimitar as tipologias formal e funcional da repetição, as quais constituem os fundamentos básicos das categorias analíticas da investigação. O capítulo compreende, por conseguinte, uma proposta de análise da repetição ajustável tanto a textos orais como a textos escritos, a qual, convém destacar, resulta de uma combinação de decisões de natureza

teórica que foram elucidadas com identificações empíricas constantes, exigidas nas duas modalidades.

Estabelecer as rotas para a realização da análise formal e funcional da repetição em textos orais e escritos exige buscar uma congruência de diferentes propostas de estudo dentro dos paradigmas que concernem à forma e à função. Em outras palavras, resulta impossível seguir somente uma determinada direção teórica de análise. Não obstante, pode-se adiantar que vale a pena tentar alcançar a conexão teórica no estudo das formas e funções da repetição, principalmente quando se dispõe de dados que permitem examinar e comprovar empiricamente, tanto no português quanto no espanhol, os tipos formais e funcionais que têm sido destacados em trabalhos realizados por estudiosos em outras línguas.

A repetição tem sido enfocada a partir de diferentes ângulos por inúmeros estudiosos, os quais, nos últimos tempos, têm reconhecido sua importância na organização do discurso, nos processos de interação e na comunicação de maneira geral. Trata-se de focos de investigação que se estendem desde o uso da repetição no terreno da aquisição da linguagem, passando pelas áreas da lingüística textual e da análise da conversação, até os trabalhos mais recentes que, dentro da perspectiva da análise do discurso, têm buscado examinar o fenômeno dentro dos paradigmas formais e funcionais.

Pode-se classificar os estudos dedicados essencialmente às formas e/ou funções da repetição dentro de duas categorias amplas: a repetição no discurso oral e a repetição no discurso escrito. A revisão dos trabalhos que investigam as formas e usos da repetição, seja na fala, seja na escrita, além de contribuir para delimitar o marco teórico, permite adiantar a posição do presente estudo. Assim, vejamos.

2.1 A repetição no discurso dos jovens

As razões que motivaram as reflexões do presente estudo incidem, em primeiro lugar, na possibilidade de evidenciar que a repetição equivale a um procedimento lingüístico fecundo na produção

discursiva dos pré-adolescentes e adolescentes, em vez de significar um sinal de escassez de recursos em sua linguagem como costuma parecer à primeira vista. Em segundo lugar, já se constatou em trabalhos anteriores (Silva 1991, 1996) que a repetição constitui um recurso lingüístico que, além de favorecer o discurso narrativo oral e escrito de adolescentes brasileiros e mexicanos, desde o ponto de vista do aspecto interativo da linguagem, contribui para o estabelecimento da organização textual. Em terceiro lugar, deve-se registrar o enfoque de Tannen (1989:79), que afirma que a conversação entre os adolescentes é particularmente rica em repetições, não só entre norte-americanos, mas também, de acordo com Nordeberg (1985), entre jovens suecos.

Adeptos à idéia de identidade social, os jovens costumam apropriar-se com frequência de *slogans* e frases feitas em situações que podemos denominar de rotinas comunicativas ou eventos de fala em que eles participam. Trata-se dos chamados ‘discursos repetidos, ou seja, expressões cristalizadas ou sintagmas pré-fabricados, cujos elementos constitutivos não são substituíveis e tampouco comutáveis entre si, aparecendo sempre dentro de unidades ‘em bloco’, embora possam surgir em contextos discursivos diferentes (Coseriu, 1967:30). Pode-se ilustrar isso com o um exemplo colhido em espanhol. Uma adolescente mexicana (15 anos), enquanto participava de um ateliê de redação, fez o seguinte comentário:

– *A mi no me gusta estudiar, pero tengo la necesidad de superarme...*
(Não gosto de estudar, mas tenho a necessidade de superar-me...)

O segmento sublinhado constitui, na realidade, um caso de repetição intertextual. De maneira resumida, pode-se explicar que a origem dessa ‘necessidade de superação’ procede da ideologia que impera no país. Nos anúncios de publicidade, cartazes e *outdoors*, enfim, nos meios de comunicação em geral, existe um apelo constante voltado para condutas de eficiência, produtividade e competição, forçando uma entrada no campo afetivo das pessoas. E aos jovens, isso não lhes passa de lado. Mas outro aspecto relevante é que, além desse processo reiterativo utilizado na transmissão de mensagem, a linguagem das propagandas, ao ser incrementada justamente quanto às funções

conativa e poética passa a constituir uma fonte ou modelo de construções lingüísticas baseadas principalmente no recurso da repetição.

Por outro lado, certos tipos de eventos de fala e rotinas são altamente valorizados e cultivados entre grupos de adolescentes, como lembra Romaine (1984). Cabe, aqui, acrescentar que, entre os jovens, é fundamental o conhecimento de como e quando usar determinadas palavras ou expressões em uma interação. Nas fórmulas de cumprimento, por exemplo, a repetição de palavras peculiares é valorizada e constitui uma constante:

A – Que onda? Como estás, **güey**?

B – Ps... aquí nomás, **güey**.

A – *Que onda? Como está, **bicho**?*

B – *Só por aqui, **bicho**.*

Pode-se afirmar que a repetição, além de configurar-se como um traço freqüente na fala de adolescentes, tanto mexicanos quanto brasileiros, constitui também um mecanismo que lhes facilita a produção discursiva. Como observa Tannen (1989:48), a repetição capacita o falante no sentido de uma produção mais eficiente e uma economia de esforço, proporcionando também mais fluência à linguagem. Segundo a referida sociolingüista, para os indivíduos e culturas que valorizam a expressão (*o verbatim*) e que desejam evitar o silêncio durante uma conversa, a repetição constitui um recurso que contribui para uma produção maior de fala. Parece que isso se aplica aos pré-adolescentes e adolescentes.

2.2 A repetição na aquisição da linguagem

O fenômeno lingüístico da repetição, considerado como um dos procedimentos de interação mais freqüentes no discurso oral, desempenha um papel crucial desde as primeiras etapas da aquisição da linguagem e socialização. De acordo com Bambi Schieffelin (1979), trata-se de um recurso que implementa e mantém a interação lingüística

e social enquanto as crianças desenvolvem suas habilidades comunicativas essenciais. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que auxilia nos processos de aquisição e desenvolvimento da linguagem, a repetição se faz presente em situações de interação, que envolvem conhecimento sócio-cultural. Tais situações se estendem desde como formular perguntas, como responder, como pedir, até outros atos comunicativos mais complexos.

Dentro de uma perspectiva pragmática, Elinor Keenan (1977) observa que as crianças costumam repetir na tentativa de responder de maneira apropriada determinados tipos de enunciados produzidos por seus interlocutores. Mais que uma simples afirmação da autora, trata-se de uma postura crítica frente à literatura psicolinguística das décadas dos anos sessenta e setenta. Keenan (1977:126) argumenta que a questão – por que as crianças repetem os enunciados de outras? – não havia sido seriamente respondida ainda; e esclarece que as razões pelas quais a função positiva da repetição na fala infantil não era investigada, encontravam-se radicadas dentro de dois paradigmas correntes na época. Por um lado, dentro da psicolinguística do desenvolvimento, persistia o modelo estereotipado das crianças como ‘não-comunicativas’. De outro lado, os condutivistas associavam repetição com imitação, apoiados na crença de que as crianças repetiam por um desejo de imitar a forma dos enunciados dos adultos. Além disso, comenta a autora, a força ilocucionária do enunciado da criança não era levada em consideração, principalmente quando correlacionada à imitação. Ao contrário das duas posições mencionadas, Keenan esclarece que, ao repetir o enunciado do outro, a criança está aprendendo a comunicar-se: perguntar, comentar, afirmar, contestar uma questão ou responder uma pergunta entre outros atos comunicativos. Algumas das funções da repetição encontradas nos dados da autora compreendem maneiras de cumprimentar, de auto-informação ou demonstração de conhecimento, concordância com o interlocutor, além de perguntas e respostas para esclarecer uma informação.

Em consonância com os princípios teóricos expostos anteriormente, existem também no México três estudos que envolvem o tema da repetição. O trabalho pioneiro foi realizado por Rebeca Barriga

(1992), que associa a repetição às imagens produzidas por um caleidoscópio, as quais podem ser vistas como elementos condutores dos aspectos fático e emotivo na fala infantil. Os outros dois pertencem a duas linhas de investigação que se situam essencialmente no terreno da aquisição da linguagem, uma vez que a repetição é examinada nos processos de interação dialógica desde a mais tenra idade da criança. Trata-se dos estudos realizados por Cecília Rojas (1995) e por Rosa Montes (1993). A primeira, dentro de uma perspectiva psicolinguística, dedica-se ao estudo da ‘recuperação’ de enunciados por parte da criança.

Rojas, que elege o termo ‘recuperação’ em lugar de repetição, busca analisar as ocorrências de *recuperação mais expansão* em enunciados infantis, durante a interação da criança com algum membro da sua família. Observe-se que tal preferência terminológica emerge, certamente, do enfoque específico dedicado a uma das configurações do fenômeno da repetição, cuja complexidade implica, entre outros parâmetros a expansão. A referida psicolinguísta procura mostrar que, nos casos de recuperação com expansão, a criança não só se apropria do que há sido enunciado como também elabora a partir daí uma nova construção não puramente reiterativa. Entre outras questões investigadas, Rojas trabalha com a hipótese de que o elemento recuperado costuma estabelecer uma operação, no interior do enunciado da criança, que resulta uma espécie de ponte de união entre duas funções: informação dada + elemento de uma predicação.

Enquanto o interesse de Rojas concentra-se no enunciado infantil, o de Montes consiste no enfoque das repetições na fala do adulto ao dirigir-se à criança. Montes sugere que a repetição, enquanto estratégia discursiva utilizada pela mãe por parte do denominado ‘Sistema de apoio para aquisição da linguagem’, proposto por Bruner (1984), pode ser de diferentes tipos com funções também distintas. As repetições parciais, produzidas a partir do enunciado da criança, apresentam funções variadas tais como: ‘resposta a um elemento problemático’ ou ‘desacordo da mãe’. Quanto às repetições completas do enunciado infantil, sua utilização, entre outras possibilidades, funciona para ‘afiançar a eficácia comunicativa da interação’, conforme destaca a investigadora.

Os estudos mencionados acima resultam importantes por vários motivos. Em princípio, porque corroboram a hipótese de que a repetição cumpre sempre funções decisivas dentro do discurso. Nos casos da interação dialógica que envolve crianças, um dos interlocutores (seja a criança ou o adulto), ao recuperar o enunciado do outro, costuma instaurar alguma operação com relação ao enunciado prévio, o que vai colocar em cena uma ou mais funções discursivas realizadas pelo segmento repetido. Vale comentar que as análises de Rojas e Montes – da recuperação do discurso infantil e da repetição na fala do adulto dirigindo-se à criança – representam uma grande contribuição, sobretudo para mostrar os diferentes papéis da repetição nos processos de aquisição da linguagem, interação e socialização.

2.3 No espaço conversacional do adulto

Os estudos apresentados a seguir têm em comum o seguinte: são todos provenientes da análise da conversação, uma das áreas de investigação do discurso onde o fenômeno da repetição tem constituído um foco de interesse crescente. Nesse contexto, a repetição tem sido caracterizada como um recurso que serve a várias funções quanto à conexão, produção e compreensão do discurso, além de aparecer associada quase sempre aos aspectos de envolvimento pessoal e interpessoal, principalmente em situações de interação face a face.

Em seu artigo “Funções da repetição na conversação”, Nean Norrick (1987:245) registra que os estudos sobre a repetição começavam a reconhecer as motivações interacionais e cognitivas do referido fenômeno já na natureza da própria conversação. Isso, seja no âmbito de estratégias para influenciar os ouvintes, seja no sentido da produção, movida pela intenção de conseguir elaborar um discurso mais coerente e acessível. De acordo com Norrick, diversos parâmetros ajudam a dar conta da repetição em termos interacionais e cognitivos, entre os quais se destacam os pertinentes à produção.

Ao tomar como ponto de partida a produção discursiva, Norrick sugere a coexistência de dois tipos de repetição: 1) as que são realizadas

por um mesmo falante a partir de seu enunciado prévio (auto-repetição); e 2) as que são produzidas por um segundo falante a partir do enunciado do interlocutor (hetero-repetição). Do mesmo modo que propõe tal distinção, o autor reconhece a existência de repetições 'significativas' em oposição a repetições aleatórias. Com base na classificação de Jefferson (1972:303), Norrick esclarece que as primeiras configuram-se como verdadeiras repetições, porque sempre realizam alguma operação sobre a ocorrência original, enquanto as outras costumam ser consideradas insignificantes, principalmente pelo fato de não demandar atenção especial por parte do falante ou do ouvinte. Embora as repetições que ocorrem de maneira aleatória chamem menos a atenção em termos cognitivos, Norrick não descarta a eventualidade de sua contribuição em situações de interação. Nesse sentido, evoca as idéias de Johnstone (1985) para quem as repetições constituem uma maneira de 'criar categorias', mesmo quando escapam da atenção consciente.

O propósito de Norrick é sistematizar os tipos funcionais de repetição dentro de uma taxonomia baseada em diversos parâmetros relacionados, principalmente os tipos já reconhecidos em situações de interação, por parte de outros estudiosos. Trata-se de uma proposta de classificação apoiada na relação falante/ouvinte e na estrutura de troca que se estabelece entre ambos em situações de interação dialógica. Nessa perspectiva, o autor chega a dois quadros gerais das funções da repetição. O primeiro, que está dedicado às '*funções da repetição do segundo falante*', permite observar os critérios norteadores da análise e classificação dos tipos funcionais da hetero-repetição, os quais podem ser resumidos dentro dos seguintes aspectos enfocados por Norrick (p. 255):

- I *Repetições que ocorrem dentro de pares adjacentes (perguntas/respostas)*: a) conjuntos fechados (presentes quase sempre nas formas de saudação e despedida) – têm a função de abertura ou fecho; b) declaração de confirmação – funções de reconhecimento, concordância, ênfase e formulação de aprovação; c) declaração de discordância – funções de manifestação de surpresa/ desacordo ou objeção, por meio de contradição, correção e imitação por gracejo.

- II *Repetições realizadas fora da organização de pares adjacentes:*
a) reafirmação sem dar demonstração de concordância ou de discordância – costuma funcionar para sinalizar o envolvimento e favorecer a interação; b) apropriação de frases em turnos não consecutivos – com função de humor ou como forma de retomada de tópico para alcançar a coerência.

Os pontos destacados acima, utilizados por Norrick para dar conta dos parâmetros funcionais da hetero-repetição, além de incidir essencialmente na organização dos pares adjacentes, respaldam-se, de um lado, na contraposição de argumentos e, de outro, nos contrastes de entonação resultantes da modalidade do enunciado (pergunta, resposta, exclamação etc.). Quanto aos parâmetros responsáveis pela tipologia das funções da auto-repetição, Norrick leva em conta, embora de modo circunstancial, critérios sintáticos, semânticos, interacionais e discursivos, além dos recursos encontrados nos pares adjacentes mencionados anteriormente.

A seguir, apresenta-se os aspectos que refletem o segundo quadro elaborado por Norrick (p. 262), referente às *funções da repetição do mesmo falante*. Considera-se conveniente explicar, embora de maneira esquemática, os parâmetros em que se encontram as funções da auto-repetição:

- I *Repetições de base semântica:* a) expressões idiomáticas – costumam aparecer com função fática; b) motivações icônicas – ampliam o significado da forma lingüística do elemento enfocado por meio das funções de natureza intensificadora, iterativa e progressiva; c) paralelismos – podem funcionar como maneira de criar categorias (com ocorrências na forma de listas), refletir elementos ou eventos iconicamente e, além disso, imprimir um ritmo esquemático ao discurso.
- II *Repetições baseadas na produção* (derivadas das exigências da comunicação face a face): a) manutenção de turno de fala (orientadas para o falante) – função de ganhar tempo para planejar a elocução ou preencher pausas depois de um falso começo, além de simplificar a produção discursiva depois de vacilações; b) superação de interrupções – função de ponte, em decorrência de ruídos externos ou de interrupção de outro falante.

- III *Repetições baseadas na compreensão*: a) segurança da compreensão precisa (orientada para o ouvinte) – função de reparar a emissão anterior, ou revisar o enunciado para suprimir ou inserir informações adicionais; b) incremento da coerência (orientadas para a produção e a compreensão) – garantir a coerência textual, através de resumos e marcações de parágrafos, e conectar níveis de especificidade crescentes dentro do relato.
- IV *Repetições baseadas na interação*: a) repetições estruturadas em pergunta/resposta (aparecem como se fossem o segundo membro de um par adjacente) e as que emprestam força à afirmação – imprimir ênfase ao ponto de vista do falante; b) repetições idênticas, enfáticas e com expansão – acentuar detalhes relevantes.

O estudo realizado por Norrick representa uma contribuição valiosa quanto ao enfoque funcional dos tipos de repetição. Não obstante, os tipos funcionais de repetições produzidas por um mesmo falante refletem algumas lacunas arbitrárias quanto aos critérios formais de classificação. As expressões idiomáticas, por exemplo, o autor agrupa dentro das repetições de base semântica, embora insinue que estas costumam aparecer com função fática, o que permite inferir que, em efeito, deveriam aparecer em um grupo de repetições baseadas na produção. Nessa perspectiva, uma observação faz-se, aqui, necessária: os tipos funcionais relacionados por Norrick serão trabalhados dentro de outra distribuição tipológica, cujos pilares privilegiam de maneira mais sistemática a identificação das funções com base nas formas de realização das repetições.

2.4 A força das motivações interacionais

Entre os estudos que, análogos à proposta de Norrick, têm sugerido a associação da repetição a motivações interacionais, cabe destacar os que foram realizados por Tannen (1987), para quem todos os tipos de discurso se desenvolvem interacionalmente e, nesse sentido, refletem enunciados anteriores. Tannen afirma que as pessoas dizem coisas particulares, de maneira particular, porque ouvem outras afirmarem coisas similares de forma idêntica ou similar. Por outra parte, argumenta a autora que as repetições espontâneas, produzidas

em situações de interação, embora impliquem a recorrência de um padrão lingüístico associado a certa automaticidade, contribuem em efeito à organização do discurso e envolvimento interpessoal ao mesmo tempo. Além disso, pondera o seguinte: “mediante os padrões lingüísticos prévios e a automaticidade, os falantes são indivíduos muito interativos que podem empregar a repetição como uma base de criatividade e auto-afirmação” (ibid.: 217).

Em estudos posteriores, Tannen (1989) enfatiza a idéia de que a repetição, ao mesmo tempo em que é relativamente automática, constitui um recurso que favorece a criatividade individual e o envolvimento interpessoal. Para respaldar tais considerações, Tannen (1989:48) sugere que as repetições nas conversas atendem simultaneamente a diversos propósitos, os quais podem ser agrupados em quatro categorias: produção, compreensão, conexão e interação. Explica também que a congruência das funções provenientes dessas categorias discursivas proporciona uma quinta função, caracterizada como globalizadora no estabelecimento da coerência no discurso e do envolvimento interpessoal na interação.

Eis uma explicação das quatro categorias mencionadas. Quanto à *produção*, Tannen afirma que a repetição capacita o falante para elaborar o discurso de maneira mais eficiente o que, baixo essa perspectiva, ocasiona um maior volume de linguagem, emanada por sua vez com mais fluidez e facilidade. Por outro lado, a autora procura mostrar que nos casos de repetição com variação, os segmentos repetidos permitem ao falante estabelecer paradigmas e ajustar a informação nova às estruturas prévias, o que costuma resultar, simultaneamente, uma oportunidade de manutenção de turno e mais tempo disponível para planejar a próxima elocução.

A *compreensão* constitui uma categoria que reúne as funções orientadas para o ouvinte. Nesse sentido, a repetição facilita a compreensão do ouvinte por ocasionar um discurso semanticamente menos denso e mais redundante. Como bem observa Tannen, enquanto o falante se beneficia do ‘espaço morto’ proporcionado pela repetição, o ouvinte também é favorecido por esse mesmo espaço para a compreensão. Eis que a inexistência de tal espaço para sedimentar a compreensão

costuma acarretar dificuldades para que o ouvinte possa entender por completo a mensagem comunicada. Quando se trata, por exemplo, de situações que demandam a leitura em voz alta de algum documento escrito, é comum que os ouvintes, privados da redundância e da repetição, encontrem-se obrigados a acionar uma série de mecanismos cognitivos para acompanhar a leitura e compreender o assunto.

Quanto à *conexão*, Tannen ressalta a função de ligação exercida pela repetição dentro dessa categoria. De acordo com a autora, a repetição de orações, frases ou palavras, mostra como enunciados novos são enlaçados a discursos anteriores e como as idéias apresentadas em um discurso são relacionadas entre si. Ao evocar alguns estudos que, desde a perspectiva da sintaxe funcional, têm focado a matéria dentro da classificação dos mecanismos coesivos, Tannen comenta que em termos de tema/rema ou de tópico/comentário, o elemento repetido constitui uma maneira de contribuir para o tema ou para o comentário. Desde já, trata-se de um recurso lingüístico que une segmentos do discurso, cria estruturas e incrementa paralelismos. Cabe registrar ainda que, para Tannen, a repetição evidencia, de uma maneira mais estendida e sutil, a atitude do falante, ao mesmo tempo em que mostra como tal atitude contribui para o sentido do discurso. Dentro dessa percepção, encontram-se as repetições de natureza avaliativa, apontadas por Labov (1972), as quais serão enfocadas mais adiante.

A *interação*, em termos de categoria, permite constatar que a repetição cumpre funções de enlace não só entre as partes do discurso, conforme já foi mencionado, como também entre os participantes de uma conversa. Segundo Tannen, a repetição contribui para as negociações entre interlocutores durante a conversa: é utilizada com frequência nos processos de tomada/entrega de turno, nas demonstrações de apreciação e concordância por parte do ouvinte e, ainda, como sinal de atenção à exposição do falante.

Nas três primeiras categorias mencionadas acima – *produção*, *compreensão* e *conexão* – a repetição aparece associada à construção de sentido em nível de mensagem, enquanto na *interação* sua presença está relacionada à construção de um vínculo entre os falantes, estabelecido em nível de meta-mensagem. É nesse sentido certamente que

Tannen considera a repetição como um recurso por meio do qual os participantes de uma conversa criam juntos: o discurso, suas relações e o mundo. Eis que as quatro categorias indicadas não se excluem, ao contrário, parece que se harmonizam mutuamente. Isso permite conjecturar a existência de uma harmonia também entre as funções que lhes são pertinentes, ou seja, em uma mesma forma lingüística repetida, poder-se-ão realizar duas ou mais funções. Voltaremos a esta questão no capítulo V dedicado às funções.

Quanto às formas de repetição e sua variação, Tannen (1989: 54) sugere distingui-las mediante três critérios: (a) *auto-repetição ou alo-repetição* (repetição dos outros); (b) *repetição exata ou com variação*; e (c) *repetição imediata ou demorada*. A autora reconhece que se trata de fronteiras formais 'difusas' e, em lugar de tentar realizar uma análise sistemática que privilegie forma e função ao mesmo tempo, prefere explicar e ilustrar o aspecto difuso da repetição na conversa, por meio de muitas de suas formas. Nessa perspectiva, Tannen procura explicar, com base em exemplos procedentes de uma conversa gravada durante um jantar, algumas funções da repetição realizadas através de palavras, frases e orações. As funções identificadas são as seguintes:

- a) *audiência participante*: trata-se de casos de 'alo-repetição', realizadas sob a forma de segmentos lingüísticos idênticos ou com variação, que favorecem o envolvimento interpessoal;
- b) *ratificação da audiência*: o falante colhe uma palavra, uma frase ou expressão tal qual tenha sido emitida pelo interlocutor (ou seja, sem variação) e incorpora-a a seu discurso, o que evidencia nesse caso uma maneira de validar a fala do outro;
- c) *humor*: trata-se também de 'alo-repetições' que se estabelecem sob a forma de frases ou orações utilizadas por um dos interlocutores com o propósito de ironia ou para provocar piadas;

- d) *subterfúgios*: costumam aparecer com variação na forma e, em geral, envolvem ‘alo-repetições’ que funcionam como uma espécie de evasiva por parte do falante para manter o turno de fala;
- e) *expansão*: como os tipos anteriores, são caso de ‘alo-repetição’, mas com a função de expandir a participação por meio da recuperação do que foi enunciado pelo outro com alguma variação como, por exemplo, um incremento de complementos e modificadores;
- f) *avaliação através do ritmo esquemático*: embora não envolva essencialmente a reaparição de palavras, trata-se de uma forma que, ao ser manifestada através de um mesmo ritmo, incrementa um padrão de repetição que serve a funções de intensificação e ainda de contraste, as quais costumam ocorrer dentro de comentários avaliativos;
- g) *delimitação de episódios*: são repetições que, além de aparecerem de forma bastante ritualizada em aberturas e fechamentos do discurso, são utilizadas como uma espécie de fronteira de episódios e também como uma espécie de marco de *tema* e de finalização, formando um tipo de coda.

Embora Tannen (1989) não haja estabelecido uma correlação sistemática entre forma e função, alguns dos tipos funcionais listados acima, resultantes das formas de repetição por ela analisadas, serão levados em conta no contexto do presente estudo, principalmente pela abertura e discernimento com que são pontualizadas. Por outro lado, é oportuno comentar que as propostas de Tannen (1987, 1989) têm alcançado ampla repercussão em outros estudos que envolvem a temática da repetição, entre os quais se pode citar o artigo de Minako Ishikawa (1991) a respeito da iconicidade no discurso oral.

Com base na análise de uma conversa em inglês, passada entre quatro estudantes japonesas, Ishikawa (1991: 554) procura mostrar que a repetição é um símbolo icônico e, a exemplo de Tannen, argumenta que existe uma relação direta não só entre forma e significado, mas também entre forma e função interacional. Segundo Ishikawa, a iconicidade se faz patente em todos os níveis lingüísticos e, sob essa perspectiva, afirma que a repetição na interação pode atravessar os níveis fonológico, morfológico e sintático, chegando ao nível discursivo com significados essenciais. Isso se aplica tanto aos casos de hetero-repetição ('alo-repetição' na terminologia de Tannen) como aos casos de auto-repetição. Ao tratar, por exemplo, da reduplicação icônica no nível morfológico, a investigadora argumenta que muitas das auto-repetições desempenham funções discursivas muito similares, de natureza intensificadora, iterativa e progressiva. As noções de Ishikawa referentes à motivação icônica da repetição serão retomadas no capítulo V, destinado às funções da repetição.

2.5 Os estudos em português

Também no Brasil, as idéias defendidas por Tannen e seus contemporâneos aparecem refletidas em uma série de investigações, principalmente as que enfocam a repetição em contextos de interação de adultos. Cabe aqui mencionar o trabalho de Ingedore Koch (1992, 1997), quem investiga, entre outros aspectos, a repetição como mecanismo de coesão em textos orais dialogados. Outro trabalho voltado para textos orais dialogados é o de Mariangela Oliveira (1998), cuja proposta descreve e interpreta a repetição, enquanto categoria funcional, como uma das articuladoras da significação e da representação do diálogo. Em seu livro "A língua falada no ensino do português", Ataliba de Castilho (1998) sugere que a repetição é fundamental no processo de interação, na criação do texto e na construção da sentença. Enfim, o assunto não é recente, tendo sido focado anteriormente por Perini (1980), Ramos (1984) e Travaglia (1989) entre outros.

Entre os estudos realizados sobre a repetição no português,

optou-se por selecionar duas propostas: a de Regina Bessa Neto (1991) e a de Luiz Antônio Marcuschi (1992), cujas linhas teórico-metodológicas estão direcionadas dentro de parâmetros muito similares e, o mais significativo, é que ambas oferecem um modelo geral de análise de repetições que favorece a concepção do presente estudo. Em poucas palavras, primeiro busca-se uma aproximação aos tipos formais de unidades lingüísticas repetidas para depois partir para o alcance das funções que nelas se realizam.

O trabalho de Marcuschi (1992) consiste em um modelo teórico construído para dar conta das formas e funções da repetição na língua oral. Trata-se da proposta de um paradigma de análise, fundamentado em três concepções centrais levadas em consideração pelo autor:

1. uma noção clara de repetição, que apóia sua delimitação e caracterização enquanto objeto lingüístico;
2. um enfoque de linguagem que tome em consideração os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico do discurso;
3. um conceito de conversação em que se encontram noções subjacentes da teoria da análise da conversação, as quais são resumidas nos seguintes preceitos teóricos: *estrutura de participação*, *estrutura da informação*, *estrutura de troca de turno* e, por último, os *processos de negociação* presentes nas atividades interacionais.

Com base nos princípios anteriores, Marcuschi incrementa seu modelo teórico com o propósito de levar a cabo, tanto no âmbito da forma como no da função, a identificação de uma série de distinções básicas que podem ser encontradas nas diversas manifestações da repetição. Conforme esclarece o autor, os componentes que integram a referida série de diferenças vão desde o mais geral ao mais específico (no que concerne aos aspectos formais e funcionais do fenômeno observado), e podem ser distribuídos em três conjuntos de fatores, os quais recebem as seguintes denominações genéricas: dimensão, aspecto e marca. Trata-se obviamente, conforme Marcuschi, de etiquetas gerais utilizadas para caracterizar graus de aproximação de um mesmo

fenômeno. A primeira, que corresponde ao conjunto de fatores denominado *dimensão*, compreende os dois alcances mais genéricos das operações lingüísticas e discursivas representadas pela forma e pela função. O quadro apresentado a seguir foi organizado pelo autor com o objetivo de dar uma visão completa do aparato teórico utilizado.

QUADRO II – 1: RELAÇÃO GERAL DOS FATORES TIPOLÓGICOS SEGUNDO MARCUSCHI

<i>Dimensão</i>	<i>Aspecto</i>	<i>Marca</i>
<i>FORMA</i>	<i>Produção</i>	<i>auto-repetição</i> <i>hetero-repetição</i>
	<i>Segmento</i>	<i>fonema</i> <i>morfema</i> <i>lexema</i> <i>sintagma</i> <i>oração</i>
	<i>Distribuição</i>	<i>continuidade</i> <i>proximidade</i> <i>distância</i>
	<i>Configuração</i>	<i>literal</i> <i>variação</i>
<i>FUNÇÃO</i>	<i>Texto</i>	<i>coesão</i>
	<i>Discurso</i>	<i>compreensão</i> <i>tópico</i> <i>argumentatividade</i> <i>interação</i>

O segundo conjunto de fatores, denominado *aspecto*, é levado em conta desde o ponto de vista da forma até o da função. Dentro da *dimensão* da forma estão situados os *aspectos* pertinentes às diversas

manifestações empíricas da repetição: *produção, segmento, distribuição e configuração*. Marcuschi esclarece que a seleção dos quatro aspectos foi levada a cabo a partir da observação da língua em seu uso comunicativo, dentro de um tipo específico de texto. No caso de seu estudo, trata-se de textos provenientes de interação dialógica entre adultos. Na dimensão da função, encontram-se os *aspectos* relativos ao texto e ao discurso. Ao levar em conta a distinção entre texto e discurso dentro de sua proposta de classificação, Marcuschi (1992: 48) argumenta que “a repetição opera tanto no aspecto textual (enquanto artefato lingüístico observável na sua superfície), como no discursivo (enquanto relações de sentido que se estabelecem na enunciação)”.

As *marcas*, que constituem o terceiro conjunto de fatores, concernem ao nível de maior particularidade a que se pode chegar quanto às manifestações das funções da repetição. Marcuschi enfatiza que os mesmos passos metodológicos foram seguidos por Bessa Neto (1991), cuja proposta de estudo da repetição mantém diferenças pontuais, principalmente quanto à composição de fatores funcionais, embora evidencie considerações bastante próximas às do autor referido.

O modelo teórico de Marcuschi, junto com a proposta de Bessa Neto, apresentada a seguir, constituem os pilares básicos para a análise que se propõe das formas e funções da repetição no discurso narrativo oral e escrito de jovens brasileiros e mexicanos. É oportuno aclarar que enquanto o trabalho de Marcuschi (1992) concerne às formas e funções da repetição nos níveis lexical e estrutural, investigadas exclusivamente na fala culta dialogada, o de Bessa Neto (1991) está dedicado às formas e funções da repetição léxica, em narrativas orais espontâneas de adultos e textos literários escritos de gênero narrativo.

A proposta de Bessa Neto, como reconhece a própria investigadora, coincide em vários pontos com as idéias de Marcuschi, quem defende a tese da repetição como um vigoroso mecanismo de composição do texto oral, em lugar de constituir um simples descontinuador textual. São dois trabalhos de investigação elaborados na mesma época e, o mais significativo, harmonizam-se principalmente na taxonomia utilizada. A diferença maior aparece nas funções cumpridas pela repetição, justamente em razão dos tipos de textos analisados.

Antes de concentrar-se na repetição léxica, Bessa Neto alcança construir um modelo abstrato que permite identificar de modo sistemático todos os tipos de repetição dentro de uma matriz, mediante um processo de ‘cruzamento acumulativo’ de traços básicos pertinentes à forma. De acordo com a autora, o propósito de realizar o cruzamento acumulativo de traços formais dentro de um quadro preestabelecido teoricamente facilita o estudo das funções, cuja identificação pode ser relacionada à classificação final dos tipos formais de repetição. Na construção de sua tipologia funcional, a lingüista toma como ponto de partida as categorias apontadas por Tannen (1989) e, ao caracterizar a significação, a produção e a compreensão como fatores de análise, propõe correlacionar forma e função de maneira bastante sistemática. Nessa perspectiva, depois do levantamento completo das ocorrências de todos os tipos formais de repetição léxica encontrados nas narrativas orais, Bessa Neto busca analisar a função desempenhada por cada um dos tipos catalogados.

As funções da repetição delimitadas por Bessa Neto encontram-se distribuídas em três conjuntos – significação, produção e conexão – que correspondem a *fatores* funcionais (ou *aspectos*, na terminologia de Marcuschi). Como a distribuição final dos parâmetros formais e funcionais sugeridos pela autora em seu quadro básicos de traços é praticamente idêntica ao quadro de Marcuschi apresentado anteriormente, optou-se evitar a redundância e registrar apenas algumas considerações de Bessa Neto pertinentes à correlação forma/função.

Eis as dez funções identificadas e ordenadas pela investigadora, de acordo com os três fatores selecionados: a) *fator significação*: (1) intensificação, (2) reforço; b) *fator produção*: (3) vacilação, (4) reaparição, (5) elaboração; c) *fator conexão*: (6) temporalização, (7) desdobramento, (8) catálise, (9) índice, e (10) tematização.

Em uma de suas conclusões iniciais, Bessa Neto (1991: 175) comenta que entre os fatores funcionais detectados pela repetição léxica, o da *conexão* resulta ser o mais representativo dentro da narrativa oral pelo seu elenco de funções coesivas, ao passo que os pertinentes à *produção* e *significação* são responsáveis pelas funções complementares e sua ocorrência e quase que acidental. Os resultados destacados por

Bessa Neto, quanto às funções vinculadas ao fator conexão aproximam-se bastante dos valores percentuais obtidos por Marcuschi (1992:170) no que diz respeito às repetições lexicais, as quais operam fundamentalmente, conforme o autor, nas *marcas* funcionais de coesão (texto) e de tópico (discurso), onde se concentram com uma média de 73% em relação ao total de repetições encontradas nos dados por ele investigados. A função de coesão tem sido considerada como fundamental também no discurso escrito, como se pode constatar a seguir.

2.6 A repetição no discurso escrito

Apesar de existir uma notável concentração de trabalhos voltados para o discurso oral, o fenômeno lingüístico da repetição tem despertado o interesse de vários estudiosos no que diz respeito à sua presença no discurso escrito, principalmente como recurso que favorece as funções de natureza coesiva, estilística e argumentativa. Desde já, como qualquer outra manifestação lingüística que implica pluralidade de formas e funções, a repetição requer uma aproximação a distintas áreas de estudo para que se possa enfocá-la em seus diversos ângulos. Para alcançar uma descrição adequada de seu emprego na escrita, cabe examinar os trabalhos que, desde a perspectiva da análise do discurso ou da lingüística textual, têm analisado o fenômeno em textos de diferente natureza. Trata-se, em geral, de composições formais que vão desde narrativas literárias a produções de gênero dissertativo-argumentativo, como editoriais e ensaios, publicados em jornais ou em revistas especializadas.

Entre os lingüistas que consideram os usos da repetição no discurso escrito, destaca-se Johnstone (1983, 1987, 1991), cujo trabalho tem evidenciado os efeitos semânticos e retóricos do fenômeno em textos argumentativos. Dentro dos parâmetros da análise do discurso, Johnstone (1987:210) mostra que a repetição é característica da poesia e da prosa literária, da fala cotidiana dos adultos e das crianças, além de constituir uma tática persuasiva poderosa e uma estratégia coesiva essencial na produção de textos argumentativos escritos.

Partindo de um enfoque sociolinguístico, Johnstone (1983a) contrasta a argumentação no discurso árabe (onde a repetição aparece em alto grau) com os modos ocidentais de argumentar. De acordo com seus resultados comparativos, o discurso ocidental não se caracteriza pelo uso da repetição, pelo menos em discursos formais do inglês, conforme conclui a autora. Em seu estudo sobre pares léxicos (*couples*) no discurso formal árabe, Johnstone (1983b) também aborda a repetição como uma estratégia retórica, que denomina de 'apresentação', afirmando que seu uso para propósitos argumentativos está condicionado a fatores culturais e linguísticos. Em um terceiro trabalho, Johnstone (1991:11) destaca a repetição nas estruturas paralelas do discurso árabe escrito, onde procura mostrar que o discurso engendrado por meio de paralelismos serve não só para evocar, mas também para estabelecer uma estrutura paradigmática e que a repetição, nessa perspectiva, constitui um processo central através do qual se produz a linguagem.

Outro trabalho significativo é a tese de doutorado de Jorge Quesada (1989), um investigador costarricense que realizou uma análise contrastiva da repetição lexical, sintática e parafrástica, tal como é empregada em editoriais e periódicos selecionados em duas línguas ocidentais, quais sejam, o inglês e o espanhol. O investigador procura identificar quais são os tipos e funções da repetição que ocorrem dentro do inglês e dentro do espanhol. Também busca realizar uma comparação mediante o contraste dos tipos formais e funcionais de repetição, identificados nas duas línguas selecionadas.

Quesada argumenta que, em termos de classificação, os tipos formais de repetição não estão bem definidos ainda. Nesse sentido, afirma que uma simples instância de repetição pode ser tomada como repetição lexical, ou repetição com variação, ou ainda como paráfrase. Além disso, adverte que em qualquer instância, ou nível linguístico, as repetições com funções primariamente persuasivas também podem exercer a função secundária de recurso coesivo ou vice-versa. Quanto aos tipos formais, Quesada define a repetição lexical como a 'repetição exata de uma palavra simples'. No entanto, não faz referência às possíveis variações que costumam apresentar os segmentos lexicais dentro de um mesmo texto. A repetição sintática, que pode aparecer

com ou sem variação dentro da classificação do autor, compreende sintagmas e orações. Embora tenha identificado quatro funções desempenhadas pela repetição – humor, expansão, coesão e persuasão – Quesada esclarece que não encontrou evidências suficientes para estabelecer uma correlação entre forma e função. Não obstante, assinala que a frequência da repetição lexical e sintática foi tão elevada que apenas vinte editoriais por idioma foram suficientes para levar a cabo a análise. Quanto à paráfrase, sua frequência foi baixa, com um total de somente 14 ocorrências dentro de 80 editoriais selecionados.

Por outro lado, os resultados apresentados no estudo de Quesada (1989:59) demonstram que as funções de natureza coesiva e persuasiva constituem o contraste mais destacado entre o inglês e o espanhol, no tocante ao uso da repetição em textos editoriais. Segundo o investigador costarriquenho, a coesão constitui a função primária dos tipos de repetição lexical e sintática identificados nos editoriais norte-americanos, com 53% do total das ocorrências, seguida pela função persuasiva com 40%. Quanto aos editoriais em espanhol, publicados em jornais da Costa Rica, a função primária das repetições lexicais e sintáticas é de persuasão com 64% do total, seguida pela função coesiva que corresponde a 31% dos tipos de repetição. Em uma postura crítica ao estudo de Johnstone (1983a), mencionada anteriormente, Quesada assevera que a repetição não é característica somente do discurso árabe, já que é usada também em espanhol, principalmente com propósitos persuasivos. Como consideração final, comenta que se por um lado a repetição pode ser tomada como universal, deve-se reconhecer, por outro, que suas funções diferem de uma língua para outra, de um gênero a outro e de um contexto sociolinguístico para outro. Como se pode observar, a investigação realizada por Quesada, além de representar uma contribuição para o estudo da repetição desde a perspectiva da análise do discurso, destaca-se também por suas aporções dentro da sociolinguística.

O trabalho de Hoey (1991), que também se vem dedicando ao estudo da repetição na língua escrita, deve ser considerado uma contribuição não só dentro da análise do discurso, mas também na linguística textual propriamente dita. O autor britânico, ao propor uma

metodologia para a produção de resumos de textos, destaca o papel da repetição lexical que pode ser utilizada como pista para chegar-se à organização de um texto. Embora argumente que as repetições lexicais funcionam como cadeias responsáveis pelas redes de conexão, subjacentes nos textos escritos, Hoey não está interessado em detalhar esse aspecto funcional do fenômeno. Como registra o próprio autor: “a coesão é nossa ferramenta e teremos alcançado nosso objetivo se conseguirmos fazer com que o que consideramos repetição seja o suficientemente claro para que nosso método analítico possa ser aplicado”. (*ibid.*: 51). Por outro lado, o lingüista britânico, cujo método analítico está destinado a textos escritos bem formados, sugere uma classificação da repetição de segmentos lexicais em quatro tipos formais: (1) *repetição lexical simples*; (2) *repetição lexical complexa*; (3) *paráfrase simples* e (4) *paráfrase complexa*. Os tipos mencionados são caracterizados pelo autor (pp. 62-64) dentro dos seguintes parâmetros:

- *repetição lexical simples*: ocorre sempre que um segmento lexical reaparece dentro de um texto sem maiores alterações que as previstas dentro de seu paradigma gramatical fechado, tais como variação de gênero e de número;
- *repetição lexical complexa*: pode ocorrer ou quando dois elementos lexicais compartilham o mesmo morfema léxico, apesar de não serem formalmente idênticos, ou quando são formalmente idênticos, embora possuam funções gramaticais diferentes;
- *paráfrase simples*: costuma ocorrer sempre que algum elemento lexical é substituído por outro dentro de um contexto sem perda ou mudança de sentido como, por exemplo, produzir/causar;
- *paráfrase complexa*: pode ocorrer, embora de maneira limitada, quando dois elementos lexicais prestam-se à possibilidade de serem definidos de tal modo que a presença de um inclui o outro, embora não compartilhem o mesmo morfema lexical como, por exemplo, enfermidade/doutor. Hoey procura enfatizar que a paráfrase complexa demanda restrições e, ainda, bastante cautela quanto à sua indicação.

Entre os quatro tipos de repetição destacados acima, os dois primeiros se enquadram perfeitamente – em termos de configuração da repetição lexical – à tipologia formal concebida no presente livro. Igualmente, optou-se estender a caracterização de repetição simples ou complexa também aos segmentos lingüísticos que aparecem repetidos em nível estrutural (sintagma e oração), como se pode constatar mais adiante. Por outro lado, quanto às formas de repetição que Hoey vincula à paráfrase, sua classificação permanece fora da tipologia que se há delineado. Isso porque se considera que a paráfrase, embora possua alguns traços em comum com a repetição, constitui outro tipo de fenômeno lingüístico.

O estudo de Bessa Neto (1991) também representa uma contribuição dentro da lingüística textual. Como já se mencionou anteriormente, a autora sugere um modelo abstrato de análise da repetição lexical que pode ser aplicado tanto a textos orais quanto a textos escritos. Depois de haver delimitado as formas e funções da repetição em textos orais, Bessa Neto toma como ponto de partida para o estudo das narrativas escritas a mesma tipologia utilizada nas formas lexicais identificadas nas narrativas orais. Do mesmo modo, para apoiar a análise dos textos escritos, adota o elenco de funções identificadas nas ocorrências de repetições orais. Não obstante, conforme explica a investigadora, a lista de funções apresenta diferenças de uma modalidade para outra.

É conveniente destacar que Bessa Neto, com base na análise de textos literários de gênero narrativo (publicados e em jornais) assinala cinco funções da repetição lexical na escrita: *desdobramento*, *especificação*, *reforço*, *finalização* e função de *índice*. Por um lado, as funções mencionadas representam exatamente a metade do número das que foram reconhecidas pela investigadora nas narrativas orais espontâneas. Por outro lado, entre os cinco tipos funcionais destacados acima, os três primeiros são considerados pela autora como acidentais, enquanto os últimos se impõem como imprescindíveis dentro de sua descrição. Vale comentar que, embora a investigadora tenha elegido textos de gênero narrativo para compor seu material de estudo, de maneira inexplicável não levou em conta o componente avaliativo dentro de sua tipologia funcional.

Quanto aos tipos formais, Bessa Neto (*op.cit.*:176) comenta que dos nove tipos resultantes do processo de cruzamento acumulativo, oito puderam ser comprovados empiricamente nos dados analisados. Informa também que nenhuma das ocorrências de repetição lexical identificada no *corpus* ficou fora dos nove tipos disponíveis, os quais resultam da correlação de dois fatores: (1) configuração: *repetição lexical literal ou com variação* e *paráfrase lexical*; (2) colocação: *repetição contígua, próxima* e *distante*. A investigadora esclarece que a tipologia formal foi tão eficaz na identificação das ocorrências de repetição lexical em narrativas escritas como foi na análise dos relatos orais. Por outro lado observa que a repetição lexical tem-se manifestado como um fenômeno menos intenso e menos destacado no texto escrito em comparação com textos orais. Na realidade, o propósito de Bessa Neto era confirmar a hipótese de que a repetição poderia constituir um dos traços distintivos entre a linguagem oral e a linguagem escrita, o que não foi levado a cabo obviamente.

É interessante indagar também a respeito das possibilidades de correspondência interna entre forma e função no que diz respeito ao fenômeno lingüístico da repetição. Nesse sentido, a proposta que se desdobra quanto à análise sistemática das formas e funções da repetição, em textos narrativos orais e escritos, aproxima-se bastante do estudo de Bessa Neto. Não obstante, busca-se as formas e as funções da repetição tanto em nível lexical como no estrutural. Além disso, os dados estudados compreendem textos narrativos orais e escritos produzidos pelos mesmos sujeitos.

Por outro lado, trata-se de uma proposta de investigação baseada principalmente na suposição de que o oral e o escrito compartilham procedimentos de repetição que organizam o discurso. Além disso, como já se mencionou anteriormente, pretende-se confirmar a hipótese de uma harmonia entre as funções desempenhadas pela repetição, tanto em textos orais como em textos escritos.

Os estudos apresentados nesta seção destacam a importância dos procedimentos de repetição no discurso oral e escrito. Entre os papéis que desempenha, a repetição como fenômeno lingüístico pode

enlaçar não só partes do discurso, mas também os participantes de uma conversa; além de implicar coesão costuma ajudar na coerência e, ao mesmo tempo, contribui para o fluxo da informação e para simplificar a produção discursiva, principalmente em situações de interação. Nos textos escritos, os segmentos repetidos ao mesmo tempo em que incrementam a coesão, constituem pistas que conduzem à organização das informações; e, dependendo do gênero textual, podem funcionar como um poderoso recurso argumentativo, ou como um traço expressivo de envolvimento que favorece a interação.

Os diferentes trabalhos comentados anteriormente tratam de um fenômeno que faz parte de um processo central que incrementa positivamente a linguagem. Além disso, permitem observar que os tipos e funções de repetição, embora possam variar, em princípio pela modalidade (oral ou escrita), destacam-se essencialmente quanto ao gênero e registro dos textos elegidos para análise. Desde já, os textos escritos de natureza formal, em oposição aos produzidos de maneira espontânea, vão apresentar-se com o predomínio de algumas funções, embora ambas as modalidades da língua possam manter algumas funções em comum, como demonstra o estudo comparativo de Bessa Neto.

A seção seguinte está dedicada a sustentar a posição do presente estudo, além de refletir conjuntamente o sistema de apoio teórico/metodológico que se utiliza para investigar as questões estabelecidas.

2.7 Caracterizando a repetição

Dentro de uma concepção genérica, a repetição consiste na reparação de um ou mais elementos lingüísticos depois de sua primeira ocorrência dentro de um mesmo texto. Se tomada como um processo expressivo, não só intratextual, mas também intertextual, a repetição (*geminatio* ou *repetitio* para os primeiros retóricos, “recorrências” ou “formas recorrentes” para os lingüistas do texto) constitui um dos recursos mais efetivos quanto à intensificação da linguagem nos níveis fonológico, morfológico e sintático, conforme sugere Gilberto Teles (1970: 36), que comenta: “o que era inicialmente

um aspecto da fala foi-se tornando coletivo, um aspecto da língua, sem perder embora sua força criadora individual. E da linguagem oral passou à escrita, nos períodos de maior realismo literário” (*op.cit.*: 37).

Agora bem, no presente estudo enfoca-se a repetição no oral e no escrito a partir do nível lexical, embora se reconheça a presença desse fenômeno nos níveis fonológico e morfológico da linguagem. Existe, por exemplo, uma ampla gama de repetições de segmentos fonológicos, que vai desde a simples recorrência de sons ou de sílabas até as aliterações e assonâncias, cujas realizações ultrapassam, não os interesses, mas os propósitos da investigação que se propõe. Além disso, pode-se afirmar que a forma mais simples de repetição ocorre através da recorrência de palavras e é isto que vem de imediato na mente das pessoas quando se faz referência ao fenômeno.

Denomina-se, aqui, repetição lexical à reaparição de palavras autônomas ou independentes, quais sejam, substantivos, verbos, adjetivos e advérbios. Estas são consideradas palavras autônomas porque têm a possibilidade de cumprir por si só uma determinada função. Quanto aos elementos gramaticais ou palavras dependentes, tais como artigos, conjunções e preposições, estas serão consideradas somente quando aparecerem dentro de estruturas e, portanto, não serão computadas isoladamente como entradas de repetição. Entre os pronomes, alguns dos indefinidos vão ser considerados como unidades lexicais quando aparecerem repetidos dentro de enunciados. As unidades indefinidas vão ser consideradas pelo fato de possuírem um traço de índole semântica ou, como bem observa Emílio Alarcos (1994: 144): “porque fazem referência a noções como quantidade, intensidade, grau, número modo, etc., com que o falante considera as realidades aludidas no ato da fala”.

Com o propósito de seguir delimitando o objeto de estudo, qual seja, a repetição, algumas considerações a mais devem ser apresentadas, principalmente porque envolvem a metalinguagem utilizada na análise. Em primeiro lugar, a ocorrência original de uma unidade lingüística repetida (elemento lexical, sintagma ou oração) é reconhecida como ‘matriz’ (M). De acordo com Marcuschi (1992: 33), o primeiro a empregar o termo, “uma matriz tem como característica operar como

base ou modelo para a projeção de outro segmento construído a sua semelhança ou identidade, chamado repetição (R)”. Não obstante, deve-se observar que é a R que, ao realizar uma operação sobre o dito, projeta a M e não o contrário. Marcuschi comenta que uma M, embora possa condicionar uma R em vários níveis (fonológico, morfológico, léxico, sintático, semântico ou pragmático), não impede a criatividade ou atividade reformuladora. Pode-se acrescentar que é justamente o fato de tratar-se de uma operação progressiva sobre o dito ou o escrito, e não uma determinação regressiva, o que permite a criatividade no ato discursivo da repetição.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que uma R não pode ser tomada como um mecanismo automático, que restringe o conteúdo comunicativo pelo fato de refletir uma M, mas, sim, deve ser vista como um fenômeno cuja presença no discurso tem alguma finalidade. Em poucas palavras, ninguém se vê obrigado a repetir, nem repete por repetir. Eis a questão. A repetição, enquanto recurso lingüístico, deve ser considerada como um signo característico da importância de um elemento dentro da estrutura de produção (Fillol e Mouchon, 1977, *apud* Bastos, 1985).

Em segundo lugar, é possível que ocorra a repetição de elementos lingüísticos iguais e outros menos similares à matriz. Em princípio, quando o elemento ou segmento repetido exhibe a mesma forma da M, configura-se uma *R-simples* e quando mostra alguma variação com relação a esta implica uma *R-complexa*. Os critérios operacionais selecionados para a distinção entre elementos lingüísticos análogos ou não à matriz aparecem discutidos detalhadamente mais adiante. Por agora, pode-se adiantar que a *R-simples* mantém vínculos de identidade com a matriz, embora por sua posição seqüencial ambas sejam intrinsecamente diferentes. Quanto à *R-complexa*, sua correlação compreende um ponto de identidade e outro de diferença em relação à matriz.

No que diz respeito à noção de identidade, observa-se que toda R compreende dois aspectos fundamentais em relação à M: por um lado, a igualdade ou semelhança de formas lingüísticas e, por outro, os vínculos semânticos e pragmáticos. O caso mais forte de

vinculação semântica corresponderia à identidade referencial, que surge quando dois elementos repetidos compartilham o mesmo referente. Nessa perspectiva, a referência implica uma relação de sentido que se estabelece entre duas formas lingüísticas na superfície textual. Trata-se, desde já, da ‘co-referência’ sugerida por Halliday e Hasan (1976).

Além da conhecida acepção hallidiana, o termo ‘referência’ é usado na literatura da lingüística, especificamente dentro da tradição semântica, para designar a relação que se estabelece entre uma forma lingüística e seu referente extralingüístico (Koch, 1991). Outra extensão do termo é encontrada em Lyons (1981: 221) para quem a referência é “um aspecto do significado do enunciado dependente do contexto: é uma relação que se estabelece entre os falantes e aquilo do que falam em cada caso”. De acordo com Lyons, é o falante quem faz a referência mediante o ato de referir, por meio do uso de alguma expressão adequada.

A referência também remete ao aspecto pragmático que implica tudo o que concerne ao contexto. Além disso, desde a perspectiva pragmática, a linguagem é considerada uma forma de ação e cada ato de fala pressupõe um contexto pelo simples fato de ser realizado (Mangueneau, 1989). Aqui está uma razão para a preferência pela expressão: vínculos semânticos e pragmáticos, no caso das repetições. Ao enfocar um dos aspectos fundamentais de uma R em relação a sua M, prefere-se falar de vínculo semântico e pragmático porque o termo referência está muito restrito ao nominais. Além disso, existem casos de repetição em que não cabe falar de referência, dentro do sentido estrito ou ortodoxo do termo, pelo fato de ocorrerem repetições muito além das fronteiras dos nomes.

Os vínculos semânticos e pragmáticos são tão essenciais quanto a identidade ou semelhança em nível formal para assinalar uma verdadeira R. Isto porque é possível que ocorra a reaparição de formas lingüísticas idênticas, que não constituem casos de repetição pelo fato de não compartilharem nenhum vínculo semântico e pragmático. A partir dessas considerações, já se pode formular o conceito mais definitivo do fenômeno investigado: considera-se repetição (R) ao segmento lingüístico que guarda algum vínculo semântico e pragmático

com a ocorrência matriz (M), além de uma configuração de identidade ou semelhança formal. Nesse sentido, interessa a repetição do que se diz e do que se faz, ou seja, interessa a repetição não só como um procedimento lingüístico tangível na superfície textual/discursiva, mas como um fenômeno que constitui um signo lingüístico, com forma e significado(s), capaz de operar em dois níveis ao mesmo tempo:

1. no nível textual (estrutural) – quando a R faz emergir a M;
2. no nível discursivo (funcional) – quando a R mostra as relações de sentido que se estabelecem por meio de vínculos semânticos e pragmáticos no ato da enunciação.

Depois de assinalar as condições para que uma produção lingüística constitua uma R, é necessário voltar a um caso que não será considerado como ocorrência de repetição. Trata-se da paráfrase, a qual, embora apresente um traço essencial da R que é a manutenção do vínculo semântico, não será abordada no presente estudo, porque os dados orais e escritos que compõem os *corpora* utilizados mostram ocorrências pouco representativas de produções lingüísticas que possam ser identificadas como essencialmente parafrásticas. Além disso, considera-se que a paráfrase constitui outro tipo de fenômeno lingüístico que implica a reiteração de conteúdos iguais ou semelhantes, mas com palavras diferentes. Esta recorrência de conteúdo com mudança de expressões confere à produção parafrástica uma orientação de base estritamente semântica, que a distingue das características acima apresentadas para configurar uma R, principalmente no que concerne à forma.

Uma vez delimitada a noção de repetição, mencionados os níveis em que vão ser examinadas suas ocorrências em textos orais e escritos, além de explicitado que os casos de paráfrase não serão considerados, cabe apresentar agora os procedimentos teórico-metodológicos seguidos. Finalmente, chega o momento de caracterizar a origem e a seleção dos dados, o que implica uma explicação, ainda que sucinta, dos processos de coleta até os procedimentos analíticos seguidos. O capítulo seguinte está dedicado a isto.

Capítulo 3

Um estudo qualitativo com narrativas de adolescentes

O interesse em realizar um estudo que permitisse descrever e interpretar um determinado fenômeno na linguagem dos jovens, especificamente em seu discurso narrativo, guiou a escolha de uma abordagem de trabalho qualitativa e, conseqüentemente, os métodos utilizados na coleta de dados. Desde o ponto de vista metodológico, o presente trabalho reflete, de um lado uma aproximação às práticas de caráter etnográfico, no que concerne ao processo de coleta e descrição dos dados. Por outro, evidencia também um acercamento à orientação teórica e metodológica de W. Labov, cujos estudos dentro da sociolinguística representam uma contribuição para a análise do discurso, seja na proposta de combinação do estudo da estrutura com

o da função (Labov, 1972), seja na relação das variáveis no discurso, desde a perspectiva da denominada ‘análise da variação’ (Labov, 1984).

Entre as várias formas que um estudo de natureza qualitativa pode assumir, destaca-se a investigação apoiada em procedimentos etnográficos, cujos métodos demandam uma ‘descrição densa’ de aspectos pertinentes ao fenômeno examinado e um ‘caráter interpretativo’ do mesmo (Geertz, 1978). Uma das peculiaridades do enfoque qualitativo concerne aos dados obtidos, que consistem em material rico em descrição dos sujeitos e das situações contextuais, além de implicar testemunhos autênticos, principalmente no que se refere ao componente verbal. Não se utilizam amostras lingüísticas construídas. Esta é a razão pela qual todo estudo qualitativo costuma revestir-se de uma conduta ecológica, uma vez que o pesquisador trabalha com dados naturais, procedentes de uma realidade concreta. Nesse sentido, resulta conveniente tomar em conta, sempre que possível, a ‘perspectiva dos participantes’, ou seja, a percepção que os sujeitos investigados têm no que diz respeito ao fenômeno investigado (Ludke & André, 1986).

Os procedimentos etnográficos, utilizados originalmente por antropólogos e sociólogos, começaram a receber uma aceitação crescente na área educacional a partir dos anos setenta. Isso se justifica porque a *etnografia da comunicação* passa a representar um acercamento ao discurso que permite examinar uma variedade de formas e funções lingüísticas disponíveis no comportamento humano de um determinado grupo social (cf. Schiffrrin, 1994: 137). Ademais, suas bases teóricas e metodológicas tendem a apoiar cada vez mais a investigação de problemas relacionados com o ensino/ aprendizagem de línguas, que costumam abarcar desde dificuldades na comunicação resultantes da interação assimétrica entre professor e aluno(s) até questões mais complexas provenientes de uma ‘situação de diglossia’ peculiar, conforme a identificada por S. Bortoni (1995: 124) ao focar a variação lingüística dentro de eventos de fala ocorridos em sala de aula.

A primeira seção deste capítulo se destina à apresentação e descrição dos dados básicos e complementares utilizados na investigação,

ao mesmo tempo em que se justifica a metodologia empregada para colher o material de estudo. A seção seguinte consiste na caracterização do tipo de discurso escolhido para a pesquisa, seguida do modelo laboviano relativo à estrutura da narrativa. A última seção está dedicada à exposição dos procedimentos concernentes à definição e caracterização das unidades de análise menores (unidades de informação), delimitadas dentro das unidades de base, ou seja, os textos orais e escritos.

3.1 Os dados em foco

Para levar a cabo a investigação do fenômeno lingüístico da repetição no discurso dos jovens, um tema que demanda atenção no âmbito educacional, alcançou-se reunir um material de estudo resultante de dois procedimentos metodológicos de natureza etnográfica:

- a) gravação (em áudio e vídeo) de narrativas orais espontâneas e coleta dos relatos escritos correspondentes;
- b) entrevistas.

Inicialmente cabe registrar que, previamente às etapas mencionadas acima, houve um período de observação em contextos escolares distintos e em épocas também diferentes, tanto no Brasil (Brasília) como nas cidades de Puebla e México, ambas no México. O confronto dos diferentes tipos de amostras obtidas em cada um dos contextos escolares selecionados permitiu imprimir um caráter de validade e legitimidade à descrição e interpretação dos dados, tanto em português como em espanhol. Além disso, pôde-se realizar uma ‘triangulação’, técnica sugerida por Aaron Cicourel (1980), que está relacionada à metodologia de coleta de dados.

O termo ‘triangulação’ pode ser empregado em vários sentidos, embora se refira essencialmente a perspectivas diferentes de coleta e comparação de tipos de dados (*cf.* Stubbs, 1987: 234). De acordo com Cohen e Manion (1983:233), “a triangulação pode ser definida

como a utilização de dois ou mais métodos de coleta de dados no estudo de algum aspecto do comportamento (comunicativo) humano”. No caso do presente estudo, resulta patente principalmente a triangulação espacial e social, uma vez que os dados refletem contextos diferentes, línguas diferentes e, em consequência, perspectivas distintas para apoiar a análise do fenômeno lingüístico da repetição.

O *corpus* que serve de base para o estudo proposto é constituído por um total de 220 textos orais e escritos, produzidos por informantes de Brasília (três escolas) e do México (quatro escolas). São produções lingüísticas naturais recolhidas de acordo com a conhecida técnica sugerida por Labov (1972) para obter narrativas de experiência pessoais.

Entre os pares de narrativas selecionados dentro do espanhol, 49 foram obtidos entre dois grupos de pré-adolescentes da cidade de Puebla⁴ (México), cujas idades se distribuem entre os 11 e 14 anos. Os integrantes dos dois grupos eram alunos do 6º ano da educação básica de duas escolas de Puebla: uma particular e a outra pública. Os textos escritos produzidos pelos pré-adolescentes pueblanos antecederam a versão oral, que foi colhida por meio de um gravador portátil. Já na cidade do México, a coleta de textos orais se deu primeiro, sendo levada a cabo mediante registros vídeogravados em uma escola pública, durante reuniões da investigadora com um grupo de 21 adolescentes entre 15 a 19 anos de idade, alunos do 1º ano de bacharelado, nível correspondente ao 1º ano do segundo grau no Brasil.⁵ As 21 narrativas escritas, foram solicitadas e recolhidas alguns dias depois do registro da versão oral.

Ressalte-se que não foram identificadas diferenças significativas resultantes da ordem de coleta dos textos orais e escritos. Nesse sentido, cabe acrescentar que a literatura da lingüística registra trabalhos

⁴ Os dados de Puebla fazem parte do trabalho de pesquisa realizado por A. Cárdenas e M. Caslellanos (1993).

⁵ Os dados da cidade do México foram colhidos pela autora em 1993, no mesmo ano da coleta dos dados de Puebla.

de controle de experimento, cujos resultados comprovam que a ordem pela qual as amostras são colhidas (oral/escrita ou escrita/oral) não interfere nos resultados do estudo (cf. Beaman, 1984: 51).

Quanto aos dados em português, estes são provenientes de dois momentos de pesquisa, ou seja, são amostras colhidas em 1989 e 1998⁶. As narrativas do primeiro momento, as quase perfazem um total de 40 (20 textos orais e 20 textos escritos), foram colhidas entre jovens na faixa de 14 a 19 anos, alunos da oitava série de duas escolas de 1º grau em Brasília, sendo 10 alunos de uma pública e 10 de uma particular. O segundo momento, o mais recente, compreende cerca de 20 pares de narrativas de adolescentes entre 15 e 17 anos de idade, alunos de uma escola pública situada em uma cidade satélite, próxima de Brasília. Em ambos os momentos, primeiro foram gravadas as narrativas orais e, depois, solicitados os relatos escritos correspondentes.

A gravação das narrativas orais permitiu a obtenção de amostras que, em termos labovianos, pode-se denominar de estilo casual da fala vernacular. Labov (1972) distingue ‘estilo casual’ de ‘estilo cuidado’ da seguinte maneira: neste as pessoas monitoram sua fala, enquanto naquele, elas não se preocupam com o modo de falar, sendo, portanto, bem espontâneas. De modo geral, a proposta para encetar o relato de narrativas espontâneas consistiu em perguntar aos informantes se eles já haviam passado por alguma experiência de impacto, envolvendo perigo, emoção, tristeza ou ainda uma grande alegria. Os relatos quase sempre começavam como resposta à questão: – Que aconteceu?. No caso do espanhol, a pergunta formulada era – *que le pasó?* (cf. Labov, 1972: 354).

As videograções e as gravações em fita cassete constituem uma evidência da espontaneidade dos informantes, não só pela maneira como se comportaram em grupo, mas também no que se refere à linguagem de seu relato. Os encontros com os jovens, na etapa de coleta de dados, embora seguissem uma agenda programada de acordo

⁶ Os dados mais recentes do português (1998) foram colhidos pela bolsista do PIBIC Neyza Vieira e os anteriores (1991) pela autora.

com os horários intermediários entre uma e outra aula, foram realizados sempre em ‘território neutro’, ou seja, como um evento de participação livre, em geral no pátio da escola. Romaine (1984: 33) caracteriza com a expressão ‘território neutro’ o lugar ou a situação de pesquisa em que nem o pesquisador, nem os informantes possuem papéis sociais claramente definidos como, por exemplo, professor *versus* aluno em um evento de sala de aula.

De acordo com Labov (1984: 29), a variedade vernácula é um modo de fala adquirido nos anos da pré-adolescência, o que desde já permite estabelecer uma relação com os sujeitos pesquisados, cujas idades nos permitem caracterizá-los em dois grupos: pré-adolescentes (11 a 14 anos) e adolescentes (15 a 19 anos). Trata-se, pelo menos em princípio, de um grupo social que se encontra em plena aquisição e desenvolvimento da fala vernacular, tanto no que diz respeito ao português como no que se refere ao espanhol. Cabe, aqui, esclarecer que a classificação que se há adotado quanto aos grupos de idade – pré-adolescentes (11 a 14 anos) e adolescentes (15 a 19 anos) – guarda, inicialmente, uma relação com o grau escolar dos informantes. A delimitação dos dois grupos coincide, de certo modo, com as duas etapas cronológicas sugeridas por A. Monroy (1990), que afirma que a adolescência precoce (10 a 14 anos) caracteriza-se, entre outros aspectos, pela busca da autonomia e início do pensamento abstrato (hipotético dedutivo), enquanto a adolescência tardia (15 a 19 anos) consiste na segunda fase do pensamento abstrato, além de distinguir-se da primeira mediante o desenvolvimento intelectual e emocional do jovem. A ausência de critérios precisos dentro da psicologia do desenvolvimento no que diz respeito à divisão das duas etapas – situadas entre a infância e a idade adulta, além de serem matizadas por fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais – justifica a escolha de um critério simples e claro que, desde já, corresponde à aceção cotidiana.

Como etapa seguinte da coleta de dados, foi utilizado o recurso das entrevistas o qual, ao lado da observação e da gravação, constitui um procedimento metodológico valioso na complementação de informações. As entrevistas, algumas gravadas e outras escritas, foram realizadas principalmente com o propósito de captar a ‘perspectiva

dos informantes' com relação ao uso da língua oral e da língua escrita. Para obter amostras que evidenciassem a concepção que os jovens adolescentes têm de seu desempenho oral e escrito, optou-se pela associação de dois tipos de entrevista – informal e focalizada – procurando, desse modo, minimizar a assimetria subjacente a toda entrevista em decorrência do papel do entrevistador. Além disso, a conjugação desse dois tipos facilitou a gravação dos dados em vídeo. Nessa etapa trabalhou-se pessoalmente com dois grupos de informantes brasileiros, que foram entrevistados em conjunto. No início, conversamos brevemente sobre as gravações das narrativas realizadas nas visitas anteriores. Em seguida, sugeriu-se que eles discorressem sobre sua experiência pessoal com a língua nas modalidades oral e escrita, perguntando a cada uma o que era mais fácil: falar ou escrever.

De modo geral, os jovens preferem falar a escrever, justificando que, na escrita, as palavras lhes fogem e eles não conseguem registrar com exatidão o pensamento. Eis alguns trechos dos depoimentos gravados em vídeo:

- *“Eu acho que me expesso muito melhor falando do que escrevendo... Pra escrever, eu erro muito nas palavras, sabe? Assim... eu quero falar uma coisa diferente...daí eu erro sabe? Assim... para eu passar a coisa pro papel...”.*

(Marcela – 15 anos)

- *“Tem vezes que eu não acho palavras, aí eu coloco a gíria mesmo, num consigo evitar.... e a professora não gosta...”.*

(Georgio – 15 anos)

- *De vez em quando eu passo pra escrita muita coisa que eu falo... Às vezes, pode até sair boa a redação, mas a professora corta muita coisa, dizendo que eu preciso escrever melhor... Daí eu acho que não escrevo bem”.*

(Janaína – 16 anos)

- *“Tenho muita dificuldade em escrever...Nossa, eu me embolo toda... tento usar assim... tento evitar a gíria... assim... que eu uso falando, né?Mas pronto, num tem nada a ver, eu tenho que fazer tudo de novo... não consigo organizar a redação”.*

(Ana Paula – 15 anos)

- “Eu gosto de escrever, mas cometo muito erro de gramática, quer dizer, quando não dá... eu coloco uma porção de aí,aí... Acho que é porque eu não leio muito... não procuro palavras no dicionário”.

(Marcelo – 15 anos)

Observe-se que a expressão escrita torna-se difícil para os jovens pela falta de desenvolvimento sistemático das habilidades textuais, relacionadas aos aspectos de coesão e coerência. Existe também o problema de sanção do professor que, ao parecer, contribui para reforçar no aluno uma auto-imagem negativa com relação ao seu desempenho na escrita.

Quanto à opinião dos jovens mexicanos entrevistados, a maioria considera que escrever bem implica, primeiramente, cuidar da ortografia. Em segundo lugar, deve-se dominar um bom vocabulário para conseguir expressar-se adequadamente e, em terceiro lugar, ter imaginação e boas idéias. Ao responderem a pergunta a respeito das formas de expressão que utilizam com frequência na fala e que costumam empregar na escrita, os jovens em sua maioria citaram as seguintes: “ou seja”, “boa onda”, “bom”, “creio”, “por exemplo”, (*‘o sea’, ‘buena onda’, ‘bueno’, ‘creo’, ‘por ejemplo’*), além dos conectivos “e”, “mas” e “porque” (*‘y’, ‘pero’ e ‘porque’* respectivamente).

Cabe destacar que as informações registradas nas entrevistas videogravadas e nas escritas, ao mesmo tempo em que ilustram os aspectos pertinentes à escrita, representam também dados complementares que permitem considerar ‘a perspectiva dos informantes’, como sugerem Ludke & André, conforme mencionado anteriormente. Além disso, trata-se de uma forma de aproximação, mediante o ponto de vista dos sujeitos investigados, ao macrotema do estudo, qual seja, a oralidade e a cultura escrita.

Entre os 21 informantes mexicanos, alunos do curso secundário (bacharelado), muitos preferem expressar suas idéias oralmente e justificam isso, em uma entrevista escrita, com argumentos relacionados às perguntas: 1. *Recuerda los trabajos que hicimos com las anécdotas? Qué le resultó más fácil, contarlas o escribirlas?* 2. *Por qué le resultó más fácil eso?* (1. Recordar-se dos trabalhos que fizemos com as narrativas? O que resultou mais fácil, contá-las ou escrevê-las?;

2. Por que resultou mais fácil isso?). Trata-se de argumentos que merecem ser apreciados, tais como os seguintes:

- “Porque cuando lo hago hablando siento que hay alguien que me escucha y que voy a encontrar respuestas.” (*Porque quando o faço falando, sinto que há alguém que me escuta e que vou encontrar respostas.*)

(Rocio – 16 anos)

- “...por que así siento que sí, le platicó a alguien y siento que tal vez escrito no lo toman muy em serio.” (*... porque assim sinto que sim, se falou com alguém e sinto que talvez o escrito, não o tomam muito a sério*”

(Ociel – 16 anos)

- “Poque soy más abierta e en cambio escribiendo se me olvida (a veces)”. (*Porque sou mais aberta e, ao contrário, escrevendo me esqueço (às vezes).*)

(Ceci – 16 anos)

- “Porque hablando digo todo lo que siento, y por escrito hay veces que no sabría como empezar”. (*Porque falando digo tudo o que sinto, e por escrito há vezes que não saberia como começar.*)

(Alma – 16 anos)

- “Porque uno se siente un poco mas seguro de las palabras y lo dicho, dicho está y no puedo escribirlo igual”. (*Porque a gente se sente um pouco mais seguro das palavras e o dito, dito está e não posso escrevê-lo igual.*)

(Alfredo – 15 anos)

De um lado, a necessidade de interagir com alguém mais próximo (em lugar de um interlocutor virtual) constitui, desde já, o aspecto social da linguagem decisivo para que os adolescentes, de maneira similar às crianças, desenvolvam suas habilidades discursivas. De outro, parece que a palavra falada significa para eles a fonte mais imediata para verter o lado expressivo da linguagem, principalmente quando se trata de um gênero discursivo como o narrativo, por exemplo, já que contar histórias pressupõe a presença de outrem.

3.2 O discurso narrativo e o modelo de Labov

Esta seção enfoca, inicialmente, alguns conceitos de narrativa. Em seguida, serão considerados os componentes da estrutura narrativa, sugeridos por Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972). Depois, tratar-se-á especificamente da avaliação que, por constituir um dos componentes funcionais da narrativa, além de integrar sua estrutura externa, demanda uma apresentação mais detalhada. Considera-se necessário examinar os tipos de avaliação que podem ocorrer dentro de uma narrativa não só pela sua vinculação com o aspecto interacional da linguagem, mas também pela relação que costumam evidenciar com os tipos de repetição.

Uma narrativa pode ser reconhecida, em princípio, como um tipo de discurso que exhibe uma ordem temporal. Além disso, cabe mencionar que, sob qualquer configuração, seja uma narrativa oral espontânea ou um relato narrativo escrito mais próximo do registro formal (ou literário), trata-se de um gênero do discurso em que pelo menos dois elementos aparecem distante em termos de situação espaço/temporal. Como sugere Michael Toolan (1994: 2): “aqui e agora está o narrador, enquanto mais adiante está o tópico, distante inclusive no tempo”. Sem embargo, de acordo com o grau de envolvimento do narrador com suas próprias idéias, com o interlocutor ou com o tópico relatado, a distância espaço/ temporal costuma apresentar variações. Nessa perspectiva, uma das características distintivas da narrativa, além da disposição temporal, concerne à fonte, ou seja, o narrador com seu ponto de vista.

Outra maneira de se acercar do conceito de narrativa consiste em buscar as acepções associadas ao termo. A caracterização teórica mais detalhada que se pode apontar é a proposta por Gerard Genette (1972: 23-5), que associa o termo a três noções distintas:

1. narrativa, em um sentido mais genérico, designa o enunciado narrativo, o discurso oral e escrito que implica o relato de um acontecimento ou uma série de acontecimentos;
2. em empregos mais específicos, entre analistas e teóricos do conteúdo narrativo, o termo caracteriza a sucessão de acontecimentos, reais ou

fictícios, que constituem o objeto desse discurso, bem com suas relações de encadeamento, oposição, etc.;

3. em usos mais recorrentes, narrativa designa também um acontecimento: já não aquele que se conta, mas aquele que consiste em que alguém conte alguma coisa – o ato de narrar em si mesmo.

Dentre as noções apresentadas acima, a primeira é a que melhor se coaduna com a abordagem do estudo proposto, o qual envolve narrativas de jovens. Entretanto, a terceira noção também é pertinente, uma vez que se acredita, como Genette, que sem ato narrativo não há enunciado e, às vezes, nem sequer conteúdo narrativo.

Mas uma caracterização mais específica é dada por Lívya Polanye (1985: 9) que aponta como narrativas:

“tipos de discurso organizados em torno de uma passagem de tempo em algum ‘mundo’. No discurso narrativo de qualquer natureza, a linha do tempo é estabelecida, demarcada por momentos discretos nos quais ocorrências instantâneas (eventos) tomam lugar no mundo criado através do relato.”

A autora esclarece que, em qualquer narrativa, alguns eventos constituem a linha principal do tempo, envolvendo séries de instantes sucessivos no mundo narrado, que correspondem ao ponto de referência móvel na construção da narrativa.

Outro enfoque de discurso narrativo que leva em consideração a linha do tempo é a de Labov e Waletzky (1967: 20) que definem narrativa como “um método de recapitulação de experiências passadas, combinando uma seqüência verbal de orações a uma seqüência de eventos que ocorreram efetivamente”.

Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972a), no estudo de narrativas orais de experiências pessoais, focalizam a narrativa sob os pontos de vista formal e funcional. O aspecto formal refere-se a uma configuração discursiva marcada por padrões recorrentes e típicos tanto em nível de oração, quanto em nível de seqüências mais amplas. O aspecto funcional, por sua vez, envolve duas funções que o discurso narrativo pode cumprir numa situação comunicativa: a avaliativa e a referencial. A função avaliativa, foco de interesse neste estudo, evidencia o empenho pessoal do

narrador em valorizar os feitos narrados, com o objetivo de justificar a própria ocorrência de seu relato e sustentar a expectativa que ele tenha criado no seu interlocutor a respeito de uma experiência realmente interessante e, portanto, passível de ser contada. Já a função referencial permite que as orações narrativas apareçam organizadas de maneira semelhante à seqüência temporal dos acontecimentos, favorecendo, assim, uma das finalidades básicas do discurso narrativo, qual seja, recapitular experiências passadas.

A estrutura geral de uma narrativa, no modelo trabalhado pelos dois autores, compreende as seguintes seções: *orientação*, *complicação*, *avaliação*, *resolução* e *coda*. Posteriormente, Labov (1972) acrescenta o *resumo*, antecedendo a *orientação*. Cada seção é definida pelo seu posicionamento na seqüência narrativa, pelos tipos de orações que a constituem e pela função que exercem dentro da narrativa. É oportuno mencionar que a estrutura da narrativa resulta interessante no contexto do presente estudo, uma vez que favorece a localização das ocorrências de repetição durante as etapas de sua delimitação empírica em textos narrativos.

De acordo com Labov & Waletzky, a oração constitui a unidade semântica mínima na qual se realizam as duas funções básicas da narrativa, quais sejam, a referencial e a avaliativa. As propriedades sintáticas e semânticas das orações contribuem não só para a delimitação das seções narrativas, mas também para a identificação das funções que estas costumam desempenhar. Ocorrem no discurso narrativo quatro tipos de orações, as quais de acordo com Labov (1972: 360) são assim caracterizadas:

1. orações narrativas – constituem a espinha dorsal da narrativa, aparecendo ordenadas temporalmente ou em ‘juntura temporal’, o que as mantém limitadas a uma relação de seqüencialidade com as orações anteriores e posteriores;
2. orações livres – podem ser deslocadas para qualquer ponto da narrativa;
3. orações restritas – deslocam-se somente através de parte da narrativa;
4. orações coordenadas – intercambiáveis entre si, indicam ações simultâneas, podendo ter sua ordem invertida sem alterar a interpretação semântica dos fatos narrados.

Cabe observar, de um lado, que os tipos de oração mencionados anteriormente exibem uma dependência conceptual solidária, uma vez que são definidos com base nas características que cada um possui em relação aos outros. Por outro lado, a identificação resulta também da posição que costumam ocupar essas orações dentro da seqüência do texto narrativo.

Quanto às seções estruturais da narrativa, a primeira é denominada *resumo*, justamente porque costuma aparecer constituída de uma ou duas orações que sintetizam a experiência, além de apresentar a proposição que será expandida ao longo da narrativa. Sua ocorrência, que é facultativa, dá-se ao início do relato. O resumo cumpre a função de estimular o interesse do ouvinte/leitor para o que vai começar a ser narrado. Labov não faz referência aos tipos de oração que podem conformar essa seção. Não obstante, enfatiza que tais tipos de orações apontam para a razão do relato, afirmando que contribuem para o ponto central da narrativa. Os verbos dessa seção costumam aparecer no pretérito perfeito do indicativo.

A *orientação* informa o ouvinte/leitor sobre o lugar, o tempo, as pessoas e a situação em que se desenrolam as ações dos personagens e os fatos narrados. A seção orientadora cumpre, desse modo, uma função referencial. Trata-se de uma seção constituída de orações livres, que pode aparecer no início da narrativa ou depois do resumo. Embora ocorra com grande freqüência, é um componente facultativo. Os verbos aparecem no pretérito imperfeito, podendo, também, aparecerem flexionados no perfeito e no gerúndio.

A *complicação* é o corpo da narrativa propriamente dita. Constitui-se de orações independentes, ordenadas temporalmente, ou seja, relaciona-se à seqüência e eventos, expressando-os na ordem em que se sucederam. Desse modo, uma mudança de ordem nas orações alteraria a seqüência original dos acontecimentos relatados. O pretérito perfeito é o tempo mais recorrente dessa seção que compreende o clímax do relato e termina quando começa a resolução. A propósito, complicação e resolução são as seções indispensáveis numa narrativa.

A *resolução*, como o próprio nome indica, tem a função de apresentar o desenlace dos acontecimentos. Como a complicação,

é constituída de orações ordenadas temporalmente. Pode ser seguida pela *coda*, uma seção opcional que, marcando o fim da narrativa, tem como função trazer o ouvinte/leitor de volta ao tempo presente, deixando-o com um sentimento de conclusão.

A *avaliação* tem por finalidade informar ao ouvinte/leitor o ponto de vista do narrador em relação à narrativa. Como seção estrutural, incide sobre a ação complicadora. Tem, por vezes, a função de separar a complicação da resolução, podendo, outras vezes, vir fundida à resolução numa única oração narrativa. Pode ainda não se limitar a uma seção fixa, perpassando a narrativa como “foco de ondas avaliativas” (Labov, 1972a: 369). Nesse caso, a avaliação forma uma estrutura secundária, podendo ser encontrada em qualquer ponto da narrativa sob diversas formas. Para a identificação do componente avaliativo, autor aponta quatro tipos de avaliação: externa, encaixada, ação avaliativa e avaliação mediante suspensão da ação. Os tipos de avaliação sugeridos por Labov constituem, na realidade, os meios que o narrador utiliza para destacar a importância relativa aos acontecimentos que têm lugar dentro do relato. Trata-se de recursos avaliativos, cuja presença enfatiza que vale a pena contar a história, seja porque os acontecimentos foram perigosos, humorísticos, maravilhosos ou, em termos mais gerais, misteriosos, de entretenimento ou fora do comum (cf. Labov, 1972a: 371). Vejamos cada um de maneira sucinta.

A *avaliação externa* cumpre, a princípio, uma função essencialmente estrutural quando o narrador interrompe a narrativa e dirige-se ao ouvinte/leitor, comunicando-lhe um ponto relevante do relato. Existe, porém, uma série de passos intermediários que estabelecem a avaliação externa na narrativa sem que haja quebra no fluxo das orações narrativas. Um deles consiste em o narrador atribuir a si mesmo um comentário avaliativo dentro do momento do relato.

A *avaliação encaixada* (interna) pode ocorrer de três modos: 1) o narrador, preservando a continuidade dramática, menciona seus sentimentos como algo que estivesse ocorrendo com ele no momento e não como se estivesse dirigindo-se ao ouvinte/leitor que está fora da narrativa; 2) o narrador faz referência a si mesmo como se estivesse

dirigindo-se a alguém; 3) o narrador introduz uma outra pessoa para avaliar as ações do antagonista, o que aumenta a carga dramática dos fatos narrados.

A *ação avaliativa* volta-se também para os recursos avaliativos internos da narrativa. O narrador conta o que as pessoas fizeram ao invés de o que elas disseram. Labov observa que as ações também revelam os sentimentos do narrador.

E, por fim, a *avaliação mediante suspensão da ação*, que se realiza quando as emoções são expressas em sentenças separadas. A suspensão da ação sinaliza para o ouvinte/leitor que aquela parte interrompida indica um aspecto avaliativo.

Labov informa que os elementos que valorizem determinados eventos relacionados à razão principal do relato, ou seja, que salientem de alguma forma o ponto de vista do narrador, os protagonistas, o antagonista ou a situação de fala, podem ser considerados como avaliativos. Na maioria das vezes tais elementos são evidenciados pelo desvio da sintaxe básica da narrativa.

Para caracterizar o que Labov considera como desvio da sintaxe básica, observe-se como ele define esta sintaxe: “A oração narrativa constitui em si um dos padrões gramaticais mais simples de fala encadeada. As estruturas superficiais são bem simples e relacionadas diretamente a uma estrutura profunda também simples” (*ibid.*:375). Ao tomar como tácito o fato de que a complexidade sintática é relativamente rara na narrativa, o autor sugere que qualquer elemento que se configure como um desvio da sintaxe básica da narrativa assinala uma força avaliativa marcada. Além disso, comenta que se trata de elementos lingüísticos e paralingüísticos que podem ocorrer na seção avaliativa ou aparecerem em qualquer parte da narrativa. Para sua identificação, Labov propõe quatro agrupamentos: intensificadores, comparadores, correlativos e explicativos. Especificar-se-á o primeiro grupo, justamente por sua relação de pertinência com o estudo que ora se propõe.

Entre os *intensificadores* mais comuns, além dos gestos e da fonologia expressiva, destacam-se os quantificadores e a repetições. De acordo com Labov, o quantificador “todo” é geralmente colocado

no ponto crítico das narrativas dos adolescentes. Quanto às repetições, o sociolinguísta norte-americano observa que, de um ponto de vista sintático, trata-se de um mecanismo muito simples, mas efetivo, na narrativa, uma vez que intensifica uma ação particular ou pode suspender a ação. Este ponto será retomado no capítulo destinados às funções da repetição. A seguir, enfoca-se as unidades básicas da estrutura da informação.

3.4 As unidades da estrutura de informação e os procedimentos analíticos

Para realizar uma análise envolvendo a presença do fenômeno lingüístico da repetição em narrativas orais e escritas de pré-adolescentes e adolescentes, depois da identificação geral das seções estruturais presentes nas narrativas, cada texto foi dividido em unidades discursivas que se há reconhecido como ‘unidade de informação’. Trata-se de uma porção do discurso concernente à estrutura da informação e que implica, ademais, a interação de duas partes complementares: o que é *dado* e o que é *novo* (cf. Halliday, 1989). No que diz respeito à estrutura dado-novo, é oportuno recordar que compete ao falante (ou escritor) a decisão do que vai ser oferecido ao interlocutor (ouvinte ou leitor) como informação conhecida ou desconhecida.

Nos textos que compõem os dados em estudo (narrativas orais e escritas, tanto em português como em espanhol), as unidades de informação coincidem, em geral, com um segmento oracional simples, cuja estrutura guarda relação com os parâmetros sugeridos por Labov (1972a) para a ‘oração narrativa’, mencionada anteriormente. Não obstante, algumas unidades de informação apresentam-se sob a forma de seqüências comunicativas menores, constituídas por um segmento frasal bimembre ou unimembre, principalmente nos textos orais. Neste caso, realizam-se dentro do discurso oral abraçadas por um contorno melódico que as caracteriza como enunciados contextualizados ou, em palavras de Lyons (1980: 562): “de enunciados falados que estão pontuados por traços prosódicos e paralingüísticos como o acento,

a entonação e o ritmo”. Tais unidades discursivas menores, cuja estrutura exhibe apenas o elemento informativo novo, constituem verdadeiros enunciados pragmáticos com uma dependência contextual máxima. Cabe, aqui, observar que um enunciado, embora compreenda palavras, sintagmas ou orações (e em geral todas as combinações possíveis em termos de nível formal do sistema), é uma magnitude lingüística que pertence ao nível pragmático o qual concerne ao uso social da língua.

As unidades de informação são, em princípio, delimitadas nos textos escritos pelos sinais de pontuação, que costumam corresponder à entonação e modalidade correlacionadas à sintaxe dos enunciados. Não obstante, a pontuação resulta não ser um parâmetro confiável para identificar uma unidade de informação nos dados escritos investigados, devido ao fato de tratar-se de uma questão, no sistema de convenção gráfica dentro da escrita, que não é dominada ainda pela maioria dos jovens informantes.

Para levar a cabo a identificação e delimitação de cada unidade de informação (UI) tanto nos textos orais como os textos escritos, levou-se em consideração critérios sintáticos (conjunções como marcadores de fronteira de construção, seja nas estruturas de coordenação ou subordinação), critérios semânticos e discursivos (configuração e estrutura da UI em termos de dado/novo), com inclusão do critério fonético e do ritmo no caso do discurso oral, uma vez que foram considerados elementos de natureza paralingüística como as pausas e a entonação. A propósito, cabe mencionar que, de acordo com Kress (1994: 360), a entonação constitui um dos aspectos relevantes para o reconhecimento das fronteiras da unidade de informação na fala.

Os QUADROS III-1: AS ESTRUTURAS DENTRO DE UM PAR DE NARRATIVAS EM PORTUGUÊS e III-2: AS ESTRUTURAS DENTRO DE UM PAR DE NARRATIVAS EM ESPANHOL ilustram, a seguir, os procedimentos analíticos mencionados anteriormente. Trata-se da divisão dos textos (orais e escritos) não só em unidades discursivas funcionais, que refletem a estrutura da informação, mas também o agrupamento das UI nas seções estruturais da narrativa.

QUADRO III – 1: AS ESTRUTURAS DENTRO DE UM PAR DE NARRATIVAS EM PORTUGUÊS

Seções	Narrativa Oral	Narrativa escrita
<p>Orientação</p> <p>(av. interna)</p> <p>(a.v. externa)</p>	<p>O1] Eh:: eu/ nesse dia qu'eu quebrei minha pema [O2] eu tava voltando da escola né? [O3] Então, a gente pegou um ônibus [O4] e:: o ônibus tava muito cheio, né? [O5] Então, nesse tempo tinha problema di:: o pessoal... [O6] quando a roleta tava ainda na frente, né? [O7] Tava aquele problema, né? [O8] Então, eu peguei... [O9] ia descê, né? [O10] Aí entrô/ia subindo um homem... [O11] Então acho que:: [O12] ele tava cum pressa... [O13] pra entrá... [O14] pra subi pra frente, né?</p>	<p>[E1] Aconteceu numa tarde de quarta-feira ((av. externa))[E2] (não me lembro se foi nesse dia). [E3] Estava vindo da escola num ônibus, ((av. interna))[E4] estava lotadêrimo, [E5] tinha gente até pendurado na porta do lado de fora. [E6] Estava uma gritaria geral, quando graças a Deus, [E7] estava perto da parada [E8] onde eu iria ficar, [E9] fui para frente, perto da porta, [E10] pois ficaria mais fácil para mim.</p>
<p>Complicação</p> <p>(avaliação)</p>	<p>[O15] E ele tava cum pé... [O16] a bota este tamanho aqui, né? ((Rindo, sinaliza com as duas mãos um tamanho exagerado)) [O17] Aísubiu. [O18] Aíno qu'eu ia descê, [O19] ele pisou no meu tornozelo. [O20] Aí eu só ouvi aquele estralo, né? [O21] Aí eu falei... [O22] num aconteceu nada não. [O23] Aí quando eu pisei no chão... [O24] aí eu me dei conta... [O25] e comecei a chorá! [O26] Porque tava DOENDO pra caramba. [O27] Aí eu peguei... [O28] a minha irmã/ela:: me levou pra casa... [O29] quase sempre mancando... [O30] nem tava podendo anda... [O31] de tanta dor que'eu tava sentindo.</p>	<p>[E11] Bem, o ônibus parou [E12] quando ia descer, [E13] veio em minha direção pessoas, ((av. externa)) [E14] acho [E15] que estavam desesperadas com alguma coisa, [E16] eu pedi licença mais de dez vezes, [E17] mas não adiantou, [E18] como o motorista já estava irritado, [E19] descí. [E20] Quando coloquei o pé no terceiro degrau, [E21] acho [E22] que um 'monstro' pisou no meu pé, [E23] só ouvi um estralo [E24] como se alguém estivesse esmagando alguma coisa. [E25] Quando pisei [E26] não me segurei, [E27] e caí no chão com o tornozelo torcido.</p>
<p>Avaliação</p>	<p>O32] Eh:: marcô/porque:: [O33] ah:: ele devia pelo menos espera... [O34] a gente desce... [O35] pra/porque causo mor problema, né?</p>	<p>[E28] Foi horrível, [E29] mas acho [E30] que "ele" não teve culpa, [E31] afinal ele queria subir, [E32] mas ele, não só ele devia esperar [E33] as pessoas subirem.</p>

Seções	Narrativa oral	Narrativa escrita
Resolução (av. interna)	[O36] Nisso eu/a gente no:: dia seguinte meu pai me levô pro hospital... [O37] pra mim engessá minha perna. [O38] Foi rapidinho. [O39] Aí eu engessei. [O40] Mas eu num fiquei, né? [O41] O médico marcou um mês... [O42] pr'eu fica com gesso. [O43] Eu tirei... [O44] com quinze dias eu tirei.	[E34] Me levaram p/ o hospital [E35] e dentro de quinze dias tirei o gesso, (antes do tempo),
Coda	[O45] Agora, quando eu começo a corrê muito... [O46] aí eu tenho dor no tornozelo. [O47] Num consigo corrê mais.	[E36] fiquei prejudicada, [E37] pois não sou mais a atleta de antigamente, [E38] por causa disso não corro mais.

As unidades de informação (UI) aparecem numeradas seqüencialmente dentro dos textos, sendo marcadas sempre com [O] e [E] respectivamente no texto oral e no texto escrito. As seções correspondentes à estrutura da narrativa aparecem distribuídas junto à extrema esquerda do quadro. Quanto aos segmentos que conformam a estrutura avaliativa, sua presença está assinalada ao longo de cada texto narrativo (oral e escrito).

O quadro acima, além de exibir os componentes da estrutura do texto narrativo, ilustra os procedimentos técnicos utilizados empiricamente na delimitação das unidades lingüístico-discursivas identificadas, o que permite levar a cabo a análise do fenômeno lingüístico da repetição. Os mesmos procedimentos foram utilizados nos textos em espanhol, o que permite evidenciar que a estrutura da narrativa proposta por Labov revela uma característica universal. Eis um par de narrativas em espanhol.

QUADRO III – 2: AS ESTRUTURAS DENTRO DE UM PAR DE NARRATIVAS EM ESPANHOL

Seções	Narrativa oral	Narrativa escrita
<p>Orientação</p> <p>(av. externa)</p> <p>((ev. interna))</p>	<p>[O1] Bueno, un día...sábado, estaba en mi casa con mi familia en el jardín... [O2] y mi mamá pidió un espejo, [O3] lo acabó de utilizar... [O4] y dijo [O5] que lo fuéramos a guardar.</p> <p>[O6] Este:: pero yo,¡de chistosa como siempre!, [O7] buscando qué hacer, [O8] encontré... [O9] bueno dije [O10] ¿qué va pasar? [O11] ¿si lo pongo en frente del espejo a mi perro? [O12] Yo creo [O13] que se lo:: va a querer morder al/el espejo.</p>	<p>[E 1] Un día sábado por la tarde, estaba mi familia y yo en jardín [E2] mi mamá había pedido un espejo, ((av. externa) [E3] ya no recuerdo para que [E4] acabó de utilizarlo [E 5] y me mandó guardarlo.</p>
<p>(ação avaliativa)</p> <p>Compilação</p>	<p>[O14] Y se lo puse. [O15] Se lo puse y... [O16] él empezó a ladrar. [O17] Empezó a ladrar y...</p> <p>[O18] este:: trataba pues de/de alcanzarlo. [O19] Y pues... así siguió por... vari/ varios ratos, [O20] tratando de/de... pues, pelearse con su propio reflejo en el espejo. [O21] Y ya después no lo hizo caso.... [22] y se fue. [O23] Pero cuando regresó, [O24] yo seguía deteniendo el espejo, [O25] regresó, [O26] y... vio su/ su imagen allí... su reflejo, [O27] y se avalanzó contra el espejo. [O28] Pero luego se dio la vuelta...</p>	<p>(av. interna)</p> <p>[E6] Agarré el espejo [E7] y lo puse en frente a mi perro [E8] creyendo [E9] que al ver su reflejo [E10] creería [E11] que era otro perro [E12] y trataría de pelearse con él. [E13] Le ladró a su reflejo como cinco veces [E14] gruñandole. [E15] Creí [E16] que en ese momento [E17] se avalanzaría a pelearse con el espejo</p>
Resolução	<p>[O29] y me mordió a mi por la parte de tras, [O30] pues... seguía yo agarrando el espejo.</p>	<p>(av.interna)</p> <p>[E18] pero salió inteligente mi perro, [E19] porque se dio la vuelta... [E20] y me mordió a mi [E 21] porque yo estaba agarrando el espejo por la parte de atrás.</p>

Seções	Narrativa oral	Narrativa escrita
Coda (avaliação com suspensão da ação)	[O31]; Me agarró bastante fuerte! [O32] Yo ya no vuelvo a jugar.	

Uma vez ilustrada a delimitação empírica das seções da narrativa, bem como das unidades menores (unidades de informação) dentro da unidade de base, ou seja, o texto narrativo oral ou escrito, aproxima-se o momento de buscar as categorias que permitem a análise da repetição como fenômeno lingüístico. Porém, para chegar às categorias analíticas, é necessário levar em conta um aspecto de natureza componencial. Em outras palavras, considera-se que a repetição deve ser analisada não como um fenômeno unitário, mas, sim, como um complexo, composto de componentes formais e funcionais. O próximo capítulo está dedicado a isto.

Capítulo 4

Os dois enfoques: forma e função

A repetição, como já foi mencionado anteriormente, pode ser considerada sob dois enfoques: forma e função. A forma compreende a confluência de traços que permitem identificar o referido fenômeno na superfície do texto (oral ou escrito). Numa analogia com o signo lingüístico, pode-se afirmar que a forma constitui o lado significante do fenômeno, no qual a função se manifesta como parte equivalente ao significado. Cabe destacar que a forma implica uma descrição de traços nos níveis lexical e estrutural, enquanto a função demanda uma caracterização, em termos semânticos e pragmáticos, das funções desempenhadas pelos elementos lingüísticos repetidos, que podem ocorrer em nível de palavra, sintagma ou oração, em contextos discursivos orais e ou escritos. Forma e função constituem, pois, os componentes gerais que integram os demais componentes nos quais se reconhecem os traços básicos da repetição.

Neste capítulo, serão considerados alguns aspectos que refletem, inicialmente, a base teórica das categorias analíticas selecionadas para o estudo do fenômeno lingüístico da repetição. Em seguida, apresenta-se um quadro que reúne uma série de componentes, cuja descrição permite explicitar a metodologia para a identificação dos tipos formais e funcionais de repetição. As seções seguintes estão dedicadas essencialmente à forma e consistem na apresentação do processo de delimitação e identificação empírica dos tipos formais nos textos narrativos.

4.1 Os traços básicos da repetição

Para levar a cabo a análise da repetição, propõe-se partir dos traços formais para, depois, chegar às funções, embora o caminho inverso também seja possível, uma vez que forma e função constituem aspectos interdependentes dentro do sistema lingüístico. Não obstante, pressupõe-se que o fato de identificar em um elemento lingüístico os traços formais que lhe são pertinentes, permite assinalar com maior segurança a função que nele se realiza. Assim, partindo do enfoque formal, considerar-se-á inicialmente uma série de componentes – fonte discursiva, nível de segmentação, posição na distribuição e caracterização em termos de configuração – os quais englobam traços básicos que permitirão distinguir e caracterizar as diversas ocorrências de repetição, tanto em textos orais como em textos escritos. Posteriormente, serão apontadas as funções da repetição, em especial as que, de acordo com uma série de componentes de natureza semântica e pragmática, tais como coesão, envolvimento e avaliação entre outros, compartilham algumas realizações no discurso oral e no escrito.

Os conjuntos de componentes escolhidos para estabelecer uma tipologia formal da repetição, que permita chegar as suas funções, resultam da congruência de duas propostas de análise mencionadas anteriormente. A primeira pertence a Bessa Neto (1991), que sugere a elaboração de um “quadro básico de traços” os quais, mediante um “cruzamento acumulativo”, permitem gerar tipos de repetição teoricamente

possíveis. A segunda proposta, que apresenta um conjunto de fatores tipológicos bastante similar ao de Bessa Neto, consiste no modelo teórico sugerido por Marcuschi (1992) para dar conta das formas e funções da repetição na língua falada.

Para chegar aos tipos formais da repetição, assim como a uma tipologia de suas funções, buscou-se o mesmo critério de classificação seguido pelos dois autores, porém com diferenças que se refletem no emprego de uma taxionomia própria. Ressalte-se que também se levou em consideração a classificação de Hoey (1991), no que concerne aos tipos de repetições simples e complexas.

O QUADRO IV-1 resume abaixo os componentes que se considera necessários tomar em conta para distinguir os tipos formais de repetição e identificar suas possíveis funções, primeiro em textos orais e depois e em textos escritos. A descrição dos traços componenciais representa, em um primeiro momento, um acercamento aos domínios da forma, seguido da delimitação dos tipos formais e sua identificação empírica.

Os domínios e componentes funcionais aparecem no quadro unicamente com o propósito de ilustração, uma vez que serão apresentados e discutidos detalhadamente no capítulo V, que está destinado às funções da repetição.

Na primeira linha no interior do QUADRO IV-1, aparecem três termos que identificam os traços de repetição concebidos desde o mais alto grau de generalidade (ENFOQUE) até o mais alto grau de particularidade (REALIZAÇÃO), passando pelo grau intermediário (DOMÍNIO). Nessa perspectiva, enfoque, domínio e realização conformam as categorias mais altas que geram as subcategorias na rede de análise. As primeiras subcategorias – forma e função – permitem detectar os *domínios*, cujos componentes básicos permitem perfilar cada traço componencial específico da repetição. Os traços componenciais se projetam através de uma rede em cada *realização* específica da repetição.

Considera-se como domínio o âmbito em que atua cada um dos componentes básicos que compreendem os traços específicos de uma repetição. Como se trata de uma rede componencial, cada subcategoria

que integra o *domínio formal* será apresentada em conjunto com a descrição e ilustração de suas respectivas subcategorias de *realização*.

QUADRO IV – 1: TRAÇOS BÁSICOS DA REPETIÇÃO

ENFOQUE	DOMÍNIO (componentes)	REALIZAÇÃO
Forma	produção (fonte)	auto-repetição hetero-repetição
	segmentação (nível)	lexical sintagmático oracional
	distribuição (posição)	contígua próxima distante
	configuração (caracterização)	simples complexa
Função	conexão (coesão e formulação) interação (envolvimento e avaliação) processamento (produção e compreensão)	

De acordo com a ordem em que aparecem no QUADRO IV-1, apresentado anteriormente, os domínios pertinentes à forma são os seguintes: *produção*, *segmentação*, *distribuição* e *configuração*. Estes quatro domínios compreendem as diversas manifestações empíricas da repetição, as quais, enquanto formas de realização, podem ser identificadas tanto em textos orais como em textos escritos, além disso refletem os níveis da análise linguística. Consideremos a descrição de cada um deles.

4.2 O domínio da produção

O domínio da produção concerne ao componente fonte discursiva. Denomina-se fonte porque mostra a origem ou procedência do elemento repetido, que pode ser produzido por um mesmo emissor – *auto-repetição* – ou um segundo emissor – *hetero-repetição*. Enquanto a auto-repetição ocorre tanto em situações de interação (conversas, com relatos espontâneos e entrevistas) como em uma situação solipscista (da escrita, por exemplo), a hetero-repetição surge mais em situações de interação dialógica, conforme ilustram os seguintes exemplos em espanhol:

Auto-repetição:

- (1) 05 – fuimos a:: primero fue a nivel de escuela,
(fomos a:: primeiro foi em nível de escola,)
06 – fue a nivel de escuela...
(foi em nível de escola...)
07 – después fue... a nivel este:: de delegación...
(depois foi... em nível este:: de delegação)
08 – también lo gané... /.../
(também ganhei... /.../)
11 – Después fue de estado.
(Depois foi de estado.)
12 – Y fuimos al estado de Guadalajara ...
(E fomos ao estado de Guadalajara...)
13 – ...sí, fue Guadalajara .
(...sim, foi Guadalajara.)

(N. oral – Cynthia – 15 anos)

Hetero-repetição:

- (2) A: La contaminación mental es peor que la ambiental.
(A contaminação mental é pior que a ambiental.)
B: ¿Contaminación mental ?
(Contaminação mental?)
A: Sí, es aquella provocada principalmente por los medios de

comunicación.

(Sim, é aquela provocada pelos meios de comunicação.)

(entrevista videogravada)

Os enunciados de [05] a [13], que aparecem no exemplo (1), fazem parte de uma narrativa oral contada por uma adolescente (16 anos) sobre seu desempenho junto a uma equipe de atletismo, durante uma série de competições. Trata-se do relato de uma experiência pessoal que, embora produzido em uma situação de interação comunicativa, entre um grupo de jovens, conta com uma interferência mínima dos ouvintes. Os segmentos lingüísticos que aparecem sublinhados em [06] e [13] constituem auto-repetições produzidas pela própria adolescente.

Quanto ao exemplo (2), trata-se de uma interação dialógica, ocorrida em uma entrevista em que [A] e [B], que correspondem respectivamente às vozes da pesquisadora e de um adolescente, ilustram nos segmentos sublinhados uma hetero-repetição.

Cabe registrar que o componente *fonte discursiva* permite identificar um caso muito especial de repetição, vinculado à existência de vozes reportadas dentro de uma mesma produção discursiva. Embora em princípio essa polifonia não seja exclusiva dos textos narrativos, nos dados do português e do espanhol isso resulta especialmente patente, de modo que, dentro de uma mesma produção discursiva, pode-se distinguir a auto-repetição e a hetero-repetição, através de dois tipos de discurso:

- o discurso do narrador que informa a respeito da ação e pensamento dos personagens;
- o discurso reportado (com a fala dos personagens) que pode ser introduzido por verbos de elocução ou aparecer sem marcação explícita.

O exemplo a seguir ilustra uma hetero-repetição dentro do discurso reportado.

(3) 5 – *Entraram dois assaltantes lá no ônibus...aí:*

6 – *“Passa o dinheiro”.*

7 – *Aí que que pode fazer, né?*

8 – *Passar o dinheiro, né?*

(N. oral – Francisco –15 anos)

O enunciado [8], que corresponde à fala do narrador, mostra a repetição com variação do segmento oracional – “Passa o dinheiro” – que aparece inicialmente no discurso direto do ladrão. Já o exemplo seguinte, faz parte de uma narrativa em espanhol contada por uma pré-adolescente (12 anos), quem, ao matizar seu relato com a fala dos personagens, utiliza a auto-repetição, coincidindo, de maneira interessante, com uma estrutura de alternância do discurso do enunciador com o discurso reportado.

(4) 14 – *Entonces mi hermano andaba trayendo todos los días este:: la mano en la bolsa*

(Então meu irmão andava trazendo todos os dias este:: a mão no bolso)

15 – *y dice mi mamá:*

(e minha mãe disse)

16 – *“¿ Por qué no sacas la mano?”*

(Por que não tiras a mão?)

17 – *“Por nada.”*

(Por nada.)

18 – *Y entonces a mi hermano se le ocurre sacar la mano de la bolsa.*

(E então ocorre a meu irmão tirar a mão do bolso)

19 – *y dice mi mamá:*

(E minha mãe disse)

20 – *“Qué te pasó en la mano?”*

(Que aconteceu com a mão?)

21 – *Y dice mi hermano:*

(E meu irmão disse)

22 – *“Nada.”*

(Nada.)

23 – *Y entonces fue cuando ya...*

(E então foi quando já..)

24 – *nos contó todo mi hermano*

(meu irmão nos contou tudo)

25 – *y nos dijo*

- (e nos disse)
26 – qué le había pasado y ya.
(o que lhe havia passado)
27 – Entonces mi mamá se quitó de dudas
(então minha mãe tirou as dúvidas)
28 – por qué tenía la mano en la bolsa.
(por que [ele] tinha a mão no bolso)
(N. oral – Rocio -12 anos)

Como se pode observar nos enunciados [14], [18] e [28], que correspondem somente à voz do narrador, ocorre a repetição do constituinte *la mano* (a mão) que aparece sempre acompanhado do modificador circunstancial *em la bolsa/ de la bolsa* (na bolsa/ da bolsa). No que se refere aos enunciados [16] e [20], que surgem sob a forma de discurso direto, o sintagma *la mano* (a mão) reaparece, mas sem o modificador.

A diferença existente dentro da estrutura de alternância identificada acima permite detectar a auto-repetição no discurso reportado, em oposição à auto-repetição no discurso do enunciador. Pode-se apontar neste caso uma espécie de “textura” da repetição que, além de garantir a coesão (Halliday & Hasan, 1976), faz emergir dentro do discurso uma estrutura que evoca, de certo modo, um tipo textual de “construção vertical” (Montes, 1993).

4.3 O domínio da segmentação

Nesse domínio, considera-se como componente formal o *nível* de ocorrência do segmento repetido o qual, enquanto unidade significativa, pode coincidir com um elemento lexical, um sintagma ou uma oração. Nessa perspectiva, examina-se a ocorrência de uma repetição (R) que pode figurar como: (a) um signo léxico, que se caracteriza como uma unidade lingüística autônoma e independente; (b) um sintagma, que representa uma unidade lingüística composta por duas partes dotadas de relações internas específicas; ou (c) como uma oração, cuja característica principal é possuir um núcleo verbal responsável

pelas relações predicativas. Trata-se de três unidades gramaticais que são encontradas dentro de magnitudes lingüísticas superiores que se reconhece como enunciados.

Os enunciados provenientes das amostras orais e escritas foram divididos em unidades de informação, as quais são apresentadas nos exemplos com o número correspondente à sua ordem de ocorrência dentro do texto. Como já foi mencionado anteriormente, as unidades de informação coincidem, geralmente, com um segmento oracional, mas, às vezes, podem aparecer nos textos orais sob a forma de unidades comunicativas unimembres ou bimembres, formadas por uma única palavra ou uma expressão sintagmática, e abraçadas por um contorno melódico que as caracteriza como enunciados contextualizados. No exemplo (4) apresentado acima, as unidades de informação [17] e [22] constituem enunciados pragmáticos, devidamente contextualizados desde o ponto de vista discursivo. Cabe destacar, ainda, que um enunciado pode coincidir com somente uma unidade de informação e, às vezes, compreender várias.

De acordo com o nível de ocorrência do segmento repetido dentro de um enunciado, surgem os casos de R-lexical, R-sintagmática e R-oracional que podem ser identificadas nos exemplos (5), (6) e (7) respectivamente.

- (5) 29 – *mas quando eu entrei,*
30 – *era tipo um barraco,*
31 – *que tava construindo no hospital do Gama...*
32 – *Aí tinha o barraco, sabe?*

(N. oral – Martinho – 16 anos)

- (6) 29 – *Eu a derrubei sem querer,*
30 – *não foi de propósito,*
31 – *foi sem querer, sério...*

(N. oral – Arthur – 15 anos)

- (7) 51 – *Aí ele pegou e...*
52 – *nós dois nos aproximamos,*
53 – *tanto ele quanto eu nos aproximamos um do outro por meio de outros amigos.*

(N. oral – Ariane – 17 anos)

No fragmento (5) apresentado acima, a R-lexical ocorre dentro de um enunciado distinto do que contém a ocorrência original ou matriz, enquanto nos fragmentos (6) e (7), os quais ilustram respectivamente a R-sintagmática e a R-oracional, os segmentos repetidos ocorrem dentro do mesmo enunciado da matriz.

O exemplo (7) mostra também, no segmento (53) uma repetição parcial do segmento oracional anterior (matriz), exibindo, ainda, uma expansão. Trata-se de uma repetição estrutural próxima com variação. Os traços de proximidade e variação serão tratados a seguir.

4.4 O domínio da distribuição

O espaço que existe entre a R e o segmento projetado como matriz, dentro do mesmo texto (oral ou escrito), permite identificar o componente *posição* no domínio da distribuição. Ressalte-se que tomar em conta a distribuição como um domínio formal e a posição como um traço específico de análise, dentro de uma magnitude lingüística que é o enunciado, implica a possibilidade de demonstrar empiricamente que a repetição, em lugar de constituir um mecanismo de desarticulação ou ruptura, opera como um recurso de organização textual tanto no discurso narrativo oral como no escrito.

Por outro lado, vários estudos têm sugerido que o discurso oral é altamente organizado e, como tal, pode ser analisado mediante conceitos lingüísticos tradicionais tais como estrutura, distribuição, organização seqüencial e hierárquica entre outros. (Ver Stubbs, 1987: 97.) Nessa perspectiva, de acordo com a posição que ocupa em relação à matriz, e tomando em consideração a seqüência dos enunciados e sua organização hierárquica dentro de um texto, uma R pode ser identificada como *contígua*, *próxima* ou *distante*, tanto em textos orais como em textos escritos.

A R-contígua é linearmente adjacente e, em geral, ao aparecer dentro dos limites de fronteira de construção não constitui outra unidade de informação. Isto implica a necessidade de esclarecer os seguintes pontos:

- pode-se considerar adjacentes as construções coordenadas do tipo:

(8) 40 – *Entreí em tanto desespero, mas tanto desespero*
41 – *que eu não sabia...*
43 – *o que fazer.*

(N. oral – Daniela – 16 anos)

(9) 25 – *Entonces todos, todos y todos se empezaron a reír ¡pero muchísimo!*

(Então todos, todos e todos começaram a rir, mas muitíssimo!)

(N. oral – Cynthia – 15 anos)

(10) 15 – *Y ahí empecé a inventar y cosas y cosas,*
(E aí comecei a inventar e coisas e coisas)

16 – *y todo mundo se carcajeaba.*

(e todo mundo gargalhava.)

(N. oral – Alma – 16 anos)

- são também consideradas contíguas as construções de natureza sintagmática (ver ex. 8) e oracional que, ao aparecerem repetidas dentro de um mesmo enunciado, consistem na reiteração de uma mesma informação.

(11) 1 – *Eu já tinha até me esquecido.*
2 – *Quer dizer:*
3 – *esquecido, esquecido mesmo não tinha,*
4 – *mas só pensava de vez em quando.*
5 – *E isso dá quase no mesmo.*

(N. escrita – Melissa – 16 anos)

(12) 8 – *ai de repente...*
9 – *eu vi...*
10 – *ele começar a tipo tremer assim...*
11 – *ai quem tava ao lado dele assim...*
12 – *levantô da cadeira,*
13 – *ôh... chê:... levantô e saiu de perto...*
14 – *levantô e saiu de perto...*

(N. oral – Nelissa – 16 anos)

- excluem-se as repetições linearmente adjacentes, separadas por fronteiras de construção que implicam pausas conclusas, marcando enunciados distintos. Trata-se de ocorrências de R que fazem parte de outra unidade de informação.

(13) 23 – *Pero antes de bajarse él...*

(Mas antes dele descer...)

24 – *este:: el vagón estaba:: silencio.*

(Este:: o vagão estava:: silêncio.)

25 – *Silencio completamente...*

(Silêncio completamente...)

(N. oral – Norma – 17 anos)

(14) 09 – *aí a gente achou um ferro.*

10 – *Um ferro pontudo assim/parecia uma estaca.*

11 – *Aí a gente tava brincando...*

(N. Oral – Maurício – 14 anos)

Nos exemplos (13) e (14), os segmentos repetidos – *silêncio* e *um ferro* – aparecem em construções distintas da matriz, as quais constituem outra unidade de informação em que a R implica uma expansão.

Já a *R-próxima* é a que aparece dentro do mesmo foco temático em que se encontra a ocorrência matriz, ou seja, o tópico discursivo tratado é o mesmo quando ocorre a repetição. De acordo com a noção pré-teórica de ‘tópico’, sugerido por Brown & Yule (1983: 71ss.), “tópico discursivo é aquele a respeito do qual se está falando”. Também cabe destacar que enquanto a R-contígua implica, em geral, a ocorrência da repetição dentro da mesma unidade de informação, a R-próxima caracteriza-se pela reaparição de elementos repetidos sempre em construções diferentes, que constituem unidades de informação distintas, embora o tópico discursivo seja o mesmo. Os exemplos (15) e (16) ilustram a *R-próxima*:

(15) 29 – *Márcio falava:*

30 – *Melissa, oi, eu andava pensando em te ligar,... /.../*

44 – *Que tal a gente dar um passeio?*

45 – *Agora?*

46 – *É/ quer dizer...*

48 – se você tive a fim...

49 – Acho que sim... /.../

55 – Beijo, Márcio. ((final da ligação))

56 – Beijo em todo mundo... na minha mãe... no telefone... quase até na minha irmã...

57 – que é pra ver

58 – o quanto eu fiquei feliz.

(N.oral – Melissa – 16 anos)

(16) 20 – y en la siguiente estación la puerta estaba cerrada .
(e na estação seguinte a porta estava cerrada.)

21 – Cerrada de este lado.

(Cerrada deste lado.)

(N. oral – Sharon – 15 anos)

Quanto à *R-distante*, sua ocorrência se dá quando um segmento lingüístico reaparece no texto depois que um detalhe, que já havia sido mencionado, é retomado dentro do relato, conforme ilustra o seguinte fragmento:

(17) 74 – e todo mundo chorando,

75 – porque minha mãe era muito nova,

76 – tinha vinte e cinco anos,

77 – todo mundo adorava ela... da minha família...

78 – e foi muito triste para mim.

79 – Até hoje quando eu lembro...

80 – eu nem gosto de falar muito...

81 – mas foi muito triste...

82 – todo mundo até hoje lembra dela.

83 – Ela era muito nova

84 – e todo mundo adorava ela...

(N. oral – Keila – 15 anos)

Em geral, a distância física entre uma *R-distante* e sua matriz costuma variar de acordo com a entrada de novos tópicos discursivos. Marcuschi (1992: 53) observa que a *R-distante* se distingue da *R-próxima* pelo fato de aparecer na recuperação de um tópico discursivo e não no espaço interno do mesmo. Deve-se acrescentar que, no caso das narrativas, as *R-distantes* costumam aparecer em seções estruturais

distintas e geralmente delimitam episódios, sob a forma de comentários avaliativos, conforme os que aparecem no exemplo acima. As seções da narrativa também constituem pistas formais que ajudam a distinguir uma R-distante de uma R-próxima. No exemplo (17), os segmentos repetidos aparecem pela primeira vez na seção avaliativa e reaparecem ao final da coda, seção que conclui a narrativa.

No que se refere aos segmentos sublinhados no exemplo anterior, é oportuno comentar que, dentro de suas respectivas unidades de informação, ambos compartilham traços formais de igualdade e semelhança, dois aspectos que serão tratados a seguir.

4.5 Domínio da configuração

A configuração concerne ao componente *caracterização* e implica o grau de igualdade ou de semelhança existente entre o segmento repetido e sua matriz. Trata-se de um domínio que permite pressupor a existência de um *continuum* de igualdade e semelhança, que vai desde as repetições de identidade formal completa – *R-simples* – até as que apresentam variação em relação à matriz – *R-complexa*.

Considera-se que um elemento repetido, que exhibe a mesma forma de seu segmento matriz (além de algum vínculo semântico e pragmático), vai ocupar a posição mais próxima do pólo de igualdade, enquanto aqueles que apresentam alguma variação na forma vão aparecer em pontos mais próximos do pólo de semelhança. Cabe destacar, ainda, que uma *R-simples* e uma *R-complexa* podem ocorrer nos níveis lexical e estrutural (sintagmático e oracional), como se pode apreciar, mediante a seguinte caracterização.

Uma *R-lexical simples* ocorre sempre que um segmento lexical é repetido sem sofrer variação alguma além da prevista dentro de seu paradigma gramatical de número ou gênero para substantivos e adjetivos; e de gradação para o adjetivo ou para o advérbio (ex.: alto, altíssimo; rápido, rapidíssimo, etc.). Quanto às variações morfológicas de pessoa, tempo, aspecto e modo entre uma forma verbal repetida e sua matriz, estas vão implicar uma *R-lexical complexa*.

A *R-lexical complexa* ocorre também quando o elemento repetido apresenta uma mudança de classe ou categoria gramatical (ex.: verbo < substantivo), o que condiciona, obviamente, alteração em sua função gramatical, enquanto constituinte de uma oração. Os exemplos (18) e (19) abaixo ilustram, respectivamente, os casos de *R-lexical simples* e *R-lexical complexa*:

- (18) 38 – *Aí a gente/aí... no outro dia ia ser o enterro...*
39 – *e eu falei...*
40 – *que não queria ir pro enterro*

(N. oral – Keila – 15 anos)

- (19) 10 – *Fui deixando de estudar para brincar,*
11 – *jogar bola,*
12 – *para ir fazer bagunça na rua e outras coisas.*
13 – *Assim, fui deixando de estudar*
14 – *e virando bagunceiro.*

(N. escrita – Martinho – 16 anos)

Enquanto no fragmento (18) o elemento lexical “enterro” reaparece na unidade de informação [40] sem nenhuma flexão, compartilhando, assim, a mesma classe gramatical de seu segmento matriz, no exemplo (19) o vocábulo “bagunça” (substantivo) sofre uma mudança de função ou categoria gramatical ao reaparecer no enunciado seguinte como adjetivo, configurando-se, assim como uma *R-lexical complexa* ou, de modo mais específico, como uma “R recategorizadora” (cf. Castilho, 1993).

Consideremos agora a *R-simples* e a *R-complexa* em nível estrutural. A *R-estrutural simples* realiza-se quando um segmento repetido (sintagma ou oração) apresenta a mesma forma do segmento matriz. Por outro lado, quando são registradas variações na estrutura do segmento, acompanhadas de uma mudança na função gramatical de um dos constituintes repetidos, configuram-se, então, os casos de *R-estrutural complexa*. Os exemplos (20) e (21) abaixo ilustram, respectivamente, dois casos de *R-estrutural simples*: uma *sintagmática* e a outra *oracional*.

- (20) 27 – *Y pues, estuvo todo muy divertido... muy divertido.*
(E pois, esteve tudo muito divertido...muito divertido.)
28 – *Sí, me llevé un buen golpe... en la pierna.*
(Sim, levei um bom golpe na perna.)
(N. oral – Andrea – 15 anos)
- (21) 14 – *Y se lo puse.*
(E coloquei-o,)
15 – *Se lo puse y...*
(Coloquei-o e...)
16 – *él empezó a ladrar.*
(ele começou a latir.)
17 – *Empezó a ladrar y...*
(Começou a latir e...)
18 – *este:: trataba pues de/de alcanzarlo.*
(este:: tratava pois de/de alcançá-lo)
(N. oral – Rocio – 15 anos)

Enquanto a *R-estrutural simples* implica identidade formal entre a R (repetição) e sua M (matriz) na superfície textual, a *R-estrutural complexa* compreende as ocorrências de segmentos que, ao serem repetidos, podem aparecer com uma variação configurada dentro dos seguintes parâmetros:

- a) repetição com expansão: quando o segmento repetido acrescenta um constituinte às estruturas sintagmática ou oracional, conforme ilustram os exemplos (22) e (23).
- (22) 26 – *Aí quando eu cheguei lá,*
27 – *ele tava lá em cima do terraço...*
28 – *do terraço do bloco dele.*
(N. oral – Rodrigo – 14 anos)
- (23) 1 – *Eu morava com minha tia, né?*
2 – *aí eu sempre saía com meu colega pra roubar...*
3 – *roubar fruta/goiaba na casa da vizinha.*
(N. oral – Zé Maria – 16 anos)

b) repetição com redução: quando ocorre a elisão de um constituinte

ou termo adjunto no segmento sintagmático ou oracional, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (24) 4 – *Depois do acidente... muito rápido, muito rápido...*
5 – *Nós ficamos/eu fiquei... quase três meses... três meses em coma.*
(N. oral – Israel -18 anos)

- (25) 45 – *Y no me gustó su actitud de:: de confianza.*
(Não gostei de sua atitude de:: de confiança)
46 – *y cómo me lo dijo*
(e como o disse para mim)
47 – *y/y se me hizo un poco vulgar...*
(e/e pareceu-me um pouco vulgar...)
48 – *Bueno, se me hizo vulgar.*
(Bem, pareceu-me vulgar.)
(N. oral – Norma – 17anos)

c) repetição com alternância de estrutura: ocorre quando um segmento frasal ou oracional, ao ser repetido, apresenta uma mudança na estrutura, topicalizando um dos constituintes.

- (26) 14 – *Bom, eu não tenho grandes dificuldades em termos de::*
15 – *que isso tenha me deixado, né?...*
16 – *uma dificuldade muito grande em termos de:: vivência não tenho,*
né?
17 – *em termos de vida agora...*
(N. oral – Israel -18 anos)

- (27) 29 – *entonces caímos todos en un baldío*
(então caímos todos em um baldio)
30 – *bueno, en un terreno este:: sucio*
(bem, em um terreno este:: sujo)
31 – *este:: y todos nos caímos.*
(este:: e todos caímos)
(N. oral – Juan Lora – 17 anos)

No exemplo (26), o segmento – grandes dificuldades – que aparece dentro da unidade de informação [14], ao ser repetido com variação em [16], topicaliza o complemento externo do verbo. Quanto

ao exemplo (27), os constituintes nucleares (verbo e sujeito) dos segmentos oracionais [29] e [31] exibem um quiasma sintático ao aparecerem em posições alternadas.

- d) paralelismo sintático: ocorre quando estruturas gramaticais repetidas, em formatos paralelos, apresentam determinados pares fixos de palavras, e cada membro do par aparece em posição estruturalmente idêntica. Considera-se que o paralelismo configura-se como uma *R-complexa* porque, geralmente, envolve substituição de constituintes em posições estruturalmente idênticas. Observe-se os exemplos:

- (28) 32 – *saía da casa dele,*
33 – *almoçava na casa de um,*
34 – *jantava na casa de outro,*
35 – *porque tinha convite todo dia.*

(N. oral – Rejane – 18 anos)

- (29) 24 – *Total, me/me este:: me hizo quedar ahí un montón de rato*
(Total, me/me este:: me fez ficar ali um montão de tempo)
26 – *y no me dejaba pasar...*
(e não me deixava passar...)
27 – *me hizo salir*
(me fez sair)
28 – *y comprar otro boleto,*
(e comprar outro bilhete,)
29 – *y ya no me dejaba entrar.*
(e não me deixava entrar.)

(N. oral – Carolina – 15 anos)

No exemplo (28), ocorre o paralelismo entre os segmentos – ‘*almoçava na casa de um*’ e ‘*jantava na casa de outro*’ – com a substituição da forma verbal *almoçava* pela forma verbal *jantava*, as quais guardam uma relação semântica de antonímia, o que é reforçado pela alternância dos indefinidos *um/outro*. Quanto ao exemplo (29), os pares de estruturas paralelas implicam uma relação de antítese, evidenciada na oposição semântica das formas verbais *quedar/salir* (ficar/sair), as quais têm seu sentido oposto reforçado quando alternam

com os enunciados [25] *y no me dejaba pasar*, e [28] *y ya no me dejaba entrar*, ambos em formatos paralelos.

Todos os caso de *R-simples* e *R-complexa* que foram apresentados anteriormente, nos níveis lexical e estrutural, aparecem resumidos sob os seguintes pontos situados nos extremos do *continuum* de igualdade e semelhança:

R-simples	R-complexa
igualdade	semelhança
identidade formal (com identidade semântica e prosódica)	variação na forma (acompanhada de equivalência ou oposição semântica e semelhança prosódica)
I) nível lexical	I) nível lexical
• reiteração ou recuperação de uma forma lexical com a mesma categoria gramatical	• mudança de classe gramatical ou variação na forma recategorização
II) nível estrutural	II) nível estrutural
• reiteração ou recuperação do mesmo segmento sintagmático e/ou oracional	• expansão • redução • alternância • paralelismo

Como se pode observar, enfocar o fenômeno lingüístico da repetição desde a forma implica uma aproximação aos traços mais específicos subjacentes em cada domínio, os quais se manifestam na superfície do discurso infiltrados de particularidades. Buscar a combinação dos traços componenciais pertinentes à forma equivale a chegar aos tipos formais de repetição. A seção seguinte é dedicada a isto.

4.6 Delimitação dos tipos formais de repetição

Depois de examinar os componentes centrais dos quatro domínios da forma com suas respectivas realizações, pode-se buscar a

elaboração de uma lista com tipos de repetição teoricamente possíveis, seguindo a proposta de Bessa Neto (1991). Como já foi mencionado anteriormente, os aspectos – *fonte discursiva*, *nível de segmentação*, *posição na distribuição* e *caracterização em termos de configuração* – agrupam os traços componenciais específicos da repetição dentro de seus respectivos domínios formais. A combinação sucessiva ou “cruzamento acumulativo” dos traços permite-nos chegar a 36 tipos formais de repetição teoricamente possíveis. Cabe ressaltar que se denomina “tipo” a um padrão abstrato de repetição que resulta da combinação de uma série de traços componenciais, implicando uma regularidade. Examinemos o QUADRO IV-2 a seguir:

QUADRO IV – 2: TIPOS FORMAIS DE REPETIÇÃO

FONTE	NÍVEL	POSIÇÃO	CARACTERIZAÇÃO
1. Auto - Repetição e/ou 2. Hetero - Repetição	1. lexical	1. contígua	{ 1. simples 2. complexa
		2. próxima	{ 1. simples 2. complexa
		3. distante	{ 1. simples 2. complexa
	2. sintagmático	1. contígua	{ 1. simples 2. complexa
		2. próxima	{ 1. simples 2. complexa
		3. distante	{ 1. simples 2. complexa
	3. oracional	1. contígua	{ 1. simples 2. complexa
		2. próxima	{ 1. simples 2. complexa
		3. distante	{ 1. simples 2. complexa

Os traços que aparecem no interior do QUADRO IV-2 e que são precedidos somente do numeral 1 configuram o seguinte tipo abstrato de repetição: 1.1.1.1 *Auto-R lexical contígua simples*. Quanto aos traços que seguem a combinação 1.2.1.2, seu agrupamento resulta numa *Auto-R sintagmática contígua complexa*; os que equivalem à combinação 1.3.2.1 permitem identificar uma *Auto-R oracional próxima simples* e, assim, sucessivamente. Os traços agrupados em cada chave estão em distribuição complementar, ou seja, a presença de um exclui a entrada de outros da mesma chave no processo de cruzamento acumulativo.

O primeiro traço componencial – *auto-repetição* – combinado com cada traço sucessivo pertencente aos outros domínios gera 18 tipos de repetição, os quais se há comprovado empiricamente nos dados orais e escritos do português e do espanhol. Quanto aos tipos resultantes da combinação da *hetero-repetição* com os traços específicos relacionados aos demais domínios, não se pôde comprovar a presença de todos. Isso se deve à natureza dos dados investigados: narrativas orais e escritas.

As narrativas orais, embora tenham sido produzidas em situação de interação comunicativa, apresentam uma interferência mínima dos interlocutores, razão pela qual se registram poucas ocorrências de hetero-repetições produzidas pelos narradores. Por conseguinte, da relação dos 36 tipos teoricamente possíveis, provenientes do cruzamento acumulativo de traços, pôde-se observar e comprovar empiricamente nos dados orais e escritos do português e do espanhol somente 18 tipos resultantes da combinação da auto-repetição (em que a M e a R são provenientes da mesma “fonte” discursiva) com os demais traços integrantes da rede componencial.

Já o componente *nível*, que distingue os traços específicos do domínio da segmentação, resulta ser um dos mais importantes porque permite agrupar os 18 tipos de auto-repetição em três subtipos básicos, quais sejam: *R-lexical*, *R-sintagmática* e a *R-oracional*. Não obstante, no que concerne às unidades gramaticais – *palavra*, *sintagma* e *oração* – embora se encontrem bem delimitadas desde o ponto de vista teórico, costumam apresentar dificuldades quanto à sua

identificação empírica dentro dos enunciados que compõem um texto. No caso dos verbos, por exemplo, podem surgir situações (con)textuais de repetição nas que é difícil determinar o nível de segmentação (trata-se de uma *R* lexical, sintagmática ou oracional?), principalmente quando a forma verbal repetida aparece sozinha, constituindo por si só uma oração. Questões dessa natureza impõem a necessidade de buscar um critério *ad hoc* que permita distinguir de modo objetivo o nível em que se encontra o segmento lingüístico repetido.

A opção é seguir um caminho similar ao encontrado por Marcuschi (1992) para estabelecer a distinção entre uma *R-lexical* por um lado, e uma *R-sintagmática* ou uma *R-oracional* por outro, especialmente quando se trata de um verbo. Toma-se a decisão com base em um critério de extensão física (fator externo) e não da função sintática (aspecto interno) do segmento repetido. Embora se trate de uma alternativa sem apoio teórico, tem sido uma maneira razoável de solucionar uma questão que envolve dois níveis distintos dentro do sistema: o lexical e o estrutural. Os exemplos abaixo ilustram a questão enfocada:

(30) 25 – *quando você entra num necrotério...*

26 – *quando eu pensei...*

27 – *qu'eu ia entrar...*

28 – pensei

29 – *que tipo assim: já ia tá o caixão/aquele negócio tudo...*

(N.oral – Martinho -16 anos)

(31) 28 – *Entonces mi mamá intentó prender el carro,*

(Então minha mãe tentou ligar o carro,)

29 – *y no encendía,*

(e não acendia,)

30 – encendió

(acendeu)

31 – *y nos fuimos al hospital.*

(e fomos ao hospital)

(N. oral – Juan Lora – 17 anos)

Sem levar em conta as relações sintáticas internas presentes nos enunciados, os segmentos sublinhados nos exemplos anteriores ilustram duas ocorrências de repetição em nível lexical. Casos como estes

em que as formas verbais aparecem isoladas, sem nenhum outro elemento quando repetidas, vão ser sempre considerados como *R-lexical*.

A preferência pelo nível lexical, em lugar do estrutural, sustenta-se com base na seguinte decisão metodológica: examinar as ocorrências da R tomando sempre, como ponto de observação inicial, o nível imediatamente inferior dentro da hierarquia das unidades lingüísticas: palavra —> sintagma —> oração. Além disso, vale reparar na função de base semântica que desempenha habitualmente uma forma verbal repetida, que é a de enfatizar a ação dentro do relato, como se pode constatar no capítulo destinado às funções.

Quanto à *R-oracional*, sua característica básica é a presença de um verbo acompanhado em geral de seus argumentos (sujeito, complementos, adjuntos e atributos). Cabe, aqui, destacar que em espanhol, a exemplo do português, ocorre com freqüência a supressão do sujeito lexical, principalmente em contextos oracionais repetidos. Tal recurso, que concerne a um princípio de economia lingüística não afeta em nada a estrutura da oração repetida e tampouco a unidade de informação, uma vez que o sujeito, embora elidido quanto à sua parte lexicomática, fica ainda subentendido na relação predicativa que existe dentro do verbo, ou seja, no morfema de número e pessoa.

A diferença entre sujeito léxico e sujeito gramatical, que tem sido sugerida por E. Alarcos (1994), constitui um aspecto da maior importância na delimitação do nível de ocorrência de uma R, no domínio da segmentação. Os exemplos seguintes permitem ilustrar isso.

- (32) 4 – e o menino fazia caratê junto comigo
5 – fazia no salão do meu bloco.
6 – *Aí eu lembro*
7 – que ele ficava só de gracinha comigo.

(N. oral – Liziane – 15 anos)

- (33) 03 – Entonces no quería prender el carbón
(Então o carvão não queria acender)
04 – entonces echan/ le empezó a echar alcohol mi papá varias veces
(então jogan/ meu pai começou a jogar-lhe álcool várias vezes)
05 – y no prendía.

(e não acendia.)

(N. oral – José – 13 anos)

- (34) 35 – *quando a gente menos esperava...*
36 – veio aquele sacão de lixo lá de cima
37 – e pegou na cabeça do meu amigo, né?
38 – *ai eu comeci a rir dele.*
39 – *Ai daqui a pouco veio outro*
40 – e pegou nas minhas costas.

(N. oral – Marcelo -14 anos)

- (35) 01 – Mi experiencia me causó risa y tristeza.
(Minha experiência me causou riso e tristeza)
02 – Fue cuando me operaron de las anginas:
(Foi quando me operaram da garganta)
03 – primero me causó risa
(primeiro me causou risos)

(N. escrita – Josefina – 13 anos)

Os quatro exemplos apresentados acima ilustram as ocorrências de *R-oracional* com sujeito subentendido no morfema gramatical do verbo. Nos segmentos oracionais sublinhados, a parte lexemática do sujeito aparece quase sempre na oração projetada como matriz.

No processo de identificação e delimitação empírica das ocorrências de repetição em nível estrutural, tem-se buscado a distinção entre uma *R-sintagmática* e uma *R-oracional*, tomando sempre como base a presença (ou ausência) dos termos adjacentes ao verbo no segmento repetido.

Como já foi mencionado, de acordo com a posição em que se encontra em relação à matriz dentro de um texto, uma R pode ser considerada como contígua, próxima ou distante. Para identificar e delimitar as ocorrências de repetição quanto a esses três traços específicos do domínio da distribuição, leva-se em conta dois princípios de organização textual também seguidos por Marcuschi (1992): a linearidade lingüística do texto e a seqüencialidade hierárquica subjacente na estrutura da informação.

O primeiro princípio, pertinente à estrutura formal, permite

identificar a posição de uma R em relação ao espaço físico existente entre esta e a ocorrência original. O segundo, que concerne à estrutura sintático-discursiva, condiciona a organização tópica e ideacional da informação e constitui um fator da maior relevância na distinção entre os traços de proximidade e distância. Paralelo a isso, considera-se também as seções estruturais da narrativa (Labov, 1972a). Desse modo, portanto, as relações de contigüidade, proximidade e distância são examinadas a partir da congruência de aspectos da estrutura formal e da estrutura discursiva, como se pode observar a seguir.

A *R-contígua*, cuja realização implica uma posição linearmente adjacente ao segmento matriz, ocorre em geral dentro de uma mesma unidade de informação. Nessa perspectiva, algumas ocorrências de repetição que envolvem construções de coordenação também são consideradas contíguas, conforme mencionado anteriormente. Embora tenham sucedido poucas entradas de repetições contíguas, envolvendo um elemento coordenante dentro de uma mesma unidade de informação, considera-se necessário examinar referidas construções, uma vez que se registram casos similares também nos textos escritos. Os três exemplos seguintes aparecem precedidos do mesmo número com que foram apresentados inicialmente:

- (8) 40 – *Entrei em tanto desespero, mas tanto desespero*
41 – *que eu não sabia...*
42 – *o que fazer.*

(N. oral – Daniela – 16 anos)

- (9) 25 – Entonces todos, todos y todos se empezaron a reír ¡pero muchísimo!
(Então todos, todos e todos começaram a rir, mas muitíssimo!)

(N. oral – Cynthia – 15 anos)

- (10) 15 – Y ahí empecé a inventar y cosas y cosas,
(E aí comecei a inventar e coisas e coisas)
19 – y todo mundo se carcajeaba.
(e todo mundo gargalhava.)

(N. oral – Alma – 16 anos)

Quanto aos três exemplos reapresentados acima, considera-se que, nos segmentos sublinhados, os elementos lexicais repetidos que aparecem enlaçados por um conectivo formam um bloco único e devem ser considerados como tal, por duas razões: em princípio porque desde o ponto de vista sintático compartilham a mesma função e, depois, porque desempenham juntos uma função na estrutura discursiva dentro da dimensão paradigmática. O mesmo ocorre na escrita com respeito à *R-contígua*. Como se pode observar nos exemplos seguintes, a contigüidade também se faz patente nas estruturas que compreendem um coordenante:

- (36) 5 – *Um dia eu estava brincando com ele*
6 – *e resolvi*
7 – *rodar o pintinho pela cabeça.*
8 – *Rodei e rodei*
9 – *e a cabeça foi rodando no pescoço.*

(N. escrita – Juliana – 14 anos)

- (37) 8 – *El río empezó a crecer y crecer,*
(O rio começou a crescer e crescer.)
9 – *cuando yo me di cuenta*
(quando me dei conta)
10 – *estaba mojada.*
(estava molhada.)

(N. escrita – Andrea – 14 anos)

- (38) 7 – *Como sou muito mas muito intrometido na vida das pessoas,*
8 – *pedi algumas informações dela, como, por exemplo...*

(N. escrita – Marcos – 16 anos)

Por um lado, os segmentos sublinhados nos três exemplos anteriores constituem uma evidência de como a estrutura controla o significado, conforme bem observa Stubbs (1987: 97). Por outro, pode-se observar que o traço de contigüidade é bastante claro nesses tipos de estruturas com um conector entre dois elementos repetidos, o que se reflete inclusive em expressões cristalizadas pelo uso. O exemplo seguinte, embora apresente como elemento de união uma preposição entre os elementos repetidos, ilustra a questão enfocada:

- (39) 1 – Contarei a história de uma bomba,
2 – uma mísera bomba que se tornou,
3 – ou quase se tornou uma catástrofe;
4 – de pouco em pouco, de grão em grão, ou melhor, de pólvora em pólvora.

(N. escrita – Rodrigo – 15 anos)

Os segmentos contíguos que fazem parte dos exemplos apresentados anteriormente, provenientes tanto de narrativas orais quanto de narrativas escritas, evocam a idéia de Lakoff e Johnson (1980: 126) no que diz respeito à relação entre forma e conteúdo: “as formas linguísticas em si mesmas são dotadas de conteúdo em virtude de metáforas espaciais”. Cabe, aqui, destacar que a concepção da forma em termos espaciais permite relacionar os segmentos repetidos, em posição contígua, à seguinte expectativa sugerida pelos dois autores: “mais forma significa mais conteúdo”, o que pode ser ilustrado no exemplo abaixo.

- (40) 7 – No almoço, almoçava duas pratinhas enormes,
8 – e na janta, mais duas pratinhas,
9 – e só comendo, comendo
10 – e virando um bucho.

(N. escrita – Camila – 17 anos)

Os segmentos repetidos, destacados nos exemplos anteriores, permitem associar o traço formal de contigüidade à idéia de quantidade. Embora os casos de contigüidade, registrados nos dados estudados, realizam na maioria das vezes funções de base semântica, encontram-se também nos dados orais ocorrências de repetição que funcionam como reparação, cuja realização se dá em virtude das exigências da comunicação face a face. Enfocar-se-á esse ponto no capítulo destinado às funções da repetição.

Enquanto a R-contígua limita-se à repetição de elementos que aparecem junto à matriz, geralmente dentro da mesma construção, a R-próxima engloba a reparaçãõ das mesmas formas linguísticas sempre em construções diferentes da ocorrência original. Nessa perspectiva, a R-próxima caracteriza-se por fazer parte de uma unidade de informação distinta da que contém a ocorrência original (matriz),

embora o tópico discursivo tratado seja o mesmo. Consideremos os seguintes exemplos:

- (41) 3 – *Aí ele ficou com raiva de mim,*
4 – *e me ameaçou tirá do ballet.*
5 – *Só que a coisa qu'eu mais gosto nesse mundo ah...*
6 – *é... ballet, né?*

(N. oral – Ana Paula – 15 anos)

- (42) 56 – *Isso me marcou porque::*
57 – *foi porqu/ eu falei:*
58 – *é a última vez...*
59 – *aí nessa última eu me machuquei...*
60 – *quebrei meu braço.*
70 – *Aí com isso eu aprendi...*
71 – *que a gente nunca deve falar a última vez...*
72 – *Foi isso.*

(N. oral – Washington – 16 anos)

- (43) 53 – *No hicimos nada al tenerlos enfrente.*
(Não fizemos nada com eles em frente.)
54 – *Vi que eran los ladrones...*
(Vi que eram ladrões)
55 – *y no hicimos nada.*
(e não fizemos nada.)

(N. oral -Ricardo – 13 anos)

A ocorrência de R-próxima costuma estar relacionada também às seções estruturais da narrativa. No caso dos três exemplos apresentados acima, a repetição ocorre respectivamente: na seção de orientação, na parte final da narrativa (coda) e, no último exemplo, na avaliação.

Os espaços internos das seções estruturais são propícios às repetições próximas que surgem sob a forma de um elemento lexical, ou de um sintagma, ou de um segmento oracional, conforme evidenciaram os segmentos sublinhados nos três exemplos anteriores. É interessante apreciar mais alguns exemplos de R-próxima que se registram também nos relatos escritos.

- (44) 2 – *A morte é para muitas pessoas vista como castigo ou coisa parecida,*
3 – *mas para mim morrer é apenas uma viagem. /.../*
6 – *Quem garante que depois da morte não há vida?*

(N. escrita – Ana Carolina – 14 anos)

- (45) 1 – *Em março desse ano, eu conheci um amigo.*
2 – *Um amigo que é muito especial para mim.*
3 – *Ele me salvou,*
4 – *me deu nova vida.*

(N. escrita – Liliane – 18 anos)

- (46) 3 – *Fui com meu padrinho e um primo,*
4 – *fomos de carro.*
5 – *Fomos de carro para Pernambuco*

(N. escrita – Rejane – 17 anos)

- (47) 9 – *El director fue tan enojado*
(O diretor foi tão zangado)
10 – *que al maestro lo confundió con un alumno*
(que confundiu o professor com um aluno)
11 – *y lo trató hacia la pared.*
(e jogou-o contra a parede.)
12 – *El maestro muy triste volteó*
(O professor muito triste virou)
13 – *y dijo*
(e disse)
14 – *que era el maestro.*
(que era o professor.)

(N. escrita – Alfredo – 15 anos)

Os exemplos de R-próxima apresentados anteriormente, procedentes tantos de narrativas orais como de narrativas escritas, implicam ocorrências de repetição dentro do mesmo foco narrativo, ou seja, o detalhe tratado em uma parte do relato é ainda o mesmo. Nessa perspectiva, os detalhes ou sucessos enfocados costumam ser repetidos dentro da mesma seção narrativa em posições próximas.

A R-distante, ao contrário da R-próxima, costuma aparecer quando algum detalhe que compõe a cena do relato, algum fato que já havia sido mencionado antes, ou um comentário avaliativo encaixado

nas seções iniciais são retomados pelo narrador em diferentes seções estruturais. A distinção entre os traços de proximidade e distância baseia-se, por conseguinte, em um princípio de ordem estrutural, associado a um elemento de natureza discursiva que é o assunto tratado ou tópico discursivo.

Os dois exemplos seguintes ilustram ocorrências de R-distante. Consistem, respectivamente, na recuperação de um elemento antagonista no final do relato e na reintrodução em cena de um detalhe que já havia sido mencionado antes.

- (48) 6 – E eu/quando enfiei minha mão lá dentro,
7 – saiu esses marimbondos grandes, pretão, bem grande
8 – um monte, um monte deles, né?
/...../
21 – Agora...superdifícil eu encostar assim...
22 – numa árvore que tem marimbondos.
23 – Morro de medo.

(N. oral – Mônica – 15 anos)

- (49) 20 – y entonces me lavó la herida
(e então alvou-me a ferida)
5 – y me sacó la astilla.
(e tirou-me o espinho.)
/...../
44 – La herida no fue grande, pero sí profunda.
(A ferida não foi grande, mas sim profunda.)

(N. escrita – Pancho – 13 anos)

Os dois exemplos acima, além de ilustrarem a posição em que costumam aparecer os segmentos repetidos, desde o ponto de vista do domínio da distribuição, permitem observar também que a R aparece sob a mesma forma da M (matriz). A identidade formal, porém, não constitui um traço constante da repetição. Disto, trataremos a continuação.

De acordo com o componente *caracterização*, um segmento repetido pode configurar-se como simples, ou complexo. Quanto à *R-simples*, como se há registrado anteriormente, sua ocorrência pressupõe uma identidade de forma em relação à matriz. Não obstante,

trata-se de uma identidade relativa, o que implica um ponto que deve ser esclarecido agora: uma repetição nunca é exata, pois embora exista a identidade de forma, acompanhada inclusive de identidade prosódica e semântica, seu contexto de ocorrência vai ser sempre diferente do contexto de sua matriz.

Nos casos de contigüidade, nos quais a R faz parte da mesma construção sintática da matriz, tem-se observado que o segmento repetido ocupa uma posição na seqüência linear do texto (oral ou escrito) que lhe permite realizar alguma operação de base semântica sobre a ocorrência original. E isso é suficiente para marcar a identidade relativa, além de mostrar que repetir não equivale a dizer o mesmo. Como bem argumenta Johnstone (1987), uma repetição nunca é exata porque envolve algum tipo de similaridade ou diferença que pode ser lingüística ou contextual. Do mesmo modo, Hoey (1992: 53), ao comentar a respeito da pressuposição existente de que as palavras mantêm o mesmo significado quando repetidas, registra a seguinte observação de Rimmon-Kenan (1980): “mesmo quando todo o signo se repete, introduz-se uma diferença mediante o simples fato de se repetir o acúmulo de significado que traz consigo e essa mudança tem efeito, porque o contexto em que se situa é diferente”. Nessa perspectiva, conclui Hoey, que a repetição simples pode realizar-se de maneira total, mas não pode ser negada enquanto repetição parcial.

Pelos motivos expostos anteriormente, optou-se pela denominação R-simples, em lugar de “repetição literal” (Bessa Neto, 1991 e Marcuschi, 1992), ou “repetição idêntica” (Tannen, 1987 e Montes, 1993) para caracterizar o segmento repetido que, desde o ponto de vista formal é simples e, como tal, opõe-se a todos os segmentos lingüísticos que sofrem algum tipo de variação (recategorização, expansão, redução, alternância ou paralelismo).

Uma vez que a *R-simples* não apresenta problemas quanto à identificação e delimitação, enfocar-se-á a seguir a *R-complexa* que costuma implicar uma gama de variações formais.

Inicialmente, é necessário observar que, quanto às ocorrências de repetição com variação, a classificação de um tipo é feita sempre com base nos traços presentes na R e não na M (matriz). Em segundo

lugar, cabe, aqui, comentar os casos de variação de acordo com a ordem de complexidade com que se apresentam dentro dos segmentos repetidos nos dados analisados. Nessa perspectiva, as repetições em nível oracional são as mais complexas. A partir das variações identificadas nos dados orais, optou-se por reunir as R-oracionais em quatro grupos, levando em conta o grau de complexidade.

No primeiro grupo, encontra-se a *R-oracional complexa* que apresenta alterações internas, como acréscimo de modificador, mudança de tempo verbal, recuperação com redução e outras mudanças que podem implicar algumas vezes uma recategorização sintática do segmento repetido. Os exemplos abaixo ilustram as variações mencionadas.

- (50) 41 – *Aí todo mundo falando*
42 – *que o pai tinha que pagar...*
43 – *que o do outro tinha que dividir...*
44 – *sei lá o quê...*
45 – *e eu tava preocupado*
46 – *que o pai tinha que pagar muito.*

(N. oral – Maurício – 14 anos)

- (51) 9 – *Eu não queria*
10 – *que me escondessem aquilo.*
11 – *mas me esconderam.*

(N. oral – Maria – 14 anos)

- (52) 01 – *Que una vez yo, al salir de la... de mi casa.*
(Que uma vez eu, ao sair da... de minha casa)
02 – *me dirigía a la escuela,*
(dirigia-me à escola,)
03 – *y... al salir de la casa,*
(e... ao sair da casa,)
4 – *escuché un impacto muy fuerte.*
(escutei uma batida muito forte.)

(N. oral – Alma -13 anos)

Enquanto no exemplo (50), que exhibe o acréscimo do modificador *muito* em [46], a *R-oracional* tem a mesma categoria

sintática de sua M (matriz), o exemplo (51) compreende uma recategorização, além de exibir uma mudança de tempo verbal no segmento oracional repetido. Já no exemplo (52), cuja complexidade implica uma recuperação com redução, a recategorização sintática não se faz presente.

Formam o segundo grupo de *R-oracional complexa* os segmentos que se encontram nos limites da R-sintagmática e da R-oracional. Trata-se de ocorrências de repetição cuja complexidade se faz patente, em princípio, por modificações internas ocasionadas por alternância na estrutura, como se pode observar no seguinte exemplo do espanhol.

- (53) 4 – *me costó mucho trabajo atraparlo*
(me custou muito trabalho agarrá-lo)
5 – *hasta que un día... hasta que un día se metió en su agujero*
(até que um dia... até que um dia se meteu em seu buraco)
6 – *y ya, que lo atrapo.*
(e já, que o agarro.)

(N. oral -Tobias -13 anos)

A questão que se busca solucionar frente à variação apresentada pelas ocorrências que formam o segundo grupo é a seguinte: trata-se de casos de repetição que ocorrem em nível sintagmático ou em nível oracional? Considerando-se o exemplo apresentado acima, poder-se-ia afirmar que os segmentos sublinhados – *atraparlo/ lo atrapo* (agarrá-lo/ o agarro) – implicam uma R em nível sintagmático, com a seguinte mudança em suas respectivas estruturas internas: (NÚCLEO + MODIFICADOR) / (MODIFICADOR + NÚCLEO). Não obstante, a exemplo do português, é possível dentro da gramática do espanhol a ocorrência de orações com sujeito subentendido na desinência verbal.

A presença do sujeito gramatical no morfema verbal leva à possibilidade de considerar o segmento em exame como pertencente ao nível oracional. Além disso, desde a perspectiva da sintaxe funcional, o segmento matriz – *atraparlo* – em [4], está constituído por uma construção oracional “degradada”, isto é, que foi relegada à condição de termo adjacente do núcleo oracional anterior (cf. Alarcos, 1994). O mesmo não ocorre com o segmento repetido em [6] – *y ya*,

que lo atrapo (e já, que o agarro) – o qual, ao projetar a matriz, resgata o status oracional da mesma. Trata-se, portanto, de uma *R-oracional complexa*. Questões como estas encontram suas soluções mediante os seguintes parâmetros: em primeiro lugar, identifica-se as relações predicativas estabelecidas pelo núcleo verbal e, em seguida, distingue-se os termos adjacentes que fazem parte da oração repetida.

Quanto ao terceiro grupo, trata-se do paralelismo sintático, um fator que coloca em evidência a *R-complexa* através de segmentos oracionais que, ao aparecerem repetidos, mostram um grau de variação bastante particular. Com ancoragem na estrutura, este grupo constitui o limite extremo da repetição enquanto fenômeno lingüístico. Tomemos os exemplos:

- (54) 1 – Contarei a história de *uma bomba*,
2 – *uma mísera bomba* que se tornou,
3 – ou quase se tornou uma catástrofe;
4 – *de pouco em pouco, de grão em grão, ou melhor: de pólvora em pólvora.*

(N. escrita – Rodrigo – 15 anos)

Os dois primeiros segmentos sublinhados no exemplo anterior ilustram uma operação essencialmente estrutural de repetição dentro do domínio da coesão textual. Em “*uma bomba, uma mísera bomba*” ocorre uma expansão mediante a recuperação oportuna de um SN (*uma bomba*), que favorece um incremento novo de natureza informativa e avaliativa à composição discursiva do narrador. A recuperação de um segmento lingüístico com acréscimo, além de implicar a ocorrência de paralelismo, costuma realizar-se pela adição de constituintes ou termos adjuntos tanto à esquerda quanto à direita do núcleo, embora a tendência natural da expansão costume ser linearmente progressiva, ou seja, estender-se a partir do núcleo ou sintagma nuclear repetido. Por outro lado, é evidente o paralelismo sintático e lexical, principalmente nas expressões “*de pouco em pouco*”, “*de grão em grão*” e “*de pólvora em pólvora*” dispostas em gradação. Como já foi mencionado, a recorrência de segmentos lingüísticos em posição contígua

estabelece, geralmente, uma ampliação de significado da forma repetida. No caso, ocorre uma triplificação de estruturas linguísticas repetidas. Observemos outro exemplo de *R-oracional complexa*:

- (55) 1 – Foi num dia qualquer,
2 – num dia em que nos privamos da delícia extasiante de descansar em nuvens;
3 – quase morremos.
4 – Foi num dia em que, num arroubo aventureiro,
5 – atravessamos, a nado, o lago.

(N. escrita – Ângelo – 15 anos)

Da repetição dos segmentos destacados acima emerge uma estrutura. Trata-se de uma forma de paralelismo que evidencia mais uma vez um mecanismo básico de expansão textual. Observe-se que a unidade de informação [4] recupera parte do material linguístico utilizado anteriormente. Tal tipo de construção aproxima-se dos denominados “amalgamas sintáticos”, uma vez que consiste em repetir partes anteriores, resultando uma construção que permite avançar o texto (Marcuschi, 1992). Observe-se também dois exemplos do espanhol:

- (56) 3 – y mi hermano...le andaba de hacer del baño...
(e meu irmão...andava no uso do banheiro...)
4 – y se quedó,
(e ficou,)
5 – este::este::se quedó haciendo del baño.
(ficou usando o banheiro.)

(N. oral – Tália – 13 anos)

- (57) 7 – y luego salimos a la calle a jugar,
(e logo saímos à rua para brincar,)
8 – nos metimos a la una de la mañana.
(nos metemos a uma da manhã.)
9 – Este:: entonces... y luego nos metimos a jugar al patio de mi casa.
(este:: então... e logo nos metemos a brincar no pátio da minha casa.)

(N. oral – Marco – 12 anos)

Os exemplos anteriores ilustram casos de *R-oracional complexa* em que a R resulta numa construção amalgamada, como sugere Marcuschi. Trata-se de construções bastante similares às “construções verticais” mencionadas por Montes (1993), em que a R implica o aproveitamento de material lingüístico prévio na construção de um enunciado que não é novo. Os exemplos apresentados permitem afirmar que as construções amalgamadas, do mesmo modo que os paralelismos, constituem um dos limites extremos do que se pode considerar como casos de *R-oracional complexa*.

Com a apresentação desses casos, pôde-se demonstrar que a repetição constitui um fenômeno bastante complexo, dotado de uma série de traços componenciais, os quais se pode identificar mediante o enfoque dos dois aspectos da linguagem, quais sejam, forma e função. O próximo capítulo discute o lado funcional da repetição.

Capítulo 5

Os domínios funcionais

Nas últimas seções do capítulo precedente, buscou-se caracterizar os domínios da forma com seus respectivos componentes para chegar-se à delimitação e identificação dos tipos formais de repetição existentes nos dados em estudo. Agora, o propósito é, em primeiro lugar, apresentar uma tipologia funcional da repetição e, em seguida, associá-la às funções da linguagem sugeridas por Lyons (1977) e por Halliday (1970). Logo, propõe-se detalhar a tipologia levantada, por meio da caracterização das funções desempenhadas pelas formas de repetição que mais se realizam entre os dados orais e escritos dos *corpora* em estudo.

A meta é explicar a plurifuncionalidade da repetição, mediante a análise de segmentos lingüísticos delimitados empiricamente nos textos orais e escritos, tanto em português como em espanhol. Os casos de repetição são examinados sempre dentro de seu contexto de ocorrência,

sob a lupa de uma rede tipológica que resulta da congruência de componentes funcionais pertinentes a três domínios de natureza semântico-pragmática.

5.1 Uma tipologia funcional da repetição

Conforme já se mencionou anteriormente, um domínio representa o âmbito em que atuam os componentes que compreendem os traços específicos de uma repetição. Do mesmo modo, cabe aqui recordar que se reconhece a existência não só de domínios formais, mas também de domínios funcionais. Nessa perspectiva, a consideração de componentes funcionais, relacionados a seus respectivos domínios, permite colocar em perfil funções específicas da repetição nos tipos formais identificados nos *corpora* investigados.

No QUADRO IV-1, apresentado no capítulo anterior, aparecem três categorias funcionais – conexão, interação e processamento – dentro dos traços básicos de repetição, as quais se considera como centrais dentro da tipologia funcional buscada. Não se trata de uma seleção aleatória. Na verdade, são três domínios semânticos e pragmáticos que têm permitido agrupar os componentes que mais se destacam quando se enfoca a repetição desde o ponto de vista da função. Os trabalhos comentados no capítulo 2, como os de Norrick (1987), Tannen (1989), Bessa Neto (1991), Marcuschi (1992), Quesada (1989) e Hoey (1992), todos dedicados diretamente à análise de tipos e funções da repetição, seja na fala, seja na escrita, também enfocam, embora desde ângulos diferentes, a conexão, a interação e o processamento (produção e compreensão) como categorias funcionais básicas.

Cabe aqui destacar que os componentes funcionais constituem e si mesmos funções a partir das quais se pode identificar empregos ainda mais específicos de acordo com sua realização final, seja em textos orais, ou escritos. Uma observação a mais se faz necessária: considera-se como função o papel desempenhado por um tipo formal de repetição (previamente reconhecido), que tenha ocorrido em alguma parte do texto (oral ou escrito) tomado, desde já, como “a unidade

básica da linguagem em uso” (cf. Halliday, 1975). Nessa perspectiva, investigar os papéis de uma repetição implica formular perguntas operacionais tais como:

- Por que ocorreu a R nesse segmento do texto?
- Qual é sua atuação na estrutura textual e discursiva?
- Existe alguma função mais geral ou básica?
- Existirá uma harmonia entre as funções?

Buscar-se-á aproximar respostas a essas perguntas através de uma análise detalhada que permite confrontar componentes lingüísticos textuais (estruturais) e discursivos (semânticos e pragmáticos), além dos pertinentes às motivações cognitivas. Para tanto, do mesmo modo em que foram delimitados e identificados empiricamente os domínios da forma, serão trabalhados os domínios da função. Não obstante, cabe ressaltar que buscar as funções não significa caracterizá-las como exclusivas, ou seja, uma dada ocorrência de repetição pode exibir mais de uma função, o que implica deixar claro que as funções, em efeito, costumam sobrepor-se. Uma dada ocorrência de repetição, embora possa exibir mais de uma função, encontra-se estritamente delimitada enquanto tipo formal, uma vez que os traços componenciais do domínio da forma aparecem sempre em distribuição complementar. (Ver cap. 4, seção 3).

Marcuschi (1992: 116) sugere a possibilidade de falar-se de funções básicas e funções secundárias de um segmento repetido em um dado contexto de ocorrência. É oportuno registrar que, no que concerne à distinção proposta pelo autor, buscou-se averiguar sempre a função específica mais proeminente de uma repetição, que se destaca entre outras em seu contexto de manifestação, principalmente para atender ao tratamento quantitativo dos dados.

5.2 Apresentação dos domínios funcionais

Os três domínios – conexão, interação e processamento – serão

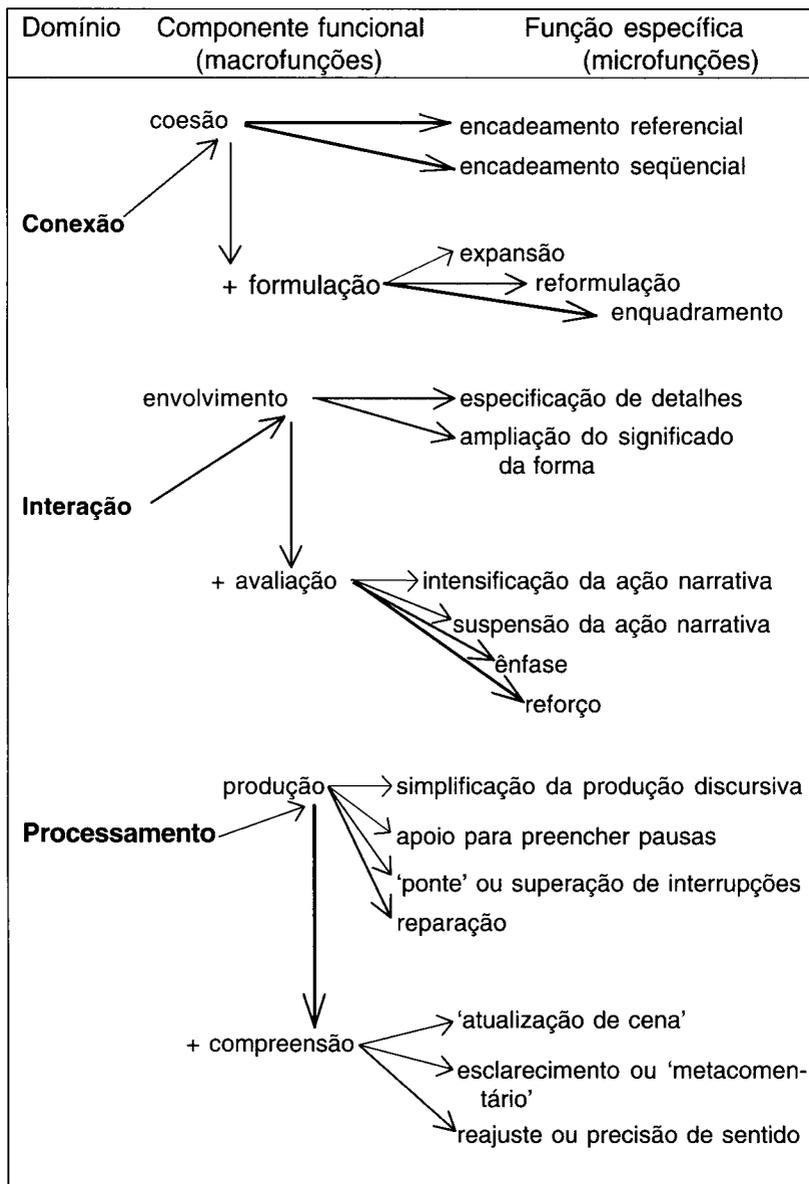
apresentados, nesta seção, juntamente com seus respectivos componentes e vinculados às funções específicas que pode desempenhar um segmento lingüístico ao ser repetido dentro de um determinado (con)texto.

Inicialmente, cabe aqui destacar os seguintes pontos: os domínios da conexão e do processamento permitem agrupar as categorias funcionais que coincidem com procedimentos lingüísticos de repetição perceptíveis na superfície do texto e do discurso respectivamente, enquanto o domínio da interação conforma categorias funcionais mais profundas, as quais se encontram de modo subjacente nas realizações específicas do fenômeno lingüístico da repetição. Considera-se que a conexão, através de seus componentes funcionais (coesão e formulação), constitui o domínio da R que atua em termos de vinculação e organização de idéias dentro de um texto. No caso da interação, as categorias selecionadas (envolvimento e avaliação) implicam mais uma vinculação interpessoal, além de refletir o estado interno do falante ou escritor e suas atitudes pessoais, principalmente no que diz respeito à habilidade de interagir com o outro.

Quanto ao domínio do processamento, o agrupamento funcional da R privilegia, acima de tudo, os aspectos cognitivos (produção e compreensão) que implicam a “percepção” da linguagem desde o ponto de vista do falante ou escritor. O termo percepção é aqui empregado no sentido de identificação, reconhecimento, de acordo com Flores d’Arcais (1992:123) quem, desde uma perspectiva psicolingüística, afirma o seguinte: “perceber a linguagem significa levar a cabo várias operações psicológicas, tais como isolar e segmentar palavras, frases e unidades mais longas, ademais de atribuir-lhes um significado”. Pode-se acrescentar que, entre essas operações psicológicas, encontram-se aquelas pertinentes às repetições efetuadas pelo falante ou escritor dentro de seu próprio enunciado com o propósito de garantir a significação, seja para favorecer a produção “on line”, seja para facilitar a compreensão.

O QUADRO V – 1 exhibe, a seguir, a rede dos domínios selecionados com seus respectivos componentes e funções específicas.

QUADRO V-1: AS FUNÇÕES DA R DE ACORDO COM OS TRÊS DOMÍNIOS



Em primeiro lugar, deve-se esclarecer que a distribuição gráfica apresentada no QUADRO V-1 favorece, em princípio, a uma conveniência descritiva, uma vez que seria impossível que um enunciado em qualquer língua natural pudesse ser utilizado para cumprir somente uma função com exclusão total de outras (cf. Brown & Yule, 1983:1). Em segundo lugar, as setas que aparecem em posição vertical servem para indicar que o componente funcional precedido pelo sinal de adição (+) pressupõe o componente anterior. Nessa perspectiva, algumas funções específicas da R resultam da combinação de dois componentes enquanto outras são ativadas somente por um componente.

Por outro lado, pressupõe-se que o domínio da conexão atua a um tempo com os domínios da interação e do processamento, o que pode ser representado na Figura 1 abaixo:

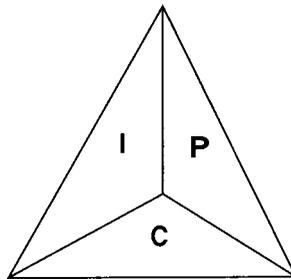


Figura 1: Combinação dos domínios funcionais da R

No prisma triangular que aparece na Figura 1, busca-se representar ao mesmo tempo a possibilidade de coexistência dos três domínios funcionais em um caso concreto de repetição e, ao mesmo tempo, expressar graficamente que um deles vai ser proeminente com relação aos outros restantes. A Figura 1 servirá, pois, para ilustrar duas hipóteses de trabalho: (1) as funções que um segmento repetido cumpre mantêm uma relação harmônica entre si, e (2) uma delas é básica. Tais hipóteses serão colocadas à prova no transcurso da análise, através da busca de respostas às questões formuladas no início desta seção.

É oportuno mencionar que, em seu estudo sobre a repetição no desenvolvimento da linguagem, Benett-Kastor (1994) sugere que a linha divisória entre as funções interativas e discursivo-coesivas da repetição é ilusória. Nas palavras da investigadora norte-americana:

É muito difusa a linha divisória entre as funções de repetição interativas e de coesão do discurso. Apesar de a coesão ser alcançada graças essencialmente a recursos gramaticais e a interação através de meios menos tangíveis, muitos desses verdadeiramente repetitivos, os recursos gramaticais da coesão aparentemente surgem da repetição, a qual serve para propósitos de interação.

(Ibid.:156)

De acordo com Benett-Kastor, embora a repetição sofra um processo de gramaticalização quando passa a se manifestar sob formas mais sutis e refinadas (como pronominalização, elipse e uma variedade de tipos de paralelismo), as formas básicas repetitivas, adquiridas anteriormente, continuam florescendo em situações de interação e, o mais relevante, não são abandonadas, quer dizer, mantêm-se, aparecendo em contextos apropriados.

5.3 Os domínios selecionados e as funções da linguagem

Inicialmente, considera-se que os domínios que fazem parte da rede funcional da R guardam uma correspondência geral, sobretudo no que se refere aos pontos mencionados anteriormente, com a divisão entre significado descritivo, expressivo e social da linguagem, defendida por Lyons desde 1977. De acordo com o autor, as línguas possuem uma função descritiva associada ao significado proposicional (descritivo), assim como uma função social-expressiva que envolve conjuntamente o significado emotivo (ou afetivo) e o significado social. Para Lyons (1987:139), enquanto o significado expressivo envolve tudo o que concerne à 'auto-expressão', o significado social está ligado ao uso da linguagem para estabelecer e/ou manter papéis e relações sociais, o que implicaria o objetivo principal de grande parte

de nosso discurso cotidiano. Esse uso poderia ser qualificado, segundo Lyons, pelo termo proposto por Malinowski: “comunicação fática”, cujo sentido equivale à “comunhão por meio da fala”.

Duas observações a mais merecem ser registradas para levar a cabo a correspondência que se tem em mente. A primeira é que, em palavras de Lyons, “enquanto o significado descritivo pode ser perfeitamente exclusivo da linguagem, os significados expressivo e social certamente não o são” (ibid.: 1987:140). Isto permite estabelecer uma associação com as funções da R pertinentes aos domínios da **conexão** e do **processamento**, cujos componentes funcionais – coesão e formulação de um lado, e produção e compreensão de outro – com suas realizações lingüísticas patentes na superfície textual e discursiva, servem à organização do ‘significado proposicional’ dos enunciados. A segunda observação, que tem relação com a primeira, concerne à seguinte afirmativa de Lyons: “o significado expressivo e social são transmitidos, de modo característico mas não exclusivamente, pelo componente não-verbal da linguagem, enquanto que o descritivo se restringe ao componente verbal” (ibid.: 1987: 140). Nessa perspectiva, considera-se a possibilidade de relacionar ao ‘componente não-verbal’ os componentes funcionais de R – envolvimento e avaliação – referentes ao domínio da **interação**, já que ambos implicam realizações da repetição que operam primordialmente, embora não de modo exclusivo, para atender ao enlace interpessoal exigido pelo contexto da narração.

Por outro lado, cabe aqui destacar que os três domínios selecionados para discernir e analisar as funções da repetição podem ser associados, ainda, à clássica proposta de Halliday (1970), concernente aos três aspectos semântico-funcionais básicos da linguagem: (i) ideacional, (ii) interpessoal e (iii) textual. O primeiro aspecto refere-se à função “ideacional” a qual, em palavras de Halliday, “serve à expressão do ‘conteúdo’: isto é, da experiência que o falante tem do mundo real, incluindo o mundo interior de sua própria consciência” (1975: 148). Isso permite estabelecer uma associação com o domínio da R que se caracteriza como **processamento**, cujos componentes funcionais refletem os usos conceptuais da repetição explicáveis não só em termos de produção, mas também em termos de compreensão.

Cabe, aqui, somente acrescentar que se inclui na experiência do falante a percepção de sua própria produção discursiva.

Quanto ao segundo aspecto, ou seja, o ‘interpessoal’, Halliday incorpora-o às funções conativa, social e expressiva, afirmando sobretudo o seguinte: “a linguagem serve para estabelecer e manter relações sociais: para a expressão dos papéis sociais...; e também para fazer coisas, por meio da interação de uma pessoa com outra” (op.cit.: 148). Considera-se apropriado correlacionar à função “interpessoal” o domínio da R pertinente à **interação**, uma vez que seus componentes – envolvimento e avaliação – implicam as atitudes do falante ou escritor e sua habilidade de interagir com o outro, principalmente no caso do texto narrativo, cuja finalidade habitual é impressionar o interlocutor quanto a um fato ou evento passado.

No que diz respeito ao terceiro aspecto básico da linguagem, Halliday caracteriza-o como função “textual” e argumenta que se trata de uma parte essencial do sistema lingüístico “que permite ao falante ou escritor construir ‘textos’, ou seja, passagens conexas do discurso vinculado à situação; e permite ao ouvinte ou ao leitor distinguir um texto de um conjunto de orações agrupadas aleatoriamente” (op. cit.: p.148). Isso remete, de imediato, ao domínio funcional da R denominado **conexão**. Não obstante, é relevante observar que o componente textual implica também padrões de significação, que se realizam fora da organização hierárquica do sistema lingüístico, entre os quais se destaca a **ESTRUTURA DA INFORMAÇÃO**, um padrão responsável pela organização do texto, independentemente de sua construção em termos de segmentos oracionais ou de frases, através de unidades de informação estabelecidas nas bases da distinção entre o DADO e o NOVO: aquilo que o falante considera como informação recuperável para o ouvinte (dado) e o que considera como não-recuperável (novo) por parte deste (cf. Halliday & Hasan, 1992: 27). Nessa perspectiva, o âmbito de atuação da R que se optou caracterizar como conexão, a exemplo da função textual de Halliday, configura-se como um domínio semântico-funcional presente nos demais domínios, ou seja, da interação e do processamento.

Cada domínio funcional da R será apresentado de modo detalhado,

a seguir, com o propósito de apontar o âmbito em que atuam suas funções. Busca-se, inicialmente, descrever as características dos componentes funcionais ou macrofunções para, em seguida, explicar as funções específicas ou microfunções que lhe são pertinentes. Depois, comenta-se a identificação empírica das funções que se realizam nos tipos formais delimitados nos *corpora* investigados.

5.4 O domínio da conexão e suas funções

Considera-se que a conexão é determinada por dois componentes – coesão e formulação – que colocam em relevo justamente o caráter de ligação peculiar a este domínio. A descrição desses componentes correlacionados, acompanhada da indicação das funções específicas que costumam promover, permite assinalar os traços mais representativos da R dentro do domínio da conexão.

O componente coesão e suas microfunções

Em princípio, a coesão constitui uma propriedade que, desde a perspectiva funcional da linguagem, pode realizar-se através de diversos recursos lingüísticos entre os quais está a repetição. Cabe aqui mencionar que Halliday & Hasan (1976), ao definirem a coesão em termos semânticos, explicam que a reiteração, onde se inclui a repetição de um mesmo elemento léxico, promove a função de enlace e a função referencial. De modo similar, Hoey (1983: 113-14) argumenta que a repetição lexical é usada para mostrar que a informação dentro de uma oração tem algo em comum com o que tenha sido mencionado em segmentos oracionais anteriores e, além disso, comenta que um dos usos da repetição sistemática na fala e na escrita é conectar orações de tal modo que estas são compreendidas como compartilhando um significado particular. Não obstante, conforme já foi mencionado anteriormente, além da repetição de elementos lexicais, deve-se levar em conta a reparação de segmentos oracionais ou de sintagmas, os quais costumam mostrar também como novas orações são enlaçadas a segmentos discursivos precedentes e como as idéias introduzidas no discurso são

conectadas entre si (cf. Tannen, 1989). Em efeito, o traço de vinculação caracteriza um dos componentes da R que, dentro do domínio mais amplo da conexão, tem-se reconhecido como coesão.

Em um de seus estudos a respeito da função dos mecanismos coesivos na construção da textualidade, Koch (1989) sugere a existência de duas grandes modalidades de coesão – referencial e seqüencial – as quais se optou utilizar, a exemplo de Marcuschi (1992), para distinguir as duas primeiras funções específicas da R pertinentes ao componente coesão: encadeamento referencial e encadeamento seqüencial. É oportuno registrar, ainda, que a coesão referencial, segundo Koch (1989:30), é aquela em que um componente da superfície do texto remete a outro(s) elemento(s) do universo textual. Quanto à coesão seqüencial, conforme esclarece Koch, trata-se de uma relação que abarca procedimentos lingüísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e ainda seqüências textuais mais amplas), diversos tipos de relações semânticas e ou pragmáticas, na medida em que o texto avança (op.cit.: 49). Considera-se que a repetição se inclui entre esses procedimentos sempre que contribui para a organização textual por meio de uma vinculação semântica e pragmática entre os elementos lingüísticos repetidos. A seguir, serão explicitadas as duas funções específicas que concernem à coesão enquanto componente funcional.

Encadeamento referencial

Como o próprio nome indica, o encadeamento referencial diz respeito à função de vinculação de referentes, a qual se estabelece entre a R (repetição) e a M (matriz) na superfície do texto. Trata-se de uma função que se realiza de maneira preponderante através de segmentos repetidos em nível lexical, usualmente em posição próxima e, o mais importante, permite discernir se a relação referencial é de identidade, de inclusão ou, às vezes, de exclusão.

Quando existem morfemas gramaticais patentes junto à forma lexicativa repetida, que permitem identificar a relação referencial explícita ou enfocada, emerge a microfunção denominada encadeamento referencial. Os fragmentos narrativos abaixo ilustram sua realização.

compartilham o mesmo referente. Além dessa função específica mais proeminente, identifica-se no segmento repetido uma função secundária pertinente ao domínio da interação. Trata-se de uma especificação de detalhe, cuja caracterização será elucidada mais adiante.

Enquanto os exemplos acima ilustram uma relação de identidade referencial entre duas formas lexicais repetidas dentro do texto, o fragmento abaixo ilustra uma relação de inclusão referencial entre a R e o elemento lexical projetado como matriz:

- (60) 21 – *Aquela noite estava muito abafada...*
22 – *e então papai foi até a sorveteria próximo da nossa casa,*
23 – *pra comprar o sorvete de pistache*
24 – *que eu tanto queria.*

(N. oral – Paula – 14 anos)

No exemplo apresentado acima, a relação referencial de inclusão manifesta-se sobretudo porque os segmentos lingüísticos repetidos pertencem ao mesmo campo lexical e semântico. Observe-se que o referente da forma lexical repetida – sorvete – está incluído no referente da forma lexical – sorveteria – projetada como matriz.

Encadeamento seqüencial

Trata-se de uma função que, mediante a repetição de segmentos lingüísticos na seqüência linear do texto, apóia o fluxo das informações e garante ao mesmo tempo a vinculação e articulação das unidades de informação, mostrando que entre estas existe uma idéia comum. Através de segmentos lingüísticos que costumam aparecer repetidos nos níveis lexical, sintagmático e oracional, sob as formas de R-simples ou R-complexa, o encadeamento seqüencial é uma constante nos textos orais e escritos que conformam os dados em estudo.

Os casos mais típicos de encadeamento seqüencial registrados entre as narrativas compreendem a R-sintagmática que opera em termos de “progressão temática linear” (Koch, 1989:58). Trata-se de um procedimento textual que se instaura quando o *rema* de um enunciado passa a *tema* no enunciado seguinte. Os exemplos

a seguir ilustram a função específica mencionada:

- (61) 04 – y entonces, mi hermano estaba cortando la madera con la máquina.
e então, meu irmão estava cortando a madeira com a máquina.
05 – Y entonces, la máqui/... la madera le jala el dedo.
e então, a máqui/... a madeira puxa-lhe o dedo.
(N. oral – Joaquim – 12 anos)

Em termos de organização de mensagem dentro de um texto, o enlace e a progressão entre as unidades de informação, destacadas no exemplo anterior, ocorrem primordialmente pela recorrência do segmento sintagmático – *la madera* – que, ao ser repetido, passa da posição de rema à posição de tema, desde o ponto de vista da “estrutura temática” (Halliday, 1975).

Com a finalidade de esclarecer a questão enfocada, além de precisar os termos utilizados, registra-se as seguintes afirmações de Halliday (1975: 168): “A unidade básica da linguagem em uso não é a palavra ou a oração, mas, sim, o texto”. E o componente ‘textual’ da linguagem é o conjunto de opções mediante as quais um falante ou um escritor pode criar textos – ou seja, usar a linguagem de uma maneira apropriada ao contexto. Sempre segundo Halliday, a cláusula (oração), nesta função, está organizada como mensagem, de modo que além de sua estrutura de transitividade e de modo, também possui estrutura como mensagem, conhecida como estrutura temática.

Por outro lado, cabe observar que, no exemplo (61), o vínculo de identidade referencial não é condutor, embora encontre-se pressuposto na relação estabelecida entre o segmento repetido e o segmento projetado como matriz. A esse respeito, cabe comentar a existência de casos de *encadeamento seqüencial* em que se pode observar uma vinculação referencial de exclusão entre o segmento lexical repetido e a ocorrência original, conforme ilustra o seguinte fragmento que integra uma narrativa escrita:

- (62) 05 – cuando escuché un ruído
quando escutei um ruído
06 – que me desperto
que me despertou

- 07 – me levánté
levantei-me
08 – y todo tronaba
e tudo trovoava
09 – pero eso no fue nada al último ruido
mas isso não foi nada ao último ruído
10 – que se escuchó.
Que se escutou.

(N. escrita – Israel – 15 anos)

Observe-se que o elemento lexical *ruído*, ao ser repetido, aparece como parte de um segmento sintagmático — *ao último ruído* — cuja função principal é a de encadeamento seqüencial, operando dentro de uma estrutura de comparação. O segmento repetido permite apontar ainda sua relação com o componente avaliativo no domínio da interação, onde atua com a função de ênfase, mediante a valorização de um elemento (ruído) dentro da estrutura avaliativa, como se pode constatar mais adiante. (Ver componente avaliativo e suas funções).

Além dos tipos de repetição que permitem destacar a progressão temática linear, pode-se considerar dentro de um texto as construções em formatos paralelos das quais costuma emergir com relativa frequência a função de *encadeamento seqüencial*. A formação de paralelismos, conforme demonstra Johnstone (1991) em textos escritos e Marcuschi (1992) em textos orais, constitui uma estratégia bastante utilizada na ordenação seqüencial de unidades lingüísticas justapostas.

O paralelismo, ao mesmo tempo em que encadeia seqüencialmente os segmentos em nível estrutural, permite reconhecer conteúdos estreitamente concatenados em termos semânticos e pragmáticos, principalmente em nível oracional. Os exemplos a seguir ilustram isso.

- (63) 26 – *Estávamos na fila do tobogã,*
27 – *já estava quase na nossa vez...*
28 – *quando, de repente, aconteceu o acidente...*
29 – *um menino desceu feio de frente*
30 – *enquanto outro desceu feio de costas...*

(N. oral – Julio – 15 anos)

- (64) 15 – y ya no podía más
e já não podia mais
16 – pero lo peor fue que caí
mas o pior foi que caí
17 – lo bueno fue que reaccioné
o bom foi que reagi
18 – y volvi a correr;
e voltei a correr;

(N. escrita – Cynthia – 15 anos)

O paralelismo identificado nos segmentos oracionais, que aparecem sublinhados nos exemplos (63) e (64), põe em relevo a função de encadeamento seqüencial e, em segundo plano, mostra que os grupos oracionais exibem, respectivamente, um relação de sinonímia (feio/feio) e um contraste (*lo malo/ lo bueno*) e constituem um tipo de 'avaliação interna' (Labov, 1972) com ancoragem na estrutura, o que permite destacar a função de ênfase e, ademais, apontar a sobreposição de funções da R como já foi mencionado anteriormente.

Enquanto no exemplo (64) em espanhol, que é proveniente de uma narrativa escrita, o encadeamento seqüencial funciona mediante um paralelismo por contraste, no exemplo abaixo, procedente de uma narrativa oral, ocorre entre estruturas oracionais que, ao aparecerem em formatos paralelos, permitem identificar uma relação de sinonímia. Vejamos.

- (65) 07 – y cuando terminó de llover
e quando terminou de chover
08 – corré a echársela (el água).
corri a jogá-la (a água)
09 – Y como acabó de llover,
E como acabou de chover,
10 – estaba resbaloso el piso.
estava escorregadio o piso.

(N. oral – Lupita – 13 anos)

Os segmentos oracionais destacados acima, além de operarem primordialmente como *encadeamento seqüencial* dentro do texto através das estruturas repetidas, mostram aspectos circunstanciais distintos

desde o ponto de vista de sua estrutura interna (tempo/ causa), ao mesmo tempo em que exibem a relação de sinonímia (terminou/ acabou) entre os pares de elementos lingüísticos dispostos em formatos paralelos. Quanto à função que exercem no domínio da interação, trata-se de uma especificação de detalhes resultante do envolvimento do narrador com suas próprias idéias e com o assunto do relato.

No exemplo a seguir, o paralelismo sintático, somado ao lexical, evidencia um estilo bem próximo da linguagem coloquial. Pode-se, nesse caso, apontar ‘o estilo falado no escrito’.

- (66) 01 – *Tudo começou em maio de 90,*
02 – *quando eu comecei a conhecer o pessoal da quadra.*
03 – *No começo eram tudo rosas, tudo ótimo.*
04 – *Conheci o Jaques.*
05 – *De cara, ele me pareceu o mais legal, o mais brincalhão e o mais espontâneo.*

(N. escrita – Daniela – 16 anos)

Quanto ao primeiro par de segmentos paralelos que compõe o enunciado – “No começo eram tudo rosas, tudo ótimo.” – tem-se uma construção peculiar com um desvio semântico aparente. O que ocorre nesse enunciado narrativo é um possível cruzamento da forma elíptica de uma expressão metafórica – mar de rosas – que a jovem emprega ao lado de uma frase nominal (tudo ótimo) com vestígio de elisão à esquerda do núcleo repetido. Isso evoca o caráter lúdico das construções paralelas fixadas na escrita literária, como as que se pode colher nas páginas de Machado de Assis, em **Memórias póstumas de Brás Cubas** (início do cap. XV) e em **D. Casmurro** (início do cap. I) respectivamente:

- I Gastei trinta dias para ir do **Rocio Grande ao coração de Marcela**... (1962: 67)
- II Uma noite destas, /...../, encontrei no trem da central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço **de vista e de chapéu**. (1962: 5)

Os dois segmentos literários ilustram um desvio semântico, uma vez que o padrão esperado seria o de uma simetria de construção em

que os constituintes coordenados, ocupando uma posição paralela, pertencessem à mesma classe gramatical e ao mesmo universo semântico.

Voltando ao exemplo (66), o segmento narrativo exhibe, ainda, uma recorrência de construção (pronomes demonstrativos + advérbio + adjetivo), incrementando a apresentação de uma lista:

“De cara ele me pareceu o mais legal o mais brincalhão e o mais espontâneo.”

O segmento destacado serve para mostrar que o usuário da língua (no caso a narradora) repete uma estrutura gramatical que lhe permite enfatizar de maneira icônica as características do protagonista de seu relato. Trata-se de um paralelismo por listagem, estratégia de coesão seqüencial apontada por Marcuschi (1992) como própria da modalidade oral, mas que é empregada pelos jovens de maneira corrente e recorrente em seus textos escritos.

Vale notar que entre as duas funções específicas da R que operam em termos de coesão, o encadeamento seqüencial é o que mais se destaca, uma vez que costuma ocorrer em dois níveis (lexical e estrutural), enquanto o encadeamento referencial se restringe ao nível lexical.

A formulação e suas funções

O componente formulação concerne aos procedimentos estruturais de repetição utilizados pelo falante ou escritor para ordenar sua composição textual e, ao mesmo tempo, favorecer a vinculação de idéias entre as unidades de informação. A relação entre a formulação e o componente coesivo é de inclusão, ou seja, a formulação constitui uma espécie de “elaboração” ou “instância” da coesão. Isso evoca a explicação de Ronald Langaker (1991:2) a respeito de um dos tipos de relação categorial denominado ‘elaboração’: [A] à [B], quer dizer, [A] é ‘esquemático’ a [B], o qual constitui uma ‘elaboração’ ou ‘instanciação’ de [A]. Nessa perspectiva, a relação entre os componentes funcionais da repetição implica uma especialização semântica, uma vez que [B] é conseqüente de [A], mas as especificações de [B] são mais detalhadas e alcançam um grau mais particularizado de realização.

Desde o ponto de vista de sua origem, o termo “formulação” é derivado de uma proposta sugerida por Motsch e Pasch (1987), dois lingüistas alemães, cujos princípios teóricos têm sido trabalhados dentro do português por Koch e Silva (1992) e por Marcuschi (1992). De acordo com Koch e Silva, a formulação implica, em geral, as atividades lingüístico-cognitivas realizadas por um enunciador para garantir e estimular a compreensão, facilitar ou causar a aceitação do interlocutor. Não obstante, no âmbito deste estudo, considera-se a formulação em um sentido primordialmente lingüístico-textual, ou seja, como um componente funcional que permite identificar na superfície do texto procedimentos estruturais específicos que o falante ou escritor utiliza, através da repetição, para apoiar sobretudo sua composição textual e, conseqüentemente, favorecer não só a coesão ou vinculação de idéias, mas também a coerência discursiva.

Para Marcuschi (1992: 122), que considera também a formulação dentro das funções de natureza textual, ‘uma das maneiras de formular é reformular’, o que implicaria os casos de reconstruções, de expansões e de correções em situação de interação verbal. Nessa perspectiva, de acordo com o referido autor, a R com funções de formulação, principalmente nos casos de reconstrução de estruturas sintática, não se reduz à mera devolução de formas canônicas a enunciados prévios, uma vez que se pode operar não só em nível oracional, mas também em nível inter-oracional com a função de expansão e ainda de correção na seqüência textual, depois de vacilações ou de interrupções no fluxo da informação.

Não obstante a pertinência das observações de Marcuschi, optou-se por situar os casos mais típicos de reconstrução, ou seja, as correções, dentro do domínio do processamento o qual será apresentado mais adiante. Por hora, é oportuno comentar que as correções equivalentes a reparações “on line”, enquanto atividades lingüístico-cognitivas, parecem ocorrer mais diretamente em função dos processos de produção e compreensão vinculados à percepção do falante, no que diz respeito a problemas de formulação de sua própria construção discursiva, no momento exato da enunciação.

Considera-se que a formulação, enquanto componente textual, permite chegar a operações essencialmente estruturais da R dentro do domínio da conexão, as quais se há optado agrupar, por conseguinte, em três micro-funções específicas: expansão, reformulação e enquadramento. As funções referidas evocam procedimentos de repetição apontados por outros estudiosos mencionados anteriormente (Rojas, 1995; Montes, 1993; Marcuschi, 1992; e Tannen, 1989).

Expansão

A R com função de expansão consiste na recuperação oportuna de um segmento lingüístico, que favorece algum incremento novo de natureza informativa e, inclusive, avaliativa à composição discursiva do falante (ou escritor), como ilustram os exemplos seguintes:

- (67) 12 – *Chegamos no hotel famintos.*
13 – *Deixamos as malas no quarto*
14 – *e logo saímos para jantar.*
15 – *Jantamos num restaurante chinês.*

(N. escrita – Amélia – 15 anos)

- (68) 30 – *y yo, llorando de la emoción,*
e eu, chorando de emoção,
31 – *me tomé la foto del recuerdo,*
tirei a foto de recordação,
32 – *un recuerdo que nunca se borrará de mi memoria.*

Uma recordação que nunca se apagará da minha memória.

(N. escrita – Juan – 16 anos)

A recuperação de um segmento lingüístico com incremento, além de implicar a ocorrência da R em níveis mais amplos (sintagmático e oracional), costuma realizar-se mediante a adição de constituintes oracionais ou termos adjuntos tanto à esquerda quanto à direita do núcleo, embora a tendência natural da expansão seja linearmente progressiva, ou seja, de estender-se a partir do núcleo ou elemento repetido. Por outro lado, a repetição com expansão, que se configura em geral como uma R-complexa, ocasiona com frequência funções

complementares. No caso dos exemplos (67) e (68), apresentados acima, os segmentos repetidos operam de modo complementar como especificação de detalhe (domínio da interação) e como ‘metacomentário’ avaliativo (domínio do processamento e da interação), respectivamente.

Reformulação

A reformulação constitui uma espécie de reconstrução corrente que costuma realizar-se basicamente em contextos discursivos orais, já que na escrita a eventualidade de sua presença é anulada, desde logo, pelo ato circunstancial de apagar, passando a borracha. A R com função reformuladora mantém com a expansão uma relação unilateral, o que equivale a afirmar que toda reformulação demanda uma expansão, mas nem toda expansão se restringe a uma reformulação. Além disso, pode-se reconhecer entre esses dois componentes uma relação de inclusão, em que a reformulação constitui uma instância particularizada da expansão.

Em princípio, a reformulação implica a repetição de um segmento lingüístico para adequá-lo à estrutura sintática usual, modificando a ordem em que tenha aparecido previamente no enunciado, conforme ilustra o seguinte exemplo em espanhol:

- (69) 09 – Entonces, este:: la valla eh/ como era de metal,
Então, este:: a barra eh/ como era de metal,
10 – la valla estaba chueca. ((enseña con las manos))
a barra estava torta. ((mostra com as mãos))
(N.oral – Juan Carlos – 17 anos)

O sintagma – *a valla* – é retomado depois da inserção de uma oração adverbial causal que ocorre, por sua vez, depois de uma parada brusca [/] precedida de *eh*, duas marcas patentes de uma vacilação momentânea do falante no instante da enunciação. A R tem neste caso a função de reformulação de estrutura, uma vez que garante a posição sintática natural de segmentos que, como este tipo de orações causais, em espanhol, devem aparecer antes da oração principal (Contreras, 1978). Além disso, pode-se apontar, no segmento focado, uma função

secundária pertinente ao domínio do processamento: o narrador realiza uma ‘ponte’ em sua própria produção discursiva ao retomar o segmento – *la valla* – o que configura também um ‘reajuste ou precisão de sentido’, conforme será detalhado mais adiante.

Outra instância de reformulação ocorre quando a R envolve em uma só construção o que já apareceu em construções anteriores, as quais costumam figurar como justapostas:

- (70) 20 – Aí o único lugar que a gente achou
21 – foi o quartinho da lixeira, né?
22 – Tinha um negócio em cima do teto,
23 – uma gavetinha na altura da cabeça da gente, sabe?
24 – O saco de lixo caía de lá, né?
25 – E quando a gente menos esperou,
26 – caiu um saco de lixo no quartinho bem na cabeça da gente, né?
(N. oral – Marcel – 14 anos)

No exemplo anterior, os segmentos sublinhados reaparecem em uma construção amalgamada dentro de um segmento oracional subsequente. Observe-se que a unidade de informação [26] é resultante da utilização de material lingüístico prévio ao que é agregado um marcador conversacional (né?), que imprime a um tempo uma retomada de uma informação que estava implícita parcialmente nos segmentos oracionais precedentes. Cabe destacar que a R reformuladora, nesse tipo de construção, facilita o fluxo das informações no ato narrativo e atua em favor da manutenção do tópico narrativo ao mesmo tempo. No caso do fragmento narrativo que conforma o exemplo apresentado, o tópico discursivo é – o quartinho da lixeira. A reformulação costuma realizar-se através de tipos formais de R-complexa, uma vez que condiciona sempre a recuperação de um segmento ao qual se efetua alguma alteração.

Enquadramento

O enquadramento caracteriza a R que, juntamente com o segmento projetado como matriz (M), funciona como um marco que delimita um comentário parentético e/ou avaliativo, um episódio ou uma

seção estrutural da narrativa. Pode-se afirmar que sua presença faz-se patente sempre e quando a R e a M envolvem segmentos discursivos que vão desde partes de enunciados até seqüências mais amplas, como se fosse uma espécie de moldura que coloca em destaque um detalhe, um evento ou um fato que o falante ou escritor, geralmente de maneira espontânea, assinala dentro do texto, conforme ilustram os exemplos:

- (71) 12 – Esse moleque é chato,
13 – eu não gosto desse moleque hoje,
14 – mas só cumprimento...
(N. oral – Guilherme -16 anos)
- (72) 6 – e eu desfilei na festa da primavera da escola...
7 – Não consegui ganhar o título nem de princesa,
8 – mas desfilei.
(N. escrita – Anita – 13 anos)
- (73) 02 – y yo me quedé entre cien y doscientos metros planos,
e eu fiquei entre cem e duzentos metros planos,
03 – entonces este:: pues...este:: yo nunca he entrenado ni nada,
então este:: pois... este:: eu nunca tinha treinado nem nada,
04 – pero quedé.
mas fiquei.
(N. oral – Cynthia – 15 anos)
- (74) 08 – Todo el camino de ida fuimos cantando, comendo y tomando
Todo o caminho de ida fomos cantando, comendo e tomando
09 – y aí no se nos hizo largo el camino.
E aí não nos pareceu longo o caminho.
(N. escrita – Juan -17 anos)

Os segmentos destacados nos exemplos anteriores formam uma moldura que delimita, em efeito, partes do relato, tanto nos relatos orais como nos relatos escritos. Os fragmentos narrativos selecionados servem também para mostrar que a função de *enquadramento* costuma operar através da R-simples em posição básica de proximidade, embora possa realizar-se também em posição distante quando,

então, aparece como finalização ou arremate na seção da coda, conforme ilustra o exemplo seguinte:

- (75) 01 – *Eu me lembro da primeira festa do dia das mães,*
02 – *que teve no jardim da infância.*
03 – *Eu chorava muito,*
04 – *pois era muito pequena...*
05 – *e minha mãe nunca me levava...*
06 – *As outras crianças iam sempre acompanhadas,*
07 – *mas eu, como morava perto,*
08 – *ia sempre sozinha.*
09 – *Mas aquele dia era um dia especial,*
10 – *as mães chegavam cada uma mais arrumada que a outra...*
11 – *Então, eu aproveitei o portão aberto*
12 – *e fugi para minha casa,*
13 – *na esperança de encontrar minha mãe...*
14 – *e convencê-la a ir comigo para a escola.*
15 – *Corri como uma desesperada,*
16 – *mas para minha surpresa, minha mãe que nunca se arrumava,*
17 – *estava chegando da rua, com minha tia Maria, toda bonita com*
 seus sapatos de verniz... /...../
24 – *Isso é o que eu recordo,*
25 – *da primeira festa do dia das mães.*

(N. escrita – Helena – 13 anos)

É oportuno comentar que o enquadramento se distingue das funções de expansão e reformulação mediante a iconicidade de sua manifestação e, por outro lado, mantém com estas duas uma relação de implicação, uma vez que um enquadramento pode compreender em seu interior uma expansão como nos exemplos (72) e (73), ou uma reformulação com expansão como no exemplo (70) em que a R resulta de uma construção amalgamada.

5.5 O domínio da interação e suas funções

O domínio da interação permite focar o fenômeno lingüístico da repetição em nível de metamsagem, principalmente pelo fato de envolver uma das funções essenciais da linguagem que é a manutenção das redes de relações sociais e expressivas. Considera-se que dois componentes funcionais – envolvimento e avaliação – destacam-se na interação, uma vez que mostram como segmentos repetidos operam na construção de vínculos, seja entre falante e ouvinte, seja entre escritor e leitor.

O envolvimento e suas microfunções

Na perspectiva da análise do discurso, o envolvimento constitui uma categoria pragmática muito ampla que compreende uma gama de estratégias discursivas ou interacionais, assinaladas por recursos lingüísticos, paralingüísticos e cinésicos. O termo “estratégia”, que representa uma das noções centrais da pragmática, está associado a regularidades exteriorizadas por uma competência comunicativa. Esta, por sua vez, implica um a ‘competência de compreensão’, que se opõe à ‘competência de produção’ chomskyana. Nesse sentido, enquanto a gramática profunda gerativa fundamenta-se em regras, a gramática profunda pragmática baseia-se em estratégias (cf. Parret, 1988.).

As estratégias de envolvimento costumam permitir a identificação de regularidades discursivas, evidenciadas sobretudo na configuração de formas lingüísticas de expressão, utilizadas por um emissor para comunicar-se, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. De um lado, essas formas de expressão aproximam-se dos “modos de falar” (*ways of speaking*) sugeridos por Hymes (1974), uma vez que configuram habilidades interacionais e comunicativas. Por outro lado, as estratégias que implicam sua realização podem ser associadas às idéias de Tannen (1985), para quem o envolvimento constitui uma categoria relacionada com a habilidade de interagir com o outro, um aspecto desde já da maior importância não só na fala como também na escrita.

Alguns procedimentos lingüísticos de repetição, patentes nos textos orais e escritos, resultam primordialmente do componente funcional que se reconhece como envolvimento, principalmente porque costumam refletir a atitude do narrador (falante ou escritor) com relação às suas próprias idéias, ao interlocutor ou ao assunto enfocado dentro do relato. Cabe aqui ressaltar que se estende ao discurso narrativo oral e escrito os três tipos de envolvimento apontados por Chafe (1985: 117) na conversação. Aliás, a classificação bipolar proposta por Chafe quanto às diferenças entre fala e escrita, qual seja: envolvimento/ distanciamento e fragmentação/ integração – em que envolvimento e fragmentação seriam as características próprias da fala, enquanto distanciamento e integração caracterizariam a escrita – hoje é alvo de críticas, principalmente com relação ao envolvimento que é considerado mais amplamente como uma categoria social (Clark, 1998), portanto, passível de ser reconhecido tanto na fala como na escrita através de marcas lingüísticas, como se procura mostrar no presente estudo.

Considera-se que o envolvimento, dentro do domínio da interação, permite destacar duas microfunções peculiares da R, as quais se caracterizam como: *especificação de detalhe* e *ampliação do significado da forma*. A primeira implica o compromisso pessoal do narrador com o interlocutor (ouvinte ou leitor) e com o relato, enquanto a segunda reflete o grau de envolvimento do narrador com suas próprias idéias, o que resulta efetivamente ocorrências de repetição favorecedoras do envolvimento interpessoal em nível de discurso.

Especificação de detalhe

Trata-se de uma microfunção por meio da qual os elementos responsáveis pela formação da “cena” do relato são destacados mediante a repetição. Ressalte-se que a cena equivale ao espaço onde os eventos narrados têm lugar. A esse respeito, é oportuno registrar que, de acordo com Tannen (1989: 143), “as histórias são compostas de cenas, as quais são formadas por imagens que são sugeridas por detalhes”. Isso pode ser ilustrado no seguinte fragmento de uma narrativa escrita:

- (76) 28 – Foi horrível,
29 – mas acho
30 – que ele não teve culpa,
31 – afinal ele queria subir,
32 – mas ele, não só ele devia esperar
33 – as pessoas subirem.

(N. escrita – Silvana – 16 anos)

O fragmento acima constitui a seção fixa da avaliação na estrutura da narrativa, separando a complicação da resolução. Se por um lado a repetição do pronome “ele” de [30] a [32] marca a presença da oralidade no discurso narrativo escrito, pelo envolvimento da narradora com o que está sendo contado, por outro, exerce uma função específica, qual seja, sinalizar a relevância de um elemento – o antagonista – mediante a especificação de detalhes. Há que se considerar, de fato, o fenômeno da repetição como um “sinal”, cuja ocorrência representa a importância de um elemento dentro da estrutura de produção (cf. Bastos, 1985: 122).

- (77) 19 – y decía entre sueños de Aide,
e falava entre sonhos de Aidê,
20 – mi otra prima que le había pegado con la cuchara.
minha outra prima que lhe havia batido com a colher.
21 – Y el otro día fueron mis primos
E no outro dia foram meus primos
22 – y la niña que había pegado al niño
e a menina que havia batido no menino
23 – que le habi [sic] pegado con la cuchara
que lhe havia batido com a colher

(N. escrita -Leticia – 13 anos)

Os segmentos oracionais repetidos, destacados no exemplo (77), deixam claro o interesse da narradora em especificar um detalhe que o leitor deve levar em consideração dentro do relato, o que desde já contribui para o envolvimento interpessoal. Por outro lado, cabe observar que, no caso desta narrativa escrita, a função pertinente ao compromisso pessoal da narradora na composição da cena supera sua preocupação no que diz respeito à forma, uma vez que o segmento

repetido na unidade de informação [23] – *que le habi pegado com la cuchara* – permite observar a grafia incompleta da forma verbal auxiliar, a qual aparece registrada corretamente nos segmentos oracionais precedentes. Isso demonstra também o envolvimento do narrador com suas próprias idéias, ou seja, seu ‘auto-envolvimento’ na terminologia de Chafe (*op. cit.*). Uma observação a mais se faz necessária: os segmentos repetidos, dentro do exemplo em questão, permitem identificar também uma função secundária de reformulação (com expansão), concernente ao domínio da conexão.

Ampliação do significado da forma

A recorrência de segmentos lingüísticos em posição contígua estabelece, em geral, uma ampliação do significado da forma repetida e, ao mesmo tempo, reflete o auto-envolvimento do narrador no momento do relato. Além da contigüidade, outras características formais da R que atua com esta função consistem e sua ocorrência em nível de segmentos menores (lexical) e sem variação. A *ampliação de significado da forma* compreende, geralmente, repetições de natureza iterativa e intensificadora, conforme ilustram os seguintes exemplos:

- (78) 19 – *Foi na festa do Marista, gente.*
20 – *Aí eu tava procurando ele...*
21 – *procurei/ procurei/ procurei...*
22 – *até que achei, né?*

(N. oral – Daniela – 16 anos)

- (79) 11 – *Aí a gente tava brincando... com o ferro,*
12 – *mas era um ferro pontudo pontudo...*
13 – *parecia uma estaca assim...grossa e de ponta.*

(N. oral -Maurício – 14 anos)

A função da R nos exemplos acima tem relação com o que se há denominado “motivação icônica” da repetição, uma vez que os segmentos repetidos, além de exibirem uma relação direta entre forma e significado em nível de mensagem, permitem apontar, em nível de metamsagem, uma correlação entre forma e funções discursivas

favorecedoras da interação.

Eis um par de exemplos em espanhol em que, além da função intensificadora, aparece também a função progressiva:

- (80) 08 – Pero ese muchacho estaba así...
Mas esse jovem estava assim...
09 – estaba feo, con ganas,
estava feio, com ganas,
10 – no... ¡feo feo feo! ((movimiento de la cabeza y de los ojos))
não...feio feio feio! ((movimento de cabeça e de olhos))
(N. oral – Norma – 19 anos)
- (81) 09 – El río empezó a crecer y crecer,
O rio começou a crescer e crescer,
10 – cuando me di cuenta
quando me dei conta
11 – estaba toda mojada.
Estava toda molhada.
(N. escrita – Andréa – 14 anos)

Enquanto no exemplo (80), a triplificação do adjetivo *feo* implica uma intensificação do significado da forma, no exemplo (81) a duplicação do segmento verbal *crecer*, que aparece dentro de uma construção coordenada, permite destacar o efeito semântico de progressão, expresso a um tempo mediante a continuidade sugerida pelo aspecto iterativo adequado à ação verbal.

Quanto à iconicidade patente nas repetições contíguas de natureza intensificadora, iterativa e progressiva, seu enfoque implica uma aproximação aos princípios sugeridos por Ishikawa (1991: 564), para quem a relação entre as partes da forma aproxima-se da relação entre partes do sentido que tais formas lingüísticas repetidas costumam estabelecer. De acordo com Ishikawa, os efeitos semânticos da reduplicação são icônicos, sobretudo porque podem representar-se, em termos peirceanos, com se fossem diagramas. Nessa perspectiva, a autora propõe o seguinte: (i) no diagrama que representa o princípio da intensidade, a quantidade ampliada de uma forma lingüística igualar-se-ia à quantidade ampliada de seu significado; (ii) no diagrama

que simboliza o aspecto iterativo, a forma verbal repetida seria equivalente à ação repetida; e (iii) no diagrama destinado à progressão, a parte aumentada da forma corresponderia à extensão do tempo incrementado durante a ação. Esses três princípios encontram-se ilustrados nas formas repetidas destacadas junto aos fragmentos narrativos que conformam os exemplos anteriores.

Ressalte-se que as repetições que implicam a ampliação do significado da forma atuam também em termos de *expansão* e, ademais, como um recurso favorecedor da compreensão ao “*precisar o sentido*” de uma informação no que diz respeito ao processamento, domínio que será detalhado mais adiante. Trata-se, pois, de funções secundárias pertinentes ao domínio da interação e do processamento respectivamente.

O componente avaliativo e suas microfunções

O componente avaliativo engloba o aspecto funcional que reflete basicamente as atitudes do narrador no sentido de incrementar os fatos lembrados, sobretudo para alcançar o propósito de justificar a ocorrência do próprio relato. Uma repetição de natureza avaliativa pressupõe um tipo de envolvimento, o que condiciona uma relação interna entre esses dois componentes do domínio da interação. Não obstante, trata-se de uma relação unilateral, ou seja, embora um segmento avaliativo repetido implique um envolvimento, nem todo caso de repetição por envolvimento configura uma avaliação. Os exemplos (80) e (81) anteriores ilustram isto, uma vez que, no primeiro, resulta claramente uma avaliação enquanto no segundo não.

A avaliação costuma manter a expectativa do interlocutor (ouvinte ou leitor) a respeito de uma experiência efetivamente interessante e que, portanto, merece atenção ao ser reportada. É oportuno mencionar que Labov e Waletzky (1967), ao sugerirem as funções básicas de uma narrativa (referencial e avaliativa), observam que a narrativa que cumpre apenas a função referencial, além de ser “plana”, é considerada “vazia” e sem ponto de interesse.

O estudo de Labov (1972) sobre narrativas orais espontâneas sugere que a repetição constitui um dos procedimentos de avaliação

que destaca primordialmente o ponto central da história, além de favorecer a relação deste com as partes precedentes do discurso, o que pode ser associado às funções do domínio da conexão em uma segunda instância. Como foi observado anteriormente, no capítulo III, de acordo com Labov, o mecanismo da repetição é relativamente simples desde o ponto de vista sintático, mas efetivo na narração, uma vez que pode intensificar uma ação particular dentro do relato ou, ainda, suspender a ação da narrativa.

Com base nos aspectos citados anteriormente, considera-se que o componente avaliativo permite identificar as seguintes microfunções da R: *intensificação da ação narrativa*, *suspensão da ação narrativa*, *ênfase e reforço*. Trata-se de quatro microfunções que, não obstante suas diferenças sutis, atuam com particularidades decisivas no que diz respeito ao domínio da interação. Cabe aqui assinalar que a distinção entre essas microfunções exige uma análise refinada, já que seus componentes funcionais (envolvimento + avaliação) concernem às atitudes do narrador, o que implica um alto grau de subjetividade e, por conseguinte, uma leitura mais interpretativa que descritiva por parte do analista, como se pode constatar a continuação.

Intensificação da ação narrativa

Esta microfunção caracteriza os casos de repetição no interior do relato, cujas ocorrências implicam a intensificação da ação pertinente ao “ato narrativo” propriamente dito (Genette, 1972). Trata-se de um procedimento essencialmente avaliativo por meio do qual o narrador, além de acentuar os eventos de modo encadeado, dramatiza sua ação narrativa. Cabe registrar todavia que essa microfunção realiza-se mais em textos orais, embora possa ocorrer também em textos escritos o que pode ser observado em:

- (82) 21 – *Fomos subindo até que...*
- 22 – *que a gente encontrou a primeira fonte.*
- 23 – *Aí a gente encheu uma garrafa...*
- 24 – *pra quando sentisse sede no meio do caminho.*

- 25 – Aí a gente encheu a garrafa
26 – e continuou andando,
27 – pra ver a vista do alto do morro.

(N. oral – Diogo – 15 anos)

- (83) 41 – A Sara pegou uma foice e a Bíblia.
42 – A Silvana pegou a picareta e o machado
43 – e a Sara começou a ler versículos da Bíblia.
44 – Começou a ler versículos da Bíblia
45 – e o ladrão, com isso, foi embora.

(N. escrita – Sandra – 15 anos)

- (84) 19 – después que sacaron a los heridos,
depois que retiraram os feridos,
20 – me vine a la escuela...
Vim para a escola...
21 – Me vine a la escuela
Vim para a escola
22 – y entonces, no podía estudiar ni nada
e então, não podia estudar nem nada
23 – porque estaba yo nervioso...
porque eu estava nervoso...

(N. oral -Tomás – 14 anos)

- (85) 1 – En una ocaion [sic] nosotros viajamos a Guadalajara
Em uma ocasião nós viajamos para Guadalajara
2 – eran como las 2 de la mañana
eram como as duas da manhã
3 – cuando salimos en la camioneta de mi papá.
quando saímos na caminhonete de meu pai.
4 – Salimos
Saímos
5 – y entonces [sic] que nos encontramos con un trailer,
e então encontramos um trailer,

(N. escrita – Antonio -14 anos)

Os exemplos acima, tanto em português quanto em espanhol, permitem constatar que os segmentos repetidos funcionam no sentido de chamar previamente a atenção do ouvinte

ou escritor para os acontecimentos que vão ser apresentados. Tanto nos trechos orais como nos trechos escritos, os segmentos repetidos contribuem para assinalar o ponto central da história. Constituem também uma resposta à questão – e daí? – sugerida por Labov (1972) para identificar uma avaliação. De modo complementar, os segmentos repetidos, no que diz respeito ao domínio da conexão, favorecem o encadeamento seqüencial (coesão) e a expansão de idéias (formulação) ao mesmo tempo, no domínio do processamento, atuam em favor da produção, uma vez que podem ser interpretados, em última instância, como uma maneira de simplificar a produção discursiva, como será detalhado mais adiante.

Suspensão da ação narrativa

Esta realização específica da R corresponde ao lado oposto da microfunção mencionada anteriormente. Em geral, a suspensão da ação narrativa, mediante o uso da repetição, coloca em claro uma mudança de atitude do narrador, ao mesmo tempo em que assinala para o ouvinte, ou leitor, uma transposição de plano desde a perspectiva discursiva. Trata-se de um procedimento de repetição que, além de favorecer a interação, constitui um mecanismo de ‘avaliação externa’, ou seja, o narrador interrompe ou finaliza o relato, ou uma seção da narrativa, com um comentário avaliativo (Labov, 1972).

Os segmentos repetidos que evidenciam em primeiro plano a suspensão da ação narrativa costumam atuar, paralelamente, no domínio da conexão com a função específica de enquadramento, uma vez que operam de acordo com o componente formulação. Além disso, costumam favorecer o domínio da compreensão por recolocarem no espaço do relato um detalhe ou uma informação apresentada anteriormente, o que pode ser observado nos exemplos abaixo:

- (86) 50 – *Aí teve um dia lá*
51 – *que eu passei bastante mal,*
53 – *mas depois eu fui melhorando...*
54 – *depois que eu tomei os antibióticos.*
56 – *Aí eu fui melhorando.*
57 – *Aí é só.*

(N. oral – Zé Maria – 16 anos)

- (87) 32 – Então, depois de tantas brigas, resolvemos terminar de vez. /.../
35 – *Ele, tinha ficado cada vez mais exigente e ciumento.*
36 – *E eu, me tornava cada vez mais impaciente e o pior, sem amor.*
37 – Então resolvemos terminar de vez.

(N. escrita – Carola – 17 anos)

Observe-se que os segmentos destacados nos exemplos anteriores ilustram dois casos de repetição que implicam a suspensão da ação narrativa, ao mesmo tempo em que constituem a parte final do episódio.

- (88) 45 – Entonces mi papá este:: nos compró todo de nuevo.
Então meu pai este:: comprou-nos tudo de novo
46 – *Ya...ya estábamos muy tristes*
Já... já estábamos muito tristes
47 – *y al ver, pues...*
ao ver, pois...
48 – *ya no se pudo hacer más nada,*
já não se pôde fazer mais nada,
49 – entonces, ya, compramos todo de nuevo.
Então, já, compramos tudo de novo.

(N. oral – Juventino -13 anos)

- (89) 1 – *El otro día me enojé*
Outro dia me zanguei
2 – *porque mi hermana me agarró mis cosas de mi mochila*
porque minha irmã pegou minhas coisas de minha mochila
/...../
7 – *y llegó mi papá*
e chegou meu pai
8 – *y que le regaña*
e lhe repreende
9 – *y le dijo*
e dissef-lhe
10 – que no me volviera a agarrar mis cosas.
que não voltasse a pegar minhas coisas.

(N. escrita – Maria -13 anos)

No exemplo (88), o narrador retoma, ao final do enunciado, uma ação particular (*comprou*), generalizando-a (*compramos*). Quanto ao exemplo (89), com a repetição que ocorre no segmento escrito, a narradora recupera a ação que configura o problema inicial, transformando-a em resolução, o que coincide com o final do relato. Cabe destacar, ainda, que o fragmento escrito exibe uma R dentro de uma ‘avaliação interna’, que se realiza justamente quando o narrador introduz outro personagem para vetar a ação do antagonista. Conforme comenta Labov (1972), isso aumenta a carga dramática dos fatos narrados.

Quanto ao aspecto formal, as repetições que atuam como suspensão da ação narrativa costumam aparecer em posição próxima ou distante, sempre em nível estrutural (como um sintagma ou uma oração), com alguma variação.

Ênfase

Na função específica de ênfase, a repetição atua como uma espécie de valorização reiterada (por parte do narrador) de um fato, um detalhe, um elemento, uma ação ou um ponto de vista pessoal dentro da narrativa, pois o falante ou escritor prende-se ao que o narrador deseja que o ouvinte ou leitor tome em consideração. Na realidade, a ênfase constitui uma função, cuja presença torna clara uma avaliação que o narrador expressa em alguma parte do relato. Trata-se de um dos procedimentos de repetição que mais se destaca, em termos de realização nos níveis lexical e estrutural, seja nas posições de contigüidade e proximidade, seja na posição distante, não só em textos orais, mas também em textos escritos de gênero narrativo.

- (90) 17 – *Aí eu conversava com ela na hora do recreio,*
18 – *e todo mundo do lado enchendo o saco/ enchendo o saco...*
19 – *Eu gosto/ eu gosto de...*
20 – *ficá frente a frente com a menina*
21 – *e falá...*
22 – *não tem essa história de amigo não!*
23 – *Eu sou desse jeito.*

- 24 – *Aí teve um dia que eu marquei com ela depois da aula,*
25 – *mas ficô todo mundo do lado*
26 – *enchendo o saco de novo.*

(N. oral – Guilherme – 16 anos)

- (91) 17 – *Ela, às vezes, ia à escola à tarde só para me ver,*
18 – *e eu ia falar com ela,*
19 – *com todos aqueles castiçais segurando a vela,*
20 – *não tendo assim uma privacidade com a menina.*
21 – *Até que por fim numa segunda-feira eu tinha resolvido ficar com ela,*
22 – *ela veio,*
23 – *mas novamente os castiçais não largavam do meu pé.*

(N. escrita – Guilherme – 16 anos)

Os exemplos acima, que fazem parte dos relatos oral e escrito do mesmo narrador, mostram que as repetições enfáticas, além de destacar um fato constante (todo mundo do lado enchendo o saco) ou um elemento metafórico (castiçais), favorecem, de modo complementar, o encadeamento seqüencial em termos de progressão textual.

- (92) 25 – *Y en ese momento el director entra y...*
E nesse momento o diretor entra e...
26 – *“Todos, váyanse a sentar!” ((El narrador hace gesto con el brazo))*
“Todos, vão sentar!”((o narrador gesticula com o braço))
27 – *Entonces, como no se conocía el maestro,*
Então como não se (re)conhecia o professor
28 – *como se había rasurado todo,*
como havia feito a barba
29 – *este:: le dice:*
este:: disse-lhe:
30 – *“Váyase a sentar!” ((Con risa, imita el gesto de orden del director))*
“Vá sentar-se!” ((Rindo, imita o gesto de ordem do diretor))
31 – *Entonces le pega/le pega en su nuca...*
Então lhe pega/ lhe pega na nuca...

(N. oral – Alfredo – 16 anos)

Apoiada concretamente no contexto mediante a co-ocorrência da reiteração de gestos (veja-se comentários entre os pares de parênteses

acima à direita), a repetição do segmento oracional – *Váyase a sentar* – ocorre dentro do discurso direto do antagonista da história, do mesmo modo que aparece o segmento projetado como matriz, embora deste se distinga pela variação morfológica que apresenta, além da elisão do indefinido. Trata-se de um caso de repetição que atua, no fundo, como uma reformulação do que foi enunciado anteriormente, implicando uma função suplementar pertinente ao domínio da conexão. Pode-se apontar também, na recuperação do dito no discurso reportado, um *reajuste* ou *precisão de sentido*, outra microfunção específica da R que será explicada mais adiante no domínio do processamento, ao qual está vinculada.

Em termos labovianos, o segmento repetido no exemplo (92), enfocado acima, implica uma ‘avaliação interna’, ou seja, o narrador, dramatizando a ação complicadora, enfatiza por meio da R as ações de um dos personagens que, neste caso, é o diretor da escola. Enquanto no segmento narrativo que se acabou de comentar a repetição enfática ocorre em nível oracional, no fragmento seguinte, que faz parte da versão escrita da mesma narrativa, a ênfase em um elemento ocorre mediante a repetição de um mesmo segmento lexical e, posteriormente, um segmento sintagmático, como se pode observar a continuação:

- (93) 9 – El Director fue tan enojado
O diretor foi tão zangado
10 – que al maestro lo confundió como un alumno
que confundiu o professor com um aluno
11 – y lo trató hacia la pared.
E o atirou contra a parede
12 – El maestro muy triste volteó
O professor muito triste virou
13 – y dijo
e disse
14 – que él era el maestro.
Que era o professor.

(N. escrita – Alfredo – 16 anos)

A repetição do segmento lexical (*maestro*) em [12] e do

segmento sintagmático (*el maestro*) em [14] destaca o elemento central do relato, ao mesmo tempo em que atua na progressão textual, mediante a função de encadeamento sequencial. Cabe destacar que se tratam de ocorrências de R primordialmente de natureza enfática que favorecem, também, a tematização global do relato e, conseqüentemente, a compreensão.

É oportuno comentar que, em geral, o tema de uma narração pode ser identificado através de vários tipos funcionais de R entre os quais se destaca a repetição enfática. Nesse sentido, o tema costuma constituir a resultante de um sistema paralelo de repetições que atuam funcionalmente sobre as estruturas avaliativas e de informação, ambas subjacentes em um dado texto. O fragmento narrativo escrito que conforma o exemplo precedente ilustra esta afirmação.

Por outra parte, cabe observar que a função de ênfase realiza-se nos níveis lexical e estrutural, sob as formas de R-simples ou de R-complexa, conforme ilustram respectivamente os exemplos (93) e (92) apresentados acima.

Reforço

Na função de reforço, a repetição tem sido considerada, em geral, como uma espécie de ‘marcador de proeminência’. Nesse sentido, conforme a caracterização sugerida por Marcuschi (1992), trata-se de uma maneira de colocar em foco o que foi afirmado previamente, sem implicar a entrada de idéias totalmente novas. Não obstante, um segmento repetido com a função de reforço favorece uma expansão a partir de sua ocorrência.

A R como reforço, em palavras de Bessa Neto (1991: 107): “atua em situações em que o falante marca o ‘item’ lexical mais importante na seqüência que tenha terminado de concluir”. Deve-se acrescentar que o reforço costuma aparecer não só em nível lexical, mas também nos níveis sintagmático e oracional, como se pode observar no exemplo abaixo.

- (94) 01 – Foi muito engraçado
02 – porque eu fazia caratê né?

03 – *Eu era toda bravinha assim...*

04 – *Aí eu fazia caratê*

05 – *e um menino fazia caratê junto comigo.*

06 – *Eu fazia no salão do meu bloco.*

(N. oral – Liziane – 15 anos)

Embora não se realize nas mesmas proporções com que se apresenta a função enfática, a R com função de reforço compartilha com esta a natureza avaliativa, além do traço componencial de envolvimento. Do mesmo modo, as repetições de reforço atuam seja como R-simples ou como R-complexa, podendo aparecer tanto em posição de contigüidade, como de proximidade e, ainda, de distância, com respeito ao segmento projetado como matriz.

Eis um exemplo de narrativa oral, em espanhol, que ilustra a função de reforço também em nível estrutural, em posição próxima.

(95) 5 – Yo, desde hace mucho tiempo,

Eu, há muito tempo,

6 – quise recopilar todas las/las firmas y autógrafos de los futbolistas.

queria recolher todas as/ as assinaturas e autógrafos dos jogadores.

7 – Para eso, para conseguir todas las firmas,

Para isso, para conseguir todas as assinaturas,

8 – tuve que irme a hospedar...

tive que ir hospedar-me...

(N.oral – Juan – 16 anos)

Cabe observar que a repetição do sintagma – *todas las firmas* – sublinhado no exemplo (95), reforça uma informação que foi destacada previamente, mediante uma expressão pro-forma – – *para eso* (para isso). De acordo com Beaugrande e Dressler (1986: 80), as pro-formas configuram-se como elementos lingüísticos vazios de conteúdo de formas lingüísticas plenas e para reutilizar estruturas sintáticas básicas.

(96) 05 – *E eu mergulhei por baixo na piscina*

06 – *e acabei me enrolando na rede.*

- 07 – Tentei subir,
08 – mas não dava.
09 – Tentei tirar a rede,
10 – mas era muito pesada.
11 – Lutava dentro da água
12 – e não conseguia me livrar da rede .
13 – Quando pensei
14 – que tudo estava perdido,
15 – me puxaram da rede grossa
16 – e me salvaram.

(N. escrita – Gustavo – 15 anos)

O reforço no fragmento narrativo escrito (96) realiza-se mediante a recuperação do item lexical – *rede* – que reaparece em nível sintagmático – *da rede* – modificado por um adjetivo (*grossa*). Isso exige comentar a presença de uma reformulação com expansão, em termos do domínio da conexão, e até um reajuste para precisão de sentido no que concerne ao domínio do processamento, cuja descrição apresentar-se-á a seguir.

5.6 O domínio do processamento e suas funções

O domínio do processamento implica fundamentalmente a percepção do falante ou escritor com relação ao seu próprio discurso. Considera-se que dois componentes – *produção* e *compreensão* – permitem explicar os usos da repetição em termos estritamente de motivações cognitivas. Cabe aqui destacar o seguinte: considera-se que a compreensão pressupõe a produção no que concerne ao domínio do processamento. A descrição dessas duas macrofunções permite colocar em relevo as realizações específicas das repetições, produzidas pelo falante ou escritor para atender as necessidades textuais e contextuais (discursivas) derivadas do processo de seu ato narrativo.

O componente produção e suas microfunções

O componente produção constitui uma macrofunção que permite

explicar os casos de repetição que, de modo especial, mas não exclusivo, resultam das exigências da comunicação face a face. Com base nos parâmetros de classificação de Norrick (1987), identifica-se as seguintes microfunções orientadas para a produção do narrador:

Simplificação da produção discursiva

O narrador, para simplificar a tarefa de sua produção discursiva, costuma repetir alguma parte de que haja enunciado previamente, sobretudo depois de vacilações no momento da fala, o que pode ser observado em:

- (97) 01 – *Isso aconteceu quando eu estava na 5ª série primária.*
02 – *Desde muito pequena...eh:: desde pequena eu sou tímida.*
03 – *Por isso me sentia sempre sozinha na escola até que um dia...*
(N. oral – Isadora – 16 anos)

- (98) 1 – *Este:: sucedió en un partido de fútbol entre Guadalajara y América.*
Este:: sucedeu em um partido de futebol entre Guadalajara e América.
2 – *Yo, desde::mu/muy chico... desde chico yo le voy al Guadalajara*
Eu, desde:: mu/muito pequeno...desde pequeño eu vou ao Guadalajara
(N. oral – Juan – 16 anos)

Com base nos exemplos apresentados acima, pode-se afirmar que os casos de repetição que funcionam de antemão como simplificação da produção discursiva costumam operar também, embora de maneira circunstancial, em favor do domínio da conexão, seja em termos de coesão mediante a progressão textual através do encadeamento sequencial, ou de reformulação efetuada no segmento repetido. A repetição que se configura como uma simplificação da produção discursiva pode ser associada também ao empenho do narrador com respeito ao que é comunicado ao interlocutor, o que remete desde já ao componente envolvimento no domínio da interação.

Apoio para preencher pausas

Trata-se de uma microfunção da R que atua como uma espécie de suporte para a memória, principalmente depois de um falso começo. Enquanto utiliza a repetição, o narrador consegue ganhar tempo para planejar mentalmente sua próxima elocução. Os exemplos a seguir ilustram esta função:

- (99) 13 – *E esse dia a Vani se arrependeu,*
14 – *pois foi cortar o cabelo na/ no::*
15 – *foi cortar o cabelo na barbearia eh:: num gost/*
16 – *o negócio é que::*
17 – *ela arrependeu eh::*
18 – *se arrependeu e pronto,*
19 – *danou a chorar.*

(N. oral – Cezarina – 17 anos)

- (100) 1 – *Que una vez este::un sábado nos pusimos de acuerdo para::para ir/ a::*
Que uma vez este:: um sábado nos pusemos de acordo para::para ir/ a::
2 – *¿Cómo se llama... uno de los volcanes?...*
Como se chama... um dos vulcões?
3 – *No me acuerdo ahorita cómo se llama...*
Não me recordo agorinha como se chama...
4 – *Ya, nos pusimos todos de acuerdo...*
Já, nos pusemos todos de acordo...

(N. oral – Alejandro – 16 anos)

Em ambos os exemplos, a R constitui um apoio para as pausas resultantes do processamento “on line” de cada narrador e, paralelamente, funciona como um recurso que favorece a conexão textual, seja pelo enquadramento, do que se reconhece como explicitação do processo mental do falante, seja pelo encadeamento sequencial seguido de uma expansão, funções que ocorrem também nos exemplos citados.

“Ponte” ou superação de interrupções

Trata-se de uma microfunção da R que se faz presente depois

de uma interrupção provocada pela interferência de alguma pessoa ou, de modo geral, por ruídos externos conforme ilustram os exemplos:

- (101) 06 – *E então não havia reparado*
07 – *que o lugar estava molhado e escorregadio ... ((ruídos de avião))*
08 – *que estava molhado e escorregadio.*
09 – *Aí, quando saltei de uma pedra para a outra,*
10 – *levei um tombo horroroso.*
(N. oral – Antonino – 17 anos)

- (102) 1 – *Pues, esto:: sucedió en... los sismos de ochenta y cinco.*
Pois, isto:: sucedeu nos tremores de oitenta e cinco.
2 – *yo vivía en Nonoalco Tlatelolco... ((“¡Más fuerte!” – exclama un colega))*
Eu vivia em Nonoalco Tlatelolco... ((“Mais forte!” – exclama um colega))
3 – *En Nonoalco Tlatelolco, este:: en esas torres de Tlatelolco...*
Em Nonoalco Tlatelolco, este:: nessas torres de Tlatelolco
4 – *¿Sí, conoces? ((Se dirige hacia el colega))*
Sim, conheces? ((Dirige-se ao colega))
(N. oral – Israel – 15 anos)

Ao operar como ponte nos dois exemplos anteriores, a R favorece também ao encadeamento seqüencial no fluxo da produção discursiva. Nesse sentido, pode-se considerar que as repetições com função imediata de “ponte” costumam privilegiar também o domínio da conexão textual, além de favorecer a vinculação entre os interlocutores (domínio da interação), por meio da atuação da repetição com função secundária de reforço do dito.

Reparação

A R com a microfunção de reparação atua justamente nos casos em que o narrador percebe alguma impropriedade ou falha no seu próprio discurso. De acordo com Schegloff (1979a), uma organização de reparação (*repair*) funciona na conversa, dirigida aos problemas recorrentes de fala, audição e compreensão. Nesse sentido,

como sugere Bessa Neto (1991: 105), a reparação realiza-se através de um dos seguintes atos: cancelar, retificar ou mudar de perspectiva, o que desde já implica casos de repetição com variação na forma.

Em geral o falante, revisando “on line” sua formulação inicial, realiza uma mudança ao introduzir no segmento repetido uma expressão ou palavra mais adequada, conforme ilustram os seguintes exemplos:

- (103) 29 – *Aí ele pegou uma faca*
30 – *e rasgou a minha blusa.*
31 – *Acho que...*
32 – *ainda tenho a marca/ a cicatriz aqui... ((aponta o braço))*
33 – *Tá meio apagada,*
34 – *mas ainda tenho a cicatriz.*
(N. oral – Sandra – 15 anos)

O exemplo acima mostra a parada brusca (/) no enunciado quando, então, a narradora substitui a palavra “marca” por “cicatriz”, vocábulo que ela considera, possivelmente, mais apropriado para o contexto do seu relato. Também em espanhol pode-se apreciar esta microfunção de reparação. Vejamos:

- (104) 42 – *Entonces a mi me dio mucha vergüenza*
Então a mim me deu muita vergonha
43 – *porque deben haber pensado ¿qué?*
Porque devem ter pensado o quê?
44 – *Que este señor me conoci/ que este muchacho me conocía*
Que este senhor me conheci/ que este rapaz me conhecia
45 – *y ¡no!...*
e não!...
(N. oral – Norma -17 anos)

O exemplo apresentado acima faz parte da narrativa de uma jovem que conta como se sentiu molestada pela situação criada por uma pessoa que lhe cedeu um assento no metrô. Observe-se que, depois de uma parada brusca, a repetição do enunciado original apresenta uma mudança: o vocábulo *senõr* é substituído por *muchacho*, termo

que a jovem considerou mais apropriado para caracterizar, diante do ouvinte, o antagonista do seu relato. Cabe aqui registrar que, como no caso do exemplo (103), as repetições reparadoras costumam atuar como um recurso de ênfase, o que favorece a interação.

O componente compreensão e suas microfunções

As repetições orientadas para a compreensão refletem o propósito do narrador de incrementar seu discurso para um processamento mais adequado por parte do interlocutor. Considera-se que as realizações específicas da R, cujo componente principal é a compreensão, funcionam também como um recurso de que se vale o falante ou escritor para garantir a coerência textual.

Em efeito, a coerência de um texto emerge do contexto da situação e dos interlocutores. Do mesmo modo que a coesão, a coerência depende da maneira como o texto é estruturado semanticamente. Sem embargo, a coerência resulta de uma conectividade conceptual ligada ao nível social da língua, enquanto a coesão implica uma conectividade sequencial, explicitada através de marcas linguísticas e, portanto, pertinente ao nível abstrato-formal da língua. As repetições orientadas para a compreensão desempenham um papel nesses dois níveis, já que atuam desde o ponto de vista semântico e pragmático.

Ressalte-se que não há existido um consenso a respeito das funções atribuídas aos casos específicos de repetição para facilitar a compreensão. Os autores que tratam da matéria, ao sugerirem a função da R como auxílio à compreensão, fazem-no de modo generalizado. Norrick (1987), cuja proposta de classificação fundamenta os parâmetros das R resultantes de motivações cognitivas, situa no conjunto de repetições baseadas na compreensão as que resultam de reparações de uma emissão antecedente, ou da revisão do que haja sido enunciado para suprimir, ou inserir, informações adicionais. Quanto às propostas de Marcuschi (1992) e de Bessa Neto (1991), o primeiro inclui nesta categoria três funções da repetição: intensificação, reforço e esclarecimento, enquanto Bessa Neto considera apenas duas: intensificação e reforço. (Ver capítulo II, seção 2.5 do presente estudo.)

De fato, embora toda produção comunicativa tenha subjacente

(pelo menos em princípio) o propósito do autor ou escritor de alcançar a compreensão do interlocutor, as fronteiras dos procedimentos discursivos de repetição são difusas. Com base nos dados orais e escritos que conformam os *corpora* em estudo, delimitou-se três microfunções da R resultantes do componente ‘compreensão’, quais sejam: ‘*atualização de cena*’, *esclarecimento* ou ‘*metacomentário*’ e *reajuste ou precisão de sentido*. Destas microfunções específicas nos ocuparemos a seguir.

Atualização de cena

Inicialmente, deve-se esclarecer que o termo ‘*atualização de cena*’ foi utilizado pela primeira vez por Jania Ramos (1983), que caracteriza esta função da R como uma propriedade de “recolocar em cena informações que vão ajudar ao ouvinte (e ao falante) a recompor o fio central da narrativa” (*apud* Marcuschi, 1992: 143).

Considera-se que as repetições que desempenham esta microfunção atuam, primordialmente, em favor da compreensão, uma vez que permitem não só ao falante, mas também ao interlocutor (ouvinte ou leitor) tomar os elementos repetidos como uma espécie de pista semântica que os mantém dentro do caminho do relato, o que nos permite fazer referência, inclusive, ao componente envolvimento no domínio da interação.

Uma das características que permitem destacar a repetição atualizadora de cena consiste em sua realização geralmente, mas não de maneira exclusiva, em posição distante com relação ao segmento projetado como matriz, conforme ilustram os seguintes exemplos:

- (105) 01 – *Eu fui ver com meu pai um acidente de caminhão*
02 – *quando, de repente, aparece um enxame de abelhas africanas.*
03 – *Sáimos correndo.*
04 – *Mas como eu tinha o cabelo muito grande,*
05 – *elas ficaram presas no meu cabelo.*
06 – *Quando chegamos em casa,*
07 – *eu não sentia nada*
08 – *apenas fiquei com febre.*
09 – *Nesse dia dormi com meus pais.*

- 10 – No dia seguinte, quando eu acordei meus olhos não abriam
11 – estavam inchados e vermelhos.
12 – Por incrível que pareça,
13 – eu enxergava um pouco,
14 – mas com o passar do tempo, eu enxergava cada vez menos.
15 – Meus pais me levaram no médico
16 – e ele tirou uns três ferrões das abelhas africanas.
17 – Passou uns três meses
18 – para que eu pudesse enxergar direito.

(N. escrita – Teca – 15 anos)

- (106) 41 – ya después cuando la enterraron
já depois quando enterraram-na
42 – empezó a llover.
Começou a chover.
43 – Entonces me llevaron unos tíos para su casa,
Então uns tios levaram-me para sua casa,
44 – entonces y, toda mojada y todo no sabía...
então e, toda molhada e tudo não sabia...
45 – dónde estaban mis papás.
Onde estavam meus pais.
46 – Pero ya después ellos me contaron
Mas já depois eles me contaram
47 – que estaban allí en el panteón.
Que estavam ali no cemitério.
48 – Estaban viendo,
Estavam vendo,
49 – cómo terminaban de enterrar a mi hermana.
Como terminavam de enterrar minha irmã.

(N. oral – Nena – 13 anos)

Enquanto no fragmento escrito, que integra o exemplo (105), a repetição do sintagma nominal “abelhas africanas” reintroduz em cena os elementos antagonistas mencionados no princípio do relato, o exemplo (106) implica a reintrodução de uma informação apresentada num momento anterior da narrativa oral, qual seja, o ato de enterrar a irmã da narradora.

As repetições atualizadoras de cena favorecem, ademais, a

coesão textual, uma vez que implicam a conexão de idéias dentro do texto. Por outra parte, como ilustram os dois exemplos apresentados acima, os segmentos repetidos que auxiliam a compreensão podem ocorrer sob a forma de R-simples ou de R-complexa.

Esclarecimento ou ‘metacomentário’

Trata-se de uma microfunção da R que ocorre mediante uma explicitação do que tenha sido afirmado previamente por parte do narrador. A diferença básica desta microfunção com relação às outras realizações da R, direcionadas especificamente à compreensão, consiste no seguinte: uma R que funciona como esclarecimento costuma ocorrer em posição de proximidade em relação ao segmento projetado como matriz e, o mais importante, aparece em geral precedida por termos que constituem uma espécie de operador patente da repetição, tais como: ‘ou seja’, ‘quer dizer’ entre outras expressões do gênero.

Os esclarecimentos que, na terminologia de Tannen (1989), equivalem a ‘metacomentários’, prestam-se também à função textual de expansão, uma realização específica do componente formulação, cuja presença se faz patente no domínio da conexão, conforme já se mencionou em seções precedentes. Pode-se identificar também uma tendência harmônica desta função com a *especificação de detalhe*, pertinente ao domínio da interação.

Os exemplos abaixo ilustram o que se considera como função básica ou focal de esclarecimento ou metacomentário dos casos de R selecionados entre os dados orais e escritos investigados.

- (107) 06 – *Aí a minha prima tinha ligado pra mim, né?*
07 – *Quer dizer, num é minha prima de verdade,*
08 – *mas a gente considera como tal, né?*

(N. oral – Marcela -15 anos)

No exemplo (107), o sintagma sublinhado – *minha prima* – aparece na unidade de informação [06] pela primeira vez e logo é recuperado dentro de outro segmento oracional, na unidade de informação subsequente, a qual é introduzida pela expressão ‘quer dizer’ que atua quase sempre como um anunciador de repetição com expansão. O exemplo

seguinte, em espanhol, faz parte de uma narrativa escrita e ilustra também um caso de repetição precedida de uma expressão que possibilita um comentário:

- (108) 1 – A mi me impresiono
 A mim me impressionou
2 – y me asusto,
 e me assustou,
3 – porque en mi casa había un alma en pena
 porque na minha casa havia uma alma penada
4 – del cual le decíamos “el enanito”
 a qual tratávamos como “o anãozinho”
5 – y puede decir
 e pode-(se) dizer
6 – que era un alma en pena
 que era uma alma penada
7 – porque era una sombra.
 porque era uma sombra.

(N. oral – Anita -13 anos)

No exemplo em questão, a repetição do sintagma – *um alma em pena* – ocorre dentro de um comentário que a narradora realiza em relação ao que afirmara previamente. Cabe destacar que tal comentário é precedido por um segmento oracional de valor *dicendi*, o qual atua também como um elemento propulsor da repetição. A repetição, com esta função básica ou focal, realiza-se através de segmentos estruturais com ou sem variação.

Reajuste ou precisão de sentido

Esta microfunção caracteriza os casos de repetição orientados essencialmente para necessidade que tem o narrador de acrescentar maior precisão, ou reajustar o sentido do que tenha informado em momento prévio para conseguir alcançar a compreensão do interlocutor (ouvinte ou leitor). Trata-se de casos de R-oracional com variação que são típicos de contextos orais e, o que mais cabe ressaltar, evidenciam também uma operação de reformulação, função específica

da repetição, cujo componente principal (formulação) concerne ao domínio da conexão, o que pode ser observado no exemplo a seguir.

- (109) 15 – *E de uns tempos.../no começo de 95, quando ela ficou doente, né?*
16 – *Ela teve câncer no seio, né?*
17 – *ela teve que tirar o seio, né?*
18 – *Teve que amputar o seio.*

(N. oral – Marcelo – 19 anos)

Observe-se que o reajuste ocorre mediante a reformulação dos segmentos oracionais que compõem as unidades de informação [17] e [18]. O narrador, justamente para precisar o sentido das informações veiculadas no ato narrativo, busca explicitar para o interlocutor o problema enfocado, utilizando o vocábulo mais adequado e a mesma estrutura lingüística. O exemplo a seguir, em espanhol, também ilustra o reajuste ou precisão de sentido dentro de um relato oral.

- (110) 5 – Nos fuimos a los Dinamos.
Fomos aos Dínamos. ((um vulcão))
6 – Y... este:: como *íbamos medio tomados...*
Y...este:: como íamos meio bêbados...
7 – Bueno, *íbamos tomados* ¿no?...
Bem, íamos bêbados, não?

(N. oral – Juan – 17 anos)

No exemplo (110), a R na unidade de informação [7] deixa claro o propósito do narrador de precisar o sentido da informação precedente, o que é anunciado pela presença do marcador – *bueno* – que modaliza o segmento repetido ao anteceder-lo. Do mesmo modo, a R cumpre a função de um procedimento de que se vale o narrador para controlar o seu potencial discursivo como sugere Norrick (1987), o que favorece no fundo ao envolvimento interpessoal que, no caso deste exemplo, é garantido pela partícula *no* (não), um marcador pragmático característico de situações de interação.

5.7 Levantamento quantitativo das funções

Nas seções anteriores buscou-se caracterizar qualitativamente os três domínios fundamentais da R com seus respectivos componentes ou macrofunções, acompanhados das realizações específicas ou microfunções dos segmentos repetidos em diversos contextos de realização, tanto em português quanto em espanhol, seja em fragmentos narrativos orais, seja em fragmentos de relatos escritos.

Esta seção destina-se a apresentar, em um primeiro momento, o perfil geral das macro e microfunções da repetição, o qual resulta do levantamento quantitativo das funções específicas mais proeminentes ou focais, identificadas empiricamente nas 478 ocorrências de segmentos repetidos, registrados entre os dados orais e escritos do português e, do mesmo modo, nas 597 ocorrências registradas nos dados em espanhol.

Em seguida, comentar-se-á as tendências identificadas na combinação das microfunções mais proeminentes com as secundárias, no que concerne à co-ocorrência de funções entre os três domínios. O propósito específico é fundamentar a idéia da plurifuncionalidade de um segmento lingüístico ao ser repetido.

Para tanto, sob a lupa da rede tipológica elaborada a partir dos três domínios – conexão, interação e processamento – serão apresentadas duas tabelas com dados do português e do espanhol respectivamente, resultantes do registro quantitativo das funções que mais se destacam nos tipos formais de repetição, previamente delimitados ao longo dos 220 textos orais e escritos que integram os *corpora* utilizados.

Os valores exibidos nas tabelas, a seguir, correspondem às realizações mais proeminentes ou focais da R, as quais se destacam entre outras justamente por sua especificidade máxima dentro de cada segmento repetido, examinado em seu contexto de ocorrência. Eis, primeiro, o levantamento quantitativo com os dados em português:

Macrofunções <i>microfunções</i>	NARRATIVAS ORAIS		NARRATIVAS ESCRITAS	
	(QUANTIDADE E PORCENTAGEM APROXIMADA)			
Domínio da conexão				
coesão				
1. encadeamento <i>referencial</i> 10%	20	7%	18	
2. <i>encadeamento seqüencial</i> 28%	48	17%	54	
formulação				
3. <i>expansão</i>	25	9%	10	5%
4. <i>reformulação</i>	5	1.5%	0	0%
5. <i>enquadramento</i>	40	14%	15	8%
Subtotal	138	48.5%	97	51%
Domínio da interação				
envolvimento				
6. <i>especificação de detalhe</i>	10	4%	11	6%
7. <i>ampliação de significado</i>	6	2%	5	2%
avaliação				
8. <i>intensif. ação narrativa</i>	5	1.5%	4	2%
9. <i>suspensão ação narrativa</i>	7	2%	2	1%
10. <i>ênfase</i>	53	18%	40	21%
11. <i>reforço</i>	20	7%	11	6%
Subtotal	101	34.5%	73	38%
Domínio do processamento				
produção				
12. <i>simplif. da prod. discursiva</i> 0%	5	1.5%	0	
13. <i>apoio para preencher pausas</i>	10	4%	0	0%
14. <i>ponte</i>	5	1.5%	0	0%
15. <i>reparação</i>	4	1.5%	0	0%
compreensão				
16. <i>atualização de cena</i>	13	5%	15	8%
17. <i>metacomentário</i>	6	2%	6	3%
18. <i>reajuste de sentido</i>	5	1.5%	0	0%
Subtotal	48	17%	21	11%
TOTAL	287	100%	191	100%

TABELA V – 1: Perfil geral das macro e microfunções da repetição nos dados em português

Observe-se, na tabela acima, a concentração das ocorrências da repetição que atuam no domínio da conexão, revelando uma incidência de 48.5% nos textos orais e 51% nos textos escritos. Esse índice aponta para a importância dos segmentos repetidos na organização textual. A propósito, os estudos realizados por Bessa Neto (1991) e Marcuschi (1992) mostram que os dados quantitativos levantados dentro do português acusam a conexão como o fator funcional mais representativo, justamente pelo elenco de funções coesivas no que diz respeito às ocorrências de repetição. (Ver cap. 2, seção 2.5 do presente estudo.) A microfunção que se destaca pelo número de ocorrências no domínio da conexão é o encadeamento seqüencial, cujo índice de frequência nas narrativas escritas é bastante representativo (28%). Aliás, esses valores confirmam o que já se mencionou anteriormente quanto à produtividade do encadeamento seqüencial, que se dá justamente por sua ocorrência nos níveis lexical e estrutural .

No domínio da interação, encontra-se o valor mais alto no registro das repetições enfáticas, tanto nas narrativas orais (18%) como nas escritas (21%). Isto se justifica em razão do gênero textual, qual seja, narrativas de experiências pessoais, em que o componente funcional avaliativo constitui uma constante. Cabe aqui destacar também o seguinte: o componente avaliativo pressupõe e, conseqüentemente, incorpora o componente envolvimento, formando com este as bases que favorecem o surgimento e a alta frequência das repetições enfáticas.

Os valores pertinentes ao domínio do processamento acusam uma frequência mais baixa de repetições, o que se justifica porque os segmentos repetidos associados ao componente produção costumam ocorrer apenas em contextos discursivos orais, uma vez que na escrita, conforme bem observa Bessa Neto (op. cit.), sua eventual presença é anulada pelo “ato prosaico” de passar a borracha. Quanto às repetições voltadas para a compreensão, os segmentos que mais aparecem repetidos funcionam como *atualização de cena*, tanto nos textos orais (5%) como nos textos escritos (8%).

Por outro lado, a frequência aqui identificada evoca uma das hipóteses anunciadas inicialmente, a qual se coloca, agora, nos seguintes termos: **existe uma função mais geral da R que é básica, sendo esta pertinente ao domínio da conexão.**

Com o objetivo de apoiar esta hipótese, examinemos também o perfil das funções da repetição na tabela resultante do levantamento quantitativo com os dados em espanhol.

A Tabela V-2: *Perfil geral das macro e microfunções da repetição nos dados em espanhol* revela também um índice expressivo de repetições no domínio da conexão, principalmente nas microfunções de *encadeamento seqüencial* e *enquadramento*. O *enquadramento* ocupa a primeira posição nas narrativas orais (23%) e a segunda posição nas narrativas escritas (18%), enquanto o *encadeamento seqüencial*, destaca-se como o mais alto no perfil geral apresentado na tabela, com um índice de freqüência nas narrativas escritas de 30% do total de segmentos repetidos.

Quanto ao domínio da interação, os valores pertinentes às funções que mais se destacam apontam também a microfunção de ênfase como a mais representativa, com uma incidência de 20% nas narrativas orais e 25% nas narrativas escritas. Como já se mencionou anteriormente, isto se justifica pelo gênero narrativo onde o componente avaliativo constitui uma constante.

Cabe aqui recordar que Labov e Waletzky (1967), ao apontarem as duas funções de uma narrativa, quais sejam, a referencial e a avaliativa, observam que um relato que cumpre apenas a função referencial é considerado “vazio” e sem ponto de interesse. Além disso, Labov (1972) afirma que tudo o que implica um desvio da sintaxe básica da narrativa constitui uma força avaliativa marcada. Não obstante, constata-se que a repetição que opera como ênfase ultrapassa esse conceito de desvio, uma vez que se realiza como função paradigmática e não sintagmática, além de representar uma força essencialmente avaliativa.

Quanto ao domínio do processamento, a tabela V-2 registra uma diminuição na freqüência das repetições que se realizam primeiramente para atender às necessidades imediatas da produção, exigidas pela comunicação face a face. Como já se comentou, o componente produção implica a presença da R apenas em contextos discursivos orais, uma vez que, na escrita, sua eventual ocorrência não se dá pelo fato de haver oportunidade de o escritor rever sua produção e refazer ou apagar determinados segmentos repetidos na reescritura. Eis os resultados resumidos na tabela V-2:

Macrofunções <i>microfunções</i>	NARRATIVAS ORAIS (QUANTIDADE E PORCENTAGEM APROXIMADA)		NARRATIVAS ESCRITAS	
Domínio da conexão				
coesão				
1. <i>encadeamento referencial</i>	25	7%	16	7%
2. <i>encadeamento seqüência I</i>	43	12%	74	30%
formulação				
3. <i>expansão</i>	14	4%	4	2%
4. <i>reformulação</i>	7	2%	0	0%
5. <i>enquadramento</i>	82	23%	44	18%
Subtotal	171	48%	138	57%
Domínio da interação				
envolvimento				
6. <i>especificação de detalhe</i>	8	2%	10	4%
7. <i>ampliação de significado</i>	12	3%	4	2%
avaliação				
8. <i>intensif. da ação narrativa</i>	6	2%	1	0%
9. <i>suspensão da ação narrativa</i>	5	1%	1	0%
10. <i>ênfase</i>	73	20%	60	25%
11. <i>reforço</i>	30	8%	10	4%
Subtotal	134	36%	86	35%
Domínio do processamento				
produção				
12. <i>simplif. prod. discursiva</i>	2	1%	0	0%
13. <i>apoio para preencher pausas</i>	6	2%	0	0%
14. <i>ponte</i>	3	1%	0	0%
15. <i>reparação</i>	6	2%	0	0%
compreensão				
16. <i>atualização de cena</i>	18	6%	17	7%
17. <i>metacomentário</i>	6	2%	3	1%
18. <i>reajuste de sentido</i>	7	2%	0	0%
Subtotal	48	16%	20	8%
TOTAL	353	100%	244	100%

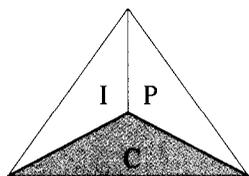
TABELA V – 2: Perfil geral das macro e microfunções da repetição nos dados em espanhol

Nesta seção, buscou-se colocar em perfil as macro e microfunções da repetição mediante os resultados do levantamento quantitativo de suas realizações em termos de especificidade máxima. Pôde-se postular a existência de uma função geral da R que se configura como básica, não só nas narrativas orais como também nas narrativas escritas. Os valores indicam que se trata da coesão ou vinculação de idéias, função básica pertinente ao domínio da conexão. Cabe aqui esclarecer que se faz a distinção entre função básica da R e função focal, uma vez que esta se destaca por sua proeminência sobre as secundárias em um dado segmento repetido, enquanto aquela se caracteriza pela generalidade de sua presença em termos globais.

5.8 Algumas tendências na combinação das funções

Nesta seção, serão apresentadas algumas tendências identificadas no que diz respeito à co-ocorrência das funções da R provenientes dos três domínios. Não se trata de apontar resultados, mas, sim, de destacar combinações que evidenciam regularidades de funções da repetição em termos de uma convivência harmônica.

O prisma triangular introduzido na primeira seção do presente capítulo apoiará graficamente, mediante um sombreado, a preponderância de um domínio sobre os restantes, no caso dos exemplos de repetição que se seguem. Entre as combinações que ocorrem com mais frequência nos segmentos repetidos, delimitados nas narrativas orais (NO) e escritas (NE), foram destacadas para propósitos de ilustração as seguintes:



A conexão em proeminência

C = conexão

I = interação

P = processamento

a) *enquadramento + reforço + precisão de sentido*

(C)

(I)

(P)

- (111) 1 – *Eu vou falar da morte de um amigo meu... próximo, quase parente.*
2 – *Foi agora em setembro...*
3 – *eh...ele morreu de acidente agora.*

(N. oral – Ana – 14 anos)

No exemplo (111), o enquadramento se destaca como função focal ou mais proeminente, justamente porque funciona como uma moldura que delimita um detalhe que a narradora, no caso, assinala já de início para chamar a atenção do interlocutor. O elemento adverbial repetido – agora – envolve junto com o segmento projetado como matriz o início do relato propriamente dito, distinguindo, dentro do texto, uma mudança de perspectiva do “mundo comentado” para o “mundo narrado”.⁷ O elemento repetido funciona também como *reforço* e, ao mesmo tempo, como auxílio na *precisão de sentido*.

O exemplo seguinte, em espanhol, ilustra também o enquadramento, atuando como função focal. Ao lado da função primária de enquadramento, observa-se também uma operação de *reforço* pertinente ao domínio da interação, além de uma *precisão de sentido* que reflete, por sua vez, o domínio do processamento. Trata-se de mais uma ocorrência de repetição em que se pode identificar uma harmonia das funções específicas pertinentes aos três domínios apontados. Observe-se que o sintagma – *la lumbre* (a chama) – emoldura o comentário do informante a respeito de sua relação com o fogo depois de sofrer queimaduras.

- (112) 17 – *y enton/... y después ya le tenía miedo, antes, a la lumbre*
e entã/... e depois já lhe temia, antes, à chama
18 – *pero ahora ya me gusta jugar con ella, con la lumbre.*
mas agora já gosto de brincar com ela, com a chama.

(N. oral – Juanito – 11 anos)

⁷ H. Weinrich (1973), em sua macro-sintaxe textual, enfoca os tempos verbais de acordo com três características constitutivas do sistema temporal: 1) a atitude comunicativa; 2) a perspectiva; e 3) o relevo. Quanto à perspectiva, explica Weinrich que o presente constitui o tempo por excelência do mundo comentado, enquanto o pretérito perfeito é o tempo nuclear do mundo narrado. (Ibid: p. 25 e ss.)

Examinemos, agora, dois exemplos de fragmentos escritos que ilustram também uma combinação, apontando mais outra função em proeminência, pertencente ao domínio da conexão, qual seja, o encadeamento seqüencial. Trata-se da seguinte combinação:

b) *encadeamento seqüencial + especificação de detalhe + esclarecimento*
(C) (I) (P)

- (113) 1 – Yo estaba con mi mamá, con mi papá y con mi hermano
Eu estava com minha mãe, com meu pai e com meu irmão
2 – pero mi hermana estaba con mis abuelitos
mas minha irmã estava com meus avós.
(N. escrita – Rocío – 13 anos)

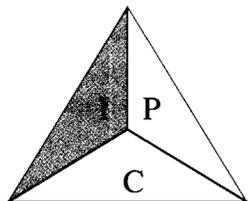
O encadeamento seqüencial, no exemplo acima, ocorre mediante um paralelismo sintático que favorece não só uma *especificação de detalhe*, mas também um tipo de *esclarecimento*, o que evoca os domínios da interação e do processamento respectivamente. Tomemos agora um exemplo do português:

- (114) 40 – *Entrei em tanto desespero, mas tanto desespero*
41 – *que não sabia mais o que fazer.*
42 – Num sabia
43 – *se eu chegava pra ele*
44 – *e falava...*
45 – *ó:: cabô::*
46 – num sabia
47 – *se dava uma bronca nele,*
48 – num sabia
49 – *o que fazê, né?*
(N. oral – Daniela – 16 anos)

O exemplo (114), que também ilustra um paralelismo sintático em nível oracional, tem como função de destaque o encadeamento seqüencial, o qual favorece às outras funções específicas conforme o esquema (b) acima.

As combinações seguintes destacam a primazia do domínio da

interação sobre os restantes, o que é ilustrado dentro de cada fragmento narrativo.



A interação em proeminência

c) ênfase + encadeamento seqüencial + simplificação da produção discursiva
(I) (C) (P)

- (115) 08 – O telefone tava tocando,
09 – ninguém quis atendê...
10 – Eu fui lá atendê...
11 – Daí eu cheguei assim:
12 – Alô::((imita voz de sono))
13 – Ainda tava cum sono,
14 – que ainda tava na cama.
15 – Já era tarde, sábado ou domingo,
16 – num lembro...
17 – Daí eu fui
18 – e atendi.

(N. oral – Rodrigo – 15 anos)

O segmento verbal repetido em [10] e em [16] enfatiza um detalhe dentro do tópico discursivo (atender o telefone), ao mesmo tempo em que assegura a progressão textual. A R favorece também a simplificação da produção discursiva em [16], onde ocorre uma variação da forma lexicêmica repetida. Observe-se, agora, o seguinte exemplo em espanhol:

- (116) 09 – y **ps** ...estaba yo sentada
e **ps**... estava eu sentada
10 – y entonces el río empezó a subir a subir.
e então o rio começou a subir a subir.
11 – Y luego, **ps** ...sentada ... ((risas))

e logo *ps...* sentada... ((risos))
12 – me mojé toda.
me molhei toda.

(N. oral – Andrea – 15 anos)

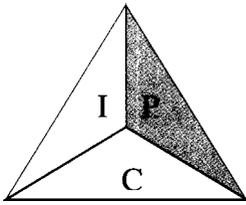
Na unidade de informação [11], o segmento lexical repetido (*sentada*) destaca sobretudo o empenho da narradora em enfatizar um detalhe dentro do relato. Além disso, ao mesmo tempo em que promove a progressão textual ou encadeamento seqüencial, a presença do segmento repetido atua como um vínculo em relação ao que foi enunciado anteriormente e como um recurso que, no fundo, favorece a simplificação da produção discursiva. O exemplo seguinte, que faz parte da versão escrita da mesma narrativa em espanhol, permite ilustrar outra combinação funcional da R de natureza enfática, que põe também em relevo o domínio da interação.

d) ênfase + expansão + precisão de sentido
(I) (C) (P)

(117) 33 – y me gustaría
e (eu) gostaria
34 – que se repitiera,
que se repetisse
35 – fue muy alegre.
foi muito alegre.
36 – La recuerdo con mucho cariño,
Recordo-a com muito carinho,
37 – toda mi familia estuvo muy unida.
Toda minha esteve muito unida.
38 – Deseo repetirla una y otra vez.
Desejo repeti-la uma e outra vez.

(N. escrita – Andréa – 15 anos)

Enquanto os exemplos apresentados acima ilustram microfunções da repetição que colocam em relevo o domínio da interação, os fragmentos narrativos que se seguem permitem apontar a proeminência do processamento sobre os demais domínios.



O processamento em proeminência

- e) atualização de cena + encadeamento sequencial + especificação de detalhe
(P) (C) (I)

- (118) 07 – Un carro se fue en sentido contrario
Um carro foi em sentido contrário
08 – Y le pasó a pegar en el pie.
e passou em seu pé.
09 – Y entonces, ya se iba el carro,
E então, já ia o carro,
10 – y otro ... se le atravesó
e outro... cruzou na sua frente
11 – para que no se fuera.
para que não escapasse.
12 – El caso es que le operaron del pie.
O caso é que lhe operaram o pé.

(N. oral – Otavio – 14 anos)

Outra combinação pode ser apreciada nos seguintes exemplos de narrativas escritas:

- f) *atualização de cena + reformulação + reforço*
(P) (C) (I)

- (119) 04 – *Tudo começou numa linda tarde de verão*
05 – *(modo de falar)*
06 – *eu estava ainda na cama*
07 – *quando o telefone tocou,*
08 – *pensando*
09 – *que alguém iria atender,*
10 – *continuei na cama.*
11 – *O telefone começou a tocar cada vez mais,*

12 – *então fui atender.*

(N. escrita – Rodrigo – 15 anos)

(120) 08 – *La vez que me dio mucho coraje*

A vez que me deu muita raiva

09 – *fue cuando una señora iba bajar de la combi*

foi quando uma senhora ia baixar da combi

!.....!

10 – *y al llegar a la escuela*

e ao chegar da escola

11 – *al bajar no me fijé*

e ao baixar não prestei atenção

12 – *y me pegue en la cabeza*

e bati com a cabeça

13 – *y una niña me vio*

e uma menina me viu

14 – *y se empezo a reir*

e começou a rir

15 – *y me dio demasiado coraje*

e me deu demasiada raiva

16 – *y yo me eche a correr.*

E eu comecei a correr.

(N. escrita – Marisol – 12 anos)

Os três exemplos anteriores recolocam em cena elementos informativos que fornecem ao interlocutor uma espécie de pista semântica que os auxilia a manter o fio do relato e, o que mais cabe destacar, mostram a pluralidade de funções dentro de um mesmo segmento repetido.

Constata-se que a triangulação entre as funções provenientes dos três domínios pode multiplicar-se de maneira quase que infinita, o que desde já evidencia que elas não se excluem. Isto permite corroborar a primeira parte da hipótese de trabalho mencionada na primeira seção do presente capítulo: **(1) as funções que cumpre um segmento repetido mantêm uma relação harmônica entre si**, não só em nível de domínios mas também de realizações específicas, conforme ilustram os fragmentos narrativos orais e escritos apresentados acima.

Por outra parte, é oportuno registrar que a análise que se há levado a cabo permite afirmar que as funções da repetição não são exclusivas de uma determinada combinação formal de traços da repetição. Os exemplos apresentados anteriormente ilustram esta afirmação. Como se pode constatar, as funções que aparecem formando uma triangulação realizam-se através dos seguintes tipos formais:

- a) R-lexical próxima simples (ex. 111)
- b) R-sintagmática próxima simples (ex. 112)
- c) R-oracional próxima complexa (ex. 113)
- d) R-oracional próxima simples (ex. 114)
- e) R-lexical próxima complexa (ex. 115)
- f) R-lexical próxima simples (ex. 116)
- g) R-sintagmática próxima complexa (ex. 117)
- h) R-lexical distante simples (ex. 118)
- i) R-oracional próxima complexa (ex. 119)
- j) R-oracional distante complexa (ex. 120)

O que se expôs acima constitui uma resposta à questão levantada no final do capítulo IV a respeito das funções realizadas mediante tipos formais, os quais implicam traços básicos sempre em distribuição complementar. Constatou-se que a oposição entre R-simples e R-complexa, seja no oral ou no escrito, não caracteriza atuações especializadas que possam configurar grupos funcionais de repetição distintos.

Vale aqui registrar que as únicas tendências a uma especialização que se pôde constatar, no que concerne à relação forma-função, referem-se às funções de natureza icônica, ou seja, a ampliação do significado da forma, cuja realização demanda o traço de contigüidade. Não obstante, a R-contígua não é exclusiva das repetições que atuam por motivação icônica, uma vez que se identificam também casos de segmentos repetidos em posição contígua com função focal de reformulação.

5.9 Registros a partir da análise funcional da repetição

Neste capítulo apresentou-se uma tipologia funcional da R que foi discutida e, posteriormente, aplicada aos textos narrativos orais e escritos que conformam os dois *corpora* investigados. Pôde-se verificar empiricamente que as funções da repetição, identificadas por outros estudiosos, resultam pertinentes e mais pontuais quando associadas aos domínios da conexão, interação e processamento. Além disso, trata-se de funções que demandam particularidades, seja em nível de micro ou de macrofunção. Não obstante, o que mais cabe ressaltar é que os segmentos repetidos exercem funções que coexistem em diferentes níveis, não só em termos de domínio, mas também de subdomínios (ou componentes) e, ainda, em níveis e realizações específicas.

Os casos de R apresentados e discutidos ao longo das últimas seções, ao mesmo tempo em que exibem uma atuação mais proeminente ou focal de um segmento repetido, permitem reconhecer outras funções correlacionadas. Pode-se afirmar que, na primeira etapa de análise, se não se privilegiasse uma microfunção no exame concreto de cada ocorrência de R identificada empiricamente, obter-se-ia uma distribuição quase que total de funções em cada domínio selecionado. Nessa perspectiva, embora a opção inicial tenha sido analisar todos os casos de repetição encontrados nos dados do português e do espanhol, levando em conta a especificidade máxima dentro do contexto de realização de cada um, não se deixou de lado as funções paralelas patentes em cada segmento repetido.

No que concerne à identificação empírica das macro e microfunções, durante a etapa do processo analítico, chegou-se a algumas constatações que merecem ser registradas:

- um segmento repetido, caracterizado como um tipo formal resultante dos possíveis cruzamentos acumulativos de traços formas, exhibe sempre mais de uma função;
- a combinação funcional da repetição inclui pelo menos uma função pertinente a cada domínio, sendo que uma delas será

mais proeminente ou focal em relação às outras;

- entre as funções do domínio da conexão, o encadeamento seqüencial, cujo componente principal é a coesão, apresenta-se como básica ou mais generalizada tanto no oral como no escrito;
- em nível de maior especificidade, uma repetição pode cumprir várias funções dentro de um mesmo domínio;
- as relações internas que se estabelecem em nível de componentes funcionais de uma R, dentro de cada domínio, implicam um sentido unilateral, ou seja, existe um tipo de vinculação semântica em que apenas um dos componentes pressupõe o outro, evidenciando uma relação esquemática do tipo [A] —> [B] em que [B] é uma ‘elaboração’ ou ‘instanciação’ de [A];
- o mesmo ocorre em nível das realizações específicas da R que, em geral, mas não exclusivamente, exibe relações de implicação de natureza unilateral e, desde logo, inclusiva. Trata-se das que se estabelecem, por exemplo, entre as microfunções de expansão e reformulação, uma vez que toda reformulação favorece uma expansão, embora nem toda expansão signifique uma reformulação; isto também se aplica às relações entre as microfunções de ênfase e reforço, ou entre encadeamento referencial e seqüencial, ou as de reformulação e enquadramento;
- outros tipos de motivações semânticas que se estabelecem entre as microfunções da R permitem apontar as seguintes implicações: (i) a exclusão, que caracteriza a relação entre as funções de intensificação e suspensão da ação, as quais estão sempre em distribuição complementar; e (ii) a ausência de relação, como é o caso das microfunções que atuam estritamente para atender às necessidades imediatas da produção “on line”, cujas condições de elaboração são, em efeito,

mais de natureza pragmática que semântica.

O alinhamento qualitativo e quantitativo das funções, além de constituir um procedimento analítico que permite constatar pontos como os mencionados acima, convalida a tipologia funcional da R que foi proposta, possibilitando, inclusive, estabelecer uma comparação, ainda que sucinta, entre os casos de repetição patentes nos textos orais e escritos dentro do português e do espanhol. O que mais cabe destacar é a similaridade quanto aos índices de frequência dos casos levantados da R nas duas línguas, conforme ilustram as TABELAS V-1 e V-2 que exibem, respectivamente, o perfil geral das macro e microfunções da repetição nos dados em português e em espanhol. O cotejo entre as duas tabelas mencionadas confirma que a repetição é fundamental nos processos de construção textual, o que se reflete principalmente na função de encadeamento seqüencial. Ao aparecer encadeando idéias, a repetição ajuda na construção de vínculos que contribuem para a organização do discurso e para apoiar as redes de interação, não só dentro do português, como também dentro do espanhol.

Chega, enfim, o momento de registrar respostas às perguntas formuladas inicialmente, quais sejam:

- a) quais são os tipos e funções da repetição no discurso oral e no discurso escrito?
- b) compartilham o oral e o escrito procedimentos que evidenciam funções análogas no que diz respeito à repetição?
- c) se diminuem as repetições na escrita, desaparecem as funções ou estas se cumprem com outros procedimentos?

No que concerne à primeira pergunta, cabe aqui registrar que, no capítulo anterior, chegou-se a 18 tipos formais de repetição, demarcados nas modalidades oral e escrita, através da identificação empírica que se levou a cabo dentro de cada texto narrativo, tanto em português quanto em espanhol. Embora os tipos funcionais identificados no presente capítulo configurem também 18 funções, não é possível relacioná-los totalmente com as formas típicas de realização. Em outras

palavras, não existe uma relação direta entre forma e função, principalmente porque uma forma exhibe sempre mais de uma função, o que se pôde ilustrar mediante a triangulação das microfunções pertinentes ao domínio da conexão, interação e processamento.

A forma até certo ponto controla o significado do segmento repetido, principalmente quando este ocorre em posição de contigüidade estrutural com relação à matriz. Não obstante, o contexto lingüístico é que vai determinar tanto o tipo formal repetido quanto as funções que por meio dele se realizam. Isto permite afirmar que o oral e o escrito compartilham procedimentos de repetição, desde que guardadas as condições de produção, de gênero textual e tipo de registro. Complementa-se, aqui, a resposta à segunda pergunta.

Quanto à terceira pergunta, respondê-la plenamente demandaria a necessidade de aprofundar determinados aspectos pertinentes à gramaticalização. Constatou-se, durante o processo analítico, que determinadas ocorrências de repetição alternam-se com o emprego de formas pronominais, como também de formas elípticas, na produção escrita de alguns informantes. Existe um consenso na literatura lingüística mais recente que aponta os pronomes como uma forma de gramaticalização da repetição. Ora, com base neste aspecto consensual, pode-se afirmar que as funções da repetição não desaparecem na escrita, uma vez que se realizam através de formas pronominais que, de fato, substituem formas plenamente lexicalizadas.

Pôde-se também observar, em vários textos escritos, que um elemento lexical ou um sintagma que aparecem inicialmente na posição de rema em relação à matriz, sofrem uma mudança gramatical ao serem repetidos, ocupando a posição de tema. Daí a abundância de repetições com a função mais proeminente ou focal de encadeamento seqüencial. Sem embargo, duas razões levam a limitar as respostas no que se refere à terceira pergunta formulada acima. De um lado, a investigação restringiu-se à caracterização formal e funcional da repetição como fenômeno lingüístico na linguagem de jovens brasileiros e mexicanos. Por outro lado, dever-se-ia aprofundar a questão da gramaticalização, um aspecto que ultrapassa não os interesses, mas a extensão do presente estudo.

Considerações finais

Neste estudo, buscou-se mostrar que a repetição cumpre funções significativas dentro do português e do espanhol, tanto no discurso oral como no discurso escrito, atuando em ambas as modalidades da língua como um recurso lingüístico que favorece sobretudo a organização textual. Sua presença nos textos orais e escritos promove a coesão referencial e seqüencial, auxilia na formulação dos enunciados e apóia a distribuição hierárquica das idéias na estrutura da informação, tanto no dado quanto no novo. Os procedimentos de repetição constituem também um apoio para que o falante ou escritor estabeleça uma vinculação interpessoal com o outro, refletindo uma ancoragem no envolvimento e, ao mesmo tempo, no componente avaliativo dentro do contexto narrativo. Considera-se que em outro gênero textual a repetição avaliativa, seja de natureza enfática, seja de reforço, possa funcionar, tanto no oral como no escrito, como uma base propícia para as funções de natureza argumentativa. Além disso, através de segmentos repetidos no interior de seu discurso, o narrador pode operar modificações em seu próprio enunciado para garantir a significação da mensagem e para facilitar a compreensão.

As considerações expostas anteriormente permitem apontar a repetição, ao lado da variação, como um recurso efetivo na criação e renovação do discurso. Tomar o ato de repetir como um procedimento que cumpre funções significativas no discurso escrito implica abrir caminhos dentro do processo de ensino da lectoescritura, o que representa um passo em direção a uma transformação que substitui o pleito de distância entre língua oral e língua escrita, subjacente ainda nas práticas educativas.

O propósito de buscar as semelhanças, ao lado das diferenças, entre a língua falada dos jovens e a sua produção escrita, condicionou, desde o início do estudo, situar o fenômeno lingüístico da repetição na linha do *continuum* oral/escrito. Paralelamente a isto, surgiram implicações e aspectos significativos em termos de constatações, que devem ser, aqui, registrados. Tomemos primeiro as implicações. Embora o ato de repetir tenha suas raízes mergulhadas na oralidade, a recolha e análise qualitativa de segmentos repetidos, em narrativas orais e escritas dentro do português e do espanhol, assim como o cotejo quantitativo de suas ocorrências, identificadas nas duas modalidades de textos narrativos, levam-nos a colocar em julgamento a afirmação corrente na literatura lingüística de que a repetição é um traço central da oralidade. Ora, já não se pode afirmar com muita veemência que este fenômeno constitui uma característica básica da língua falada, uma vez que suas realizações nos textos escritos indicam uma distribuição harmônica e, o mais relevante, sugerem uma regularidade que concerne não só à organização textual, mas também à organização discursiva.

Quanto aos tipos formais e funcionais identificados nos dois *corpora* investigados, tanto o contexto lingüístico, como as condições de produção e o tipo de registro permitiram constatar que o oral e o escrito compartilham funções da repetição análogas. Certamente a expectativa era encontrar segmentos orais e escritos repetidos com funções em comum, mas também distintas devido às diferenças contextuais entre as duas modalidades. Mas o fato de haver-se configurado uma distribuição proporcional das funções, que se manteve com valores muitos próximos na produção oral e escrita, aponta um problema associado à questão do desenvolvimento de mecanismos lingüísticos.

Ao parecer, a repetição não diminui na proporção que aumenta a idade dos jovens, o que leva a uma conjectura com relação à possibilidade de seu caráter intrínseco e imanente como fenômeno lingüístico-discursivo. Não obstante, comprovar isto exigiria uma aproximação bastante sistemática aos procedimentos de repetição, de acordo com as etapas subseqüentes de aquisição e desenvolvimento lingüístico, com inclusão de um estudo minucioso dos processos de gramaticalização. Tal investida demandaria, na realidade, abrir outra linha de investigação que poderia tomar como ponto de partida os resultados do presente estudo e, possivelmente, suplantá-los.

Entre os aspectos significativos alcançados, além de se confirmar as hipóteses levantadas, pôde-se realizar a descrição e interpretação dos tipos e funções da repetição constantes no discurso oral e escrito de jovens brasileiros e mexicanos. Cabe, aqui, destacar que se constatou uma regularidade manifestada ao longo do processo de delimitação empírica e analítica dos dados. Durante a etapa de divisão das unidades estruturais e constitutivas dos textos, correspondente à identificação das seções narrativas e das unidades de informação respectivamente, pôde-se observar nos relatos orais e escritos uma estrutura globalizadora, que emergia a partir das ocorrências de segmentos repetidos, como uma espécie de andaime temático, sustentando duas estruturas, quais sejam, a narrativa e a informacional. Trata-se, na realidade, da resultante de um sistema de repetições paralelas que atuam sobre a totalidade do texto. Embora apareçam sob diferentes tipos formais e exibindo funções distintas, as repetições conformam, com efeito, um sistema de vinculação dentro de cada texto. Pôde-se constatar que mesmo nos textos com ausência ou falhas de coesão local, os segmentos repetidos constituem uma pista que auxilia na busca da coerência discursiva.

Chega-se ao final deste estudo com algumas considerações gerais que podem ser vistas como uma forma de contribuição para o trabalho de todos aqueles que se dedicam ao ensino da língua materna e mesmo de uma segunda língua. Em primeiro lugar, a presença da repetição na linguagem, além de favorecer a organização textual, é motivada para reforçar significados discursivos particulares e apoiar

as redes de interação. É nesta perspectiva que o ato de repetir é tão significativo quanto a variação lingüística. Em segundo lugar, os procedimentos de repetição devem ser vistos como um pilar básico para os processos de substituição, os quais incorporam certamente o ato de repetir, seja mediante a sinonímia, dentro da denominada semântica referencial, seja através da pronominalização, cruzando as fronteiras do que se vem reconhecendo como gramaticalização. Finalmente, cabe ao professor de redação buscar uma conduta reflexiva a respeito de suas práticas de ensino, por meio da qual possa contemplar as formas de repetição não somente como um traço caracterizador do estilo falado, nem muito menos como um vício de linguagem, mas principalmente como um recurso que constitui um apoio para que o jovem estudante desenvolva suas habilidades discursivas na expressão escrita. Nas correções dos textos escritos, produzidos pelos alunos, o professor deve estar consciente de que as ocorrências de repetição nem sempre equivalem a meras redundâncias, uma vez que podem cumprir pelo menos uma função nos domínios da conexão, interação e processamento. Como já se mencionou anteriormente, a presença de um segmento repetido assinala, geralmente, a importância de um elemento na estrutura da informação. Na realidade, o trabalho de reconhecimento e interesse pelos procedimentos de repetição deve começar no mesmo dia em que professores e alunos iniciam sua interação em torno de um texto escrito.

Dado ao caráter exploratório da pesquisa realizada, as recomendações aqui formuladas não se circunscrevem a orientações de natureza pedagógica, tampouco representam propostas didáticas operacionais de como abordar os processos de repetição no ensino das práticas discursivas escritas. Não obstante, o objetivo central deste livro terá sido alcançado se o que foi discutido aqui contribuir para uma nova postura, sobretudo no trabalho da escola com a língua materna.

Dentro da Análise do Discurso Crítica, Norman Fairclough (1995) adverte que toda pesquisa deve vislumbrar uma prática social transformadora. Neste sentido, pode-se conjecturar que sugerir uma mudança na maneira de focar um fenômeno, principalmente se este costuma ser considerado como uma manifestação sem valor, implica

uma verdadeira reconceptualização. A presença habitual das repetições no discurso dos jovens deixa de ser encarada como um prejuízo, ou como um rastro de um mecanismo empobrecedor da língua. Certamente, além de se sobressair como um vínculo entre a língua falada e escrita, a repetição passará a ser apreciada como um fator de coesão e formulação textual no domínio da conexão, como um recurso previsto de envolvimento interpessoal e mecanismo avaliativo no domínio da interação e, ao mesmo tempo, como um padrão de efeito semântico e pragmático nos processos cognitivos de produção e compreensão pertinentes ao domínio funcional do processamento. Afinal, ninguém repete por repetir...



Bibliografía

- ALARCOS, E. L. (1994). *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.
- BAKER, E. & Kahane A. (eds.) (1996). *Written voices, spoken signs: tradition, performance, and the epic text*. Cambridge, Mass.: Harvard UP.
- BARRIGA, Villanueva, R. (1992). “De las interjecciones, muletillas y repeticiones: su función en el habla infantil”. Em R. Barriga (org.). *Reflexiones lingüísticas y literarias*. México: El Colegio de México, pp. 99-113.
- BARTON, D. (1994). “Talking about literacy”. Em *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. Londres: Blackwell, pp.10-29.
- BASTOS, L. K. (1985). *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. São Paulo, Campinas: Unicamp.
- BASÍLIO, M. (1987). *Teoria lexical*. São Paulo: Ática.
- BEAMAN, K. 1984. “Coordination and subordination revisited:

- syntactic complexity in spoken and written narrative discourse”. Em D. Tannen (ed.). *Coherence in spoken and written discourse*. Nova Jersey: Ablex, pp. 45-80.
- BEAUGRANDE, R. e DRESSLER, W. (1986). *Introduction to text linguistics*. Londres: Longman.
- BENNETT-KASTOR, T. L. (1994). “Repetition in language development: from interaction to cohesion”. Em B. Johnstone (ed.). *Repetition in discourse*. Nova Jersey: Ablex, vol I, pp.155-171.
- BERISTÁIN, H. (1985). *Diccionario de retórica y poética*. México: Porrúa.
- BERNÁRDEZ, E. (1982). *Introducción a la lingüística del texto*. Madrid: Espasa Calpe.
- BESSA NETO, R. (1991). *A repetição lexical em textos narrativos orais e escritos*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (inédita).
- BLANCHE-BENVENISTE, C. (1984). “La dénomination dans le français parlé: une interprétation pour les répétition et les hesitations”. Em *Recherches sur le français parlé* (6), pp. 109-130.
- BROWN, G. & Yule, G. (1983). *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BORTONI, S. M. 1995. “Variação lingüística e atividades de letramento em sala de aula”. Em A. B. Kleiman (org.). *Os significados do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, pp. 119-144.
- BOURDIEU, P (1983). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. Em R. Ortiz (org.). Trad. P. Monteiro e A. Auzmendi. São Paulo: Ática.
- BRUNER, J. (1984). “La intención en la estructura de la acción y de la interacción”. Em *Acción, pensamiento y lenguaje*. Trad. José L. Linaza. Madrid: Alianza, pp. 101-115.

- CÁRDENAS, A.P. e Ruíz, M.C. (1993). “Análisis de producciones narrativas orales y escritas de niños de 2º, 4º y 6º grados de educación básica”. Dissertação de Licenciatura em Linguística. Puebla: Universidad Autónoma de Puebla, vol. I e II, 211 pp. (inérita).
- CARONE, F. (1986). *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática.
- CASTILHO, A. T. (1993). “A repetição no português falado”. *Encontro de Investigadores no X Congresso Internacional da ALFAL*. México: Veracruz (texto mim.).
- _____. (1998). *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto.
- CHAFE, W. (1985). “Linguistic differences produced by differences between speaking and writing”. Em D. Olson, N. Torrance e A. Hildyard (eds.). *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 105-123.
- _____. & Tannen, D. (1987). “The relation between written and spoken language”. Em *Annual Rev. Antropology*, 16: 383-407.
- CICOUREL, A. (1980). “Teoria e método em pesquisa de campo”. Em A. Guimarães (ed.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: F. Alves, pp. 87-121.
- CLARK, R. (1996). *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COHEN, L. e Manion, L. (1983). “Triangulation”. Em *Research methods in education*. London: Croom Helm, cap.11, pp. 233-251.
- CONTRERAS, H. (1978). *El orden de palabras en español*. Madrid: Cátedra.
- COSERIU, E. (1967). “Structure lexicale et enseignement du vocabulaire”. Em *Les théories linguistiques et leurs applications*, Conseil de la Coopération Culturelle du Conseil

- de l'Europe, Nancy: AIDELA, pp. 9-87.
- DRESSLER, W. (1973). "Textgrammatik". Em *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, pp.16-88.
- FAIRCLOUGH, N. (1995). *Critical discourse analysis: the critical study of language*. Londres/ Nova York: Longman.
- FASOLD, R. (1990). *Sociolinguistics of language*. Oxford: Longman.
- FILLOL, F. e MOUCHON, J. (1977). "Alloors cet événement s'est passé. Les elements organisateurs du récit oral". Em *Pratiques*, 17: 100-127.
- FLORES D'ARCAIS, G. (1992). "La percepción del lenguaje". Em F. Newmeyer (ed.). *Panorama de la lingüística moderna*, vol. III. Madrid: Visor, pp.105-150.
- FREIRE, P. (1989). *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez.
- GARNTON, A. e Pratt, C. (1989). *Learning to be literate: the development of spoken and written language*. Nova York: Blackwell.
- GEERTZ, C. (1978). *A interpretação das culturas*, ed. bras. (1983). Trad. F. Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar.
- GENETTE, G. (1972). *Discurso da narrativa*. Trad. F. C. Martins. Lisboa: Vega.
- GOODY, J. e I. WATT. (1963). "The consequence of literacy". Em P. Giglioli (ed.). *Language and social context*. Nova York: Penguin, pp. 311-357.
- _____ (1977). *The domestication of the savage mind*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HALLIDAY, M. (1970). "Estructura y función del lenguaje". Em J. Lyons (ed.). *Nuevos horizontes en la lingüística*, ed. cast. (1975). Madrid: Alianza, pp.145-173.
- _____ (1989). *Spoken and written language*. Oxford: Oxford University Press.

- (1985). *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M. & Hasan, R. (1976). *Cohesion in English*, 11^aed. (1992). London: Longman.
- HAVELOCK, E. (1963). *Preface to Plato*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- (1991). “La ecuación oral-escrito: una fórmula para la mentalidad moderna”. Em D. Olson e N. Torrance (orgs.). *Cultura escrita y oralidad*, ed.cast. (1995). Trad. G. Vitale. Barcelona: Gedisa, pp. 25-46.
- HOEY, M. (1983). *On the surface of discourse*. Londres: George Allen & Unwin.
- (1991). *Patterns of lexis in text*. Oxford: Oxford University Press.
- ISHIKAWA, M. (1981). “Iconicity in discourse: the case of repetition”. Em B. Johnstone (ed.). *TEXT* 11(4), pp. 553 – 580.
- JAKOBSON, R. (1960). “Concluding statement: linguistics and poetics”. Em T. A. Sebeok (ed.). *Style in language*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- JEFFERSON, G. (1972). “Side sequences”. Em D. Sudnow (ed.). *Studies in social interaction*. Nova York: Free Press, pp. 294-338.
- JOHNSTONE, B. (1987). “An introduction”. Em B. Johnstone (ed.). *TEXT* 7(3), pp. 205-214.
- (1991). “Paradigmatic structure and parallelistic discourse”. Em *Repetition in arabic discourse: paradigms, syntagms, and the ecology of language*. Filadélfia: John Benjamins, cap. 2. pp. 11-35.
- (1994). “Repetition in discourse: a dialogue”. Em B. Johnstone (ed.). *Repetition in discourse. Interdisciplinary perspectives*.

- Nova Jersey: Ablex, vol I, pp. 1-36.
- KATO, M. (1987a). *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática.
- KEENAN, E. (1977). "Making it at last: repetition in children's discourse". Em *Child discourse*. S. Ervin-Tripp y C. Mitchell-Kernan (eds.). Nova York: New York Academic Press, pp.125-138.
- KLEIMAN, A. (1995). "Introdução: O que é letramento?". Em A. Kleiman (org.). *Os significados do letramento*. Campinas, SP: Mercado de Letras, pp. 15-61.
- KOCH, B. J. (1983a). "Presentation as proof: the language of arabic rhetoric". Em *Anthropological Linguistics* (25), pp. 47-60.
- (1983b). "Arabic lexical couplets and evolution of synonymy". Em *General Linguistics* (23), pp. 51-61.
- KOCH, I.G.V. (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.
- (1989). *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- (1992). "A repetição como mecanismo estruturador do texto falado". Campinas: IEL UNICAMP, texto inédito, 26 pp.
- KOCH, I. G. V. e Silva, M. C. (1993). "Atividades de construção textual em interação face-a – face". *Encuentro de Investigadores en el X Congreso Internacional de la ALFAL*. México: Veracruz, texto inédito, 16 pp.
- KRESS, G. (1979). "The social values of speech and writing". Em : R. Flower *et al* (eds.). *Language and control*. Londres: Routledge e Kegan Paul, pp. 46-62.
- (1994). *Learning to write* , 2ªed. Londres: Routledge.
- LABOV, W. & Waletzky, J. (1967). "Narrative analysis: oral versions of personal experience". Em J. Helm (ed.). *Essays on the verbal and visual arts*. Washington: Washington University Press,

pp.12-44.

- LABOV, W. (1972). "The transformation of experience in narrative syntax". Em *Language in the inner city*. Pensilvania: Pennsylvania University Press, pp.354-396.
- (1984). "Field methods of the project on linguistic change and variation". Em J. Baugh e J. Sherzer (eds.). *Language in use*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, pp. 28-53.
- LAKOFF, G. e Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.
- LANGACKER, R. (1991). "A view of linguistic semantics". Em O. Rudza (ed.). *Topics in cognitive linguistics*. Amesterdan: John Benjamins, pp. 2-27.
- LEVI-STRAUSS, C. (1976). *O pensamento selvagem*, 2ª ed. Trad. M. Celeste S. e A. Aguiar. São Paulo: Companhia Ed. Nacional (1962).
- LORD, A. (1960). *The singer of tales*. Harvard Studies in Comparative Literature, 24. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- LOPE BLANCH, J. M. (1983). *Análisis gramatical del discurso*. México: Centro de Lingüística Hispánica.
- LUDKE, M. y André, M. E. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- LYONS, J. (1977). *Semántica*, ed. cast. (1980). Trad. de R. Cerdà. Barcelona: Teide.
- (1981). "Semântica". Em *Linguagem e lingüística*, ed. bras. (1987). Trad. M. W. Averbug. Rio de Janeiro: Guanabara, pp.133-163.
- MAGALHÃES, I. (1991a). "Língua oral, língua escrita: uma questão de valores sociais". Em *Pré-textos (2)*. UnB: NELI.
- MAINGUENEAU, D. (1987). *Novas tendências em análise do discurso*, ed. bras.(1989). Trad. de F. Indursky. Campinas, SP:

Pontes.

- MELO, N.R.V. (1999), “Processos discursivos e gramaticais na fala e na escrita”, Relatório Final do PIBIC. V Congresso de Iniciação Científica. Brasília: Universidade de Brasília.
- MARCUSCHI, L. A. (1992). A repetição na língua falada: formas e funções. *Tese de Pós-doutorado em Linguística. Recife: Universidade Federal de Pernambuco*, 196 pp. (inédito).
- MONTES, R. (1993). “Repeticiones y correcciones en el habla materna”. Encontro de Investigadores no I X Congresso Internacional da ALFAL. México: Veracruz, 21 pp. (inédito).
- MONROY, A. (1990). *Salud, sexualidad y adolescencia*. México: Pax.
- MOTSCH, W. & Pasch, R. (1987). “Illokutive Handlungen”. Em W. Motsch (org.). *Satz, Text, Sprachliche Handlung*. Berlim: Akademie Verlag.
- NORDEBERG, B. (1985). “Om ungdomars samtalsstil. Nagra preliminära iakttagelser”. Em *Nysvenska Studier*, 64 (1984), pp. 5-27.
- NORRICK, N. (1987). “Functions of repetition in conversation”. Em B. Johnstone (ed.). *TEXT* 7(3), pp. 245-264.
- OESTERREICHER, W. (1996). “Types of orality in text”. Em BAKER, E. & Kahane A. (eds.) (1996). *Written voices, spoken signs: tradition, performance, and the epic text*. Cambridge, Mass.: Harvard UP, pp. 1-15.
- OLSON, D. (1977). “From utterance to text: The bias of language in speech and writing. Em *Harvard Educational Review*, 47 (3).
- ONG, W. (1977). *Interface of the word*. Ithaca, New York: Cornell University Press.
- _____ (1982). *Orality and literacy: The technologizing of the word* [*Oralidad y escritura: tecnologías de la palabra*, ed.

- cast. (1987)]. Trad. A. Scherp. México: Fondo de Cultura.
- OLIVEIRA, M. (1998). *Repetição em diálogos: análise funcional da conversação*. Niterói, RJ: EDUF.
- PARRET, H. (1988). *Enunciação e pragmática*. Trad. E. Pulcinelli et al. Campinas, SP: UNICAMP.
- PARRY, M. (1971). *The collected papers of Milman Parry* (A. Parry, ed.). Oxford: Oxford University Press.
- PEÓN, M. (1992). *Efeitos de la introducción de estrategias generales y específicas de uso del lenguaje, en la comprensión y aprendizaje de niños de primaria*. Tese inédita de Mestrado em Psicologia Educativa. México: UNAM, 100 pp.
- PERINI, M. (1980). “O papel da repetição no reconhecimento de sentenças”. Em *Ensaio de Lingüística 3*: pp.111 -123.
- POLANYI, L. (1985). *Telling the american story: a structural and cultural analysis of conversational storytelling*. Nova Jersey: Ablex.
- QUESADA, J. P. 1989. *Types and functions of repetition in American and Costa Rica newspaper editorials*. Tese de Doutorado em Filosofia. (Depto. de Lingüística). Washington: Georgetown University, 177 pp. (inédito).
- RAMOS, J. (1983). *Hipótese para uma taxonomia das repetições no estilo falado*. Tese de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 137 pp. (inédito).
- ROJAS, C. (1995). “En torno a la interacción dialógica temprana: la operación de recuperación”. Em I. Munguía e J. Lema (coords.). *Serie de investigaciones lingüísticas I*. México: UAM, pp. 195-213.
- ROMAINE, S. (1984). *The language of children and adolescents*. Nova York: Basil Blackwell.
- SCHEGLOFF, E. (1979a). “The relevance of repair to syntax-for

- conversation. Em T. Givon (ed.), *Syntax and Semantics, 12: Discourse and syntax*. Nova York: Academic Press, pp. 261 – 288.
- SCHIEFFELIN, B. B. (1979). “Getting it together: an ethnographic approach to the study of the development of communicative competence”. Em E. Ochs e B. Schieffelin (eds.). *Developmental Pragmatics*. Nova York: Academic Press, 73-108.
- SCHIFFRIN, D. (1994). *Approaches to discourse*. Cambridge, USA: Blackwell.
- SHEPHERD, S. C. (1994). “Grammaticalization and discourse: functions of repetition”. Em B. Johnstone (ed.). *Repetition in discourse*. Nova Jersey: Ablex, vol I, pp. 221-229.
- SILVA, D. E. G. (1991). *A oralidade no discurso narrativo escrito de adolescentes*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Brasília: Universidade de Brasília, 160 pp. (inérita).
- (1996). *La oralidad en el discurso narrativo escrito de adolescentes mexicanos: el fenómeno lingüístico de la repetición*. Tese de doutorado em Lingüística Hispânica. México: Universidade Nacional Autônoma de México, 195 pp. (inérita).
- STREET, B. (1984). *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- STUBBS, M. (1980). *Language and literacy: the sociolinguistics of reading and writing*. Londres: Routledge e Kegan Paul.
- (1983). *Discourse analysis: the sociolinguistic analysis of natural language*, 3ªed. (1987). Oxford: Basil Blackwell.
- TANNEN, D. (1982a). “Oral and literate strategies in spoken and written discourse”. Em *Language*, 68 (1), pp.1-21.
- (1982b). “The oral/ literate continuum in discourse”. Em D. Tannen (ed.). *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 124-147.

- (1984). *Coherence in spoken and written discourse*. Nova Jersey: Ablex.
- (1985). “Relative focus on involvement in oral and written discourse. Em D. Olson, N. Torrance e A. Hildyard (eds.). *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.124-147.
- (1987). “Repetition in conversation as spontaneous formulaicity”. Em B. Johnstone (ed.). *TEXT* 7(3), pp.215-243.
- (1989). *Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TELES, G. M. (1970). *Drumond: A estilística da repetição*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- TOOLAN, M. (1994). “The articulation of narrative text: time, focalization, narration”. Em *Narrative: a critical linguistic introduction*. Londres: Routledge, pp. 47-78.
- TRAVAGLIA, L.C. (1989). “Considerações sobre a repetição na língua oral e na conversação”. Em *Letras & Letras* 5 (1-2): 5-61.
- VIGOTSKY, L. (1940). *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*, ed. cast. (1988). Trad. S. Furió. México: Crítica.
- WEINRICH, H. (1973). “Monde commenté, monde raconté”. Em *Les temps*. Paris: Éditions du Seuil, pp. 25-65.

Denize Elena Garcia Silva é professora da UnB, mestre em Lingüística pela Universidade de Brasília, e doutora em Lingüística Hispânica pela Universidade Nacional Autônoma do México.

Na UnB desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão desde 1987. É também coordenadora do Programa de Pós-graduação dos cursos de mestrado e doutorado do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula (LIV) do Instituto de Letras da UnB, professora de Filologia Românica na graduação e de Análise do Discurso na pós-graduação, e presidente do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste (GELCO).

Este livro mostra com clareza por que se admite hoje como fato normal a repetição de sons, itens lexicais, estruturas sintáticas e enunciados no discurso oral e derruba o equívoco das gramáticas de nosso ensino escolar que insistem em resistir à presença da repetição na escrita. Uma resistência comprovadamente infundada, já que também a escrita se serve da repetição como estratégia de textualização em grau próximo ao da oralidade. Nas palavras da Autora, “embora o ato de repetir tenha suas raízes mergulhadas na oralidade”, as análises qualitativas e quantitativas evidenciaram que, tanto para o português como para o espanhol falado e escrito, pode-se “colocar em julgamento a afirmação corrente na literatura lingüística de que a repetição é um traço central da oralidade”. Mesmo fazendo um recorte nítido em seus materiais de análise, ao se restringir a textos narrativos e, dentro destes, enfocar em especial o caso dos enunciados avaliativos, as observações e as análises realizadas são riquíssimas e estimulantes a todos os interessados no funcionamento do discurso oral e escrito.

A partir das poucas observações aqui trazidas, não me restam dúvidas de que esta obra deverá servir de estímulo e inspiração a professores, pesquisadores e estudantes em suas atividades no tratamento de questões da língua, cumprindo-se, assim, um dos propósitos da Autora, quando lembra que “o objetivo central deste livro terá sido alcançado se o que foi discutido aqui contribuir para uma nova postura, sobretudo no trabalho da escola com a língua materna”.

Luiz Antônio Marcuschi

Cód. EDU: 277290

ISBN 85-230-0644-3



9 788523 006440